



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

ISIS TATIANE LIMA ALVES

**ARTEFATOS CULTURAIS NA WEB:
um estudo sobre a presença surda no YouTube**

**CULTURAL ARTIFACTS ON THE WEB:
a study of deaf's people presence on YouTube**

Campinas
2024

ISIS TATIANE LIMA ALVES

**ARTEFATOS CULTURAIS NA WEB:
um estudo sobre a presença surda no YouTube**

**CULTURAL ARTIFACTS ON THE WEB:
a study of deaf's people presence on YouTube**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Dayane Celestino de Almeida

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ISIS TATIANE LIMA ALVES, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. DAYANE CELESTINO DE ALMEIDA

Campinas
2024

Alves, Isis Tatiane Lima, 1996-

AL87a Artefatos culturais na web : um estudo sobre a presença surda no youtube
/ Isis Tatiane Lima Alves. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Dayane Celestino de Almeida.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Youtubers surdos. 2. Ciberativismo surdo. 3. Artefatos culturais. 4. Semiótica discursiva.
5. Identidades surdas. I. Almeida, Celestino de Almeida, 1981-. II. Universidade Estadual de
Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: cultural artifacts on the web : a study of deaf's people presence on
youtube

Palavras-chave em inglês:

Deaf youtubers Deaf
cyberactivism Cultural
artifacts Discursive
semiotic

Deaf identities

Área de concentração: Linguística Aplicada

Titulação: Mestra em Linguística Aplicada

Banca examinadora:

Dayane Celestino de Almeida [Orientador]

Daiane Pinheiro

Janice Gonçalves Temoteo Marques

Data de defesa: 10-07-2024

Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0001-5693-7308>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5098926659441783>



BANCA EXAMINADORA:

**Dayane Celestino de Almeida
[Orientador]**

Daiane Pinheiro

Janice Gonçalves Temoteo Marques

**IEL/UNICAMP
2024**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL

Em cerca de vinte e sete páginas do seu capítulo sobre o conceito, Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) 'o modo de vida global de um povo'; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; e (11) um precipitado da história.

– Kluckhohn (1949 *apud* Geertz, 1989, p. 4).

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu avô, Francisco Lima, por todo orgulho que o senhor sentia de mim, e à minha avó, Lucila Santana, por todo o cuidado que sempre teve comigo. Ambos deixaram uma saudade imensa em meu coração. Dedico, também, aos meus pais, Ely José Santana Alves e Márcia Serrão Lima: eu nada seria sem a orientação e apoio de vocês. Por fim, à minha irmã, Jackline Alves, por todas às vezes que deixou seus problemas de lado para ouvir e acolher os meus. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Márcia e Ely, por todo amor, palavras, paciência e incentivos recebidos. O apoio de vocês sempre foi o meu maior presente.

À Professora Dayane Celestino de Almeida, por encarar toda esta pesquisa comigo, por seus ensinamentos e orientações. Sempre me falaram que orientadores poderiam ser difíceis, saiba que sou muito grata por ter alguém tão incrível como você para me orientar. Obrigada!

Aos meus queridos amigos que, apesar de se encontrarem longe, nunca deixaram de perguntar como estava a minha vida e meus estudos, além de sempre se fazerem presentes para sanar quaisquer dúvidas e inseguranças que eu tive de mim mesma: Jackline Alves, Alanna Coelho, Andrey Ribeiro e Leniza Ramos. Espero que ainda tenhamos dezenas de anos de conversas e cafés. Amo todos vocês.

Um grande salve ao Lepo e à extensão, em especial aos meus amigos: Augusto, Thiago Belina, Thiago Mota, Jeremias. As experiências que tive com cada um de vocês serão guardadas com muito carinho. Obrigada por cada conversa, risada, golinho de café e companhia.

À amizade inesperada de Stephanie Nicole, que foi, com certeza, gratificante neste momento da minha vida e espero que nos próximos também.

Aos canais de youtube Léo Viturino, Isflocos e Visurdo, por se fazerem presentes nas redes sociais, me permitindo conhecer mais de vocês. Serei sempre grata!

Aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas que contribuíram, imensamente, para a realização desta pesquisa. E também às professoras Daiane Pinheiro e Mariana Barros pela leitura atenta para a qualificação e por suas contribuições e recomendações durante o exame, agradeço grandemente.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), financiador desta pesquisa (Termo de Concessão número 9122539714469734), sem o qual a dissertação não seria possível.

RESUMO

As novas tecnologias e a internet possibilitaram novos meios de comunicação e de transmissão cultural, seja para o aprendizado sobre outras culturas ou para a propagação da nossa própria. Em um ciberativismo surdo, as pessoas surdas têm utilizado as redes sociais e outros canais para participar, ativamente, dessa globalização, através de explicações sobre suas vidas e sobre seus ganhos e dificuldades, enquanto uma minoria linguística e cultural. Assim, o principal objetivo deste trabalho é compreender o modo como a cultura surda e os artefatos culturais surdos têm sido manifestados e reproduzidos em vídeos de *youtubers* surdos. Para tanto, realizamos uma análise dos textos verbais desses vídeos. Foram analisados três vídeos: 1) “Todos os surdos sabem ler lábios?”, do *youtuber* Léo Viturinno; 2) “Porque sou surdo?” do canal Isflocos; e 3) “Como se comunicar com o surdo?” do canal Visurdo. Os objetivos específicos são: a) entender como esses textos se constroem e quais são os mecanismos e estratégias linguístico-discursivas presentes nos enunciadores surdos; e b) compreender se esses *youtubers* surdos são ciberativistas e, se sim, que tipo de ciberativismo eles estão realizando, levando em conta que entendemos o ciberativismo como o ativismo na rede mundial de computadores, em que há uma comunicação e organização de movimentos sociais – feitos individualmente, em grupo(s) e/ou socialmente entrelaçados por lutas políticas, com o intuito de propagar cultura e militância política (Milhomens, 2009). Quanto aos artefatos culturais, eles podem ser definidos como objetos ou materiais produzidos por grupos culturais, tal como toda a experiência com a cultura de uma comunidade (Strobel, 2008). Os enunciadores dos textos analisados são surdos que utilizam a língua de sinais como sua primeira língua e participam, ativamente, da comunidade surda. O norte teórico metodológico para as análises é a semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 2020) que emprega o modelo conhecido como percurso gerativo do sentido. Além disso, para suas reflexões dos temas abordados nas discussões, a pesquisa também adota os seguintes autores: Strobel (2008a), a respeito da cultura surda; Lopes (2007) e Skliar (2016) para contextualizar os estudos Surdos; Schalleberger (2010) e Pinheiro (2012), com foco em surdos nas redes; Rigitano (2003) e Milhomens (2009), voltados para ativismo nas redes; Kumaravadivelu (2006), sobre a linguística aplicada e globalização, entre outros. Assim, conclui-se que o ciberativismo surdo é tangível e procura visibilidade para a cultura surda, bem como uma aproximação harmoniosa entre surdos e ouvintes.

Palavras-chave: *youtubers* surdos; artefatos culturais; ciberativismo surdo; semiótica discursiva; identidades surdas.

ABSTRACT

New technologies and the internet enabled the appearance of new media and cultural transmission, either for learning about other cultures or for propagating our own. In Deaf Cyberactivism, deaf individuals have been using social media and other channels to actively engage in such globalization, through explanations of their lives, their earnings and difficulties as a cultural and linguistic minority. Thus, the main objective of this paper is to understand how Deaf Culture and deaf cultural artifacts have been manifested and reproduced in videos by deaf youtubers. In order to do so, an analysis of verbal texts from these videos was conducted. In total, 3 vídeos were analyzed: 1) “Todos os surdos sabem ler lábios?” (Do all deaf people know how to lipread?), from youtuber Léo Viturino; 2) “Porque sou surdo?” (Why am I deaf?) from Isflocos channel; and 3) “Como se comunicar com o surdo?” (How to communicate with deaf people) from Visurdo channel. The specific goals are: a) understand how these text are constructed and what linguistic-discursive strategies and mechanisms are present in deaf enunciators; b) understand if the cited deaf youtubers are cyberactivists and, if so, what kind of cyberactivism they are performing. This, considering that we understand cyberactivism as activism in the World Wide Web in which there is communication and organization of Social Movements - done individually, in group(s) and/or socially intertwined with political struggles, with the intention of propagating culture and political activism (Milhomens, 2009). Regarding the cultural artifacts, they may be defined as materials or objects produced by cultural groups, just as every experience with a society’s culture (Strobel, 2008). The enunciators of the analyzed texts are Deaf people that use Sign Language as their primary language and actively engage in Deaf Community. The guiding methodological theoretical parameter for the analyses is the Greimasian semiotic (Greimas; Courtés, 2020) which employs the model known as the Generative Trajectory of Meaning. Furthermore, for reflections concerning themes explored in the discussions, the research adopted the following authors: Strobel (2008a), for Deaf Culture; Lopes (2007) and Skliar (2016), for contextualization of Deaf Studies; Schalleberger (2010) and Pinheiro (2012), for focus on deaf people in the Web; Rigitano (2003) and Milhomens (2009), for activism in the Web; Kumaravadivelu (2006), for Applied Linguistics and globalization, among others. Thus, it is concluded that Deaf Cyberactivism is tangible and seeks visibility for Deaf Culture, as well as a harmonious rapprochement between deaf and hearing people.

Keywords: deaf youtubers; cultural artifacts; deaf cyberactivism; discursive semiotic; deaf identities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Plano da Expressão e Plano do Conteúdo.....	18
Figura 2 – Quadrado semiótico: comunicação vs incomunicação.....	54
Figura 3 – Quadrado semiótico: identidade vs alteridade.....	57
Figura 4 – Quadrado semiótico: opressão vs liberdade.....	59
Figura 5 – Quadrado Semiótico Identidade vs Alteridade.....	70
Figura 6 – Comunicação Harmoniosa vs Comunicação Conflituosa.....	96

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Vídeos analisados.....	16
Quadro 2 – Comunicação vs. Quase Comunicação/problema de comunicação vs. Incomunicabilidade.....	52
Quadro 3 – Opressão vs Liberdade.....	58
Quadro 4 –Temas do vídeo três.....	65
Quadro 5 – Três momentos do nível discursivo.....	74
Quadro 6 – Cenas com seus artefatos culturais e temas.....	80
Quadro 7 – Comunicação Harmoniosa vs. Comunicação Conflituosa.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	11
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.3 METODOLOGIA.....	15
1.3.1 O corpus.....	15
1.3.2 Semiótica greimasiana (ou discursiva) como metodologia de análise.....	17
1.4 CONTRIBUIÇÃO E RELEVÂNCIA.....	22
1.5 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	22
2 CULTURA E IDENTIDADE SURDA.....	24
2.1 CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS.....	24
2.2 ESTUDOS CULTURAIS SURDOS.....	26
2.3 CULTURA E COMUNIDADE SURDA.....	27
2.4 IDENTIDADES SURDAS.....	29
2.5 ARTEFATOS CULTURAIS.....	34
3 COMUNICAÇÃO NA CIBERCULTURA: O YOUTUBE E OS YOUTUBERS SURDOS.....	38
4 ANÁLISES DOS VÍDEOS.....	48
4.1 VÍDEO 1: ARTEFATO CULTURAL – A LEITURA LABIAL.....	48
4.2 VÍDEO 2: ARTEFATO CULTURAL – BILINGUISMO SURDO.....	62
4.2.1 Introduzindo os temas.....	65
4.2.2 Família surda e causas da surdez.....	67
4.2.3 Línguas: primeira língua, bilinguismo, monolinguismo.....	70
4.3 VÍDEO 3: ARTEFATO CULTURAL – INTERAÇÕES COM SURDOS.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	106

1 INTRODUÇÃO

A partir do simples argumento que os Surdos podem ser instruídos com o auxílio de gestos da maneira como instruímos outras pessoas usando os sons da voz, e que ambos os grupos podem aprender linguagem escrita, o incansável l'Épée criou um novo mundo, toda uma geração (Berthier, 1984, p. 179 *apud* Nascimento, 2006, p. 258).

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este trabalho se debruça sobre vídeos, produzidos e divulgados por pessoas surdas no YouTube¹, em que são apresentados artefatos culturais surdos. Antes de introduzir esta pesquisa, incluindo os objetivos, cabe uma breve contextualização com relação aos dois principais temas que norteiam este trabalho: o emprego de tecnologia para divulgação de informações e da cultura da comunidade surda (temas que terão, mais adiante, capítulos dedicados a eles). Cabe também uma breve apresentação da trajetória que me levou a esta pesquisa, pela qual começo.

Há dez anos, procuro estudar e me aprofundar em assuntos ligados à comunidade surda e, desde então, encanto-me ao descobrir cada vez mais desse mundo visual. Descobri a Língua Brasileira de Sinais (Libras), em 2014, quando iniciei meus estudos como aluna do curso de Licenciatura em Letras-Libras. Fiz parte da segunda turma da UFAM (Universidade Federal do Amazonas) e participei de eventos surdos não só na universidade, como também nas escolas e associações. Nesse período, tive professores, colegas e amigos surdos e, após o término da minha graduação, passei a ter também, como professora, alunos surdos junto aos ouvintes.

Durante a graduação, ao querer integrar-me cada vez mais a esse mundo, busquei recursos acessíveis que se encaixassem na minha rotina, conciliando um emprego de meio período, aulas teóricas e práticas sobre a Libras e minha vida pessoal como uma urucuritubense² vivendo em Manaus em repúblicas estudantis. Encontrei o que procurava nos canais de *youtubers* surdos, que ofereciam conteúdos informativos e às vezes comoventes, divertidos e até irônicos.

¹ <https://www.youtube.com/>

² Pessoa que nasce em Urucurituba, Amazonas. Urucurituba fica localizada a 299 km de Manaus.

Utilizei esses recursos não apenas para praticar a língua, mas também compreender a cultura surda e como me integrar na comunidade, como ouvinte, de forma respeitosa, o que me trouxe até aqui.

Ao entrar na comunidade surda, sem contato anterior com surdos ou com a língua de sinais, sentia algumas inseguranças, que logo foram substituídas por amizades e apoio dos próprios surdos. Com paciência, eles me ensinaram sinais, observaram minha soletração manual e tentaram me incluir na conversa enquanto faziam perguntas sobre ser ouvinte ou sobre algum acontecimento do dia noticiado que ainda não tinha sido transmitido em língua de sinais. Eu apenas observava aquele mundo se materializando na minha frente, enquanto, iniciando meu contato com a cultura surda e seus artefatos culturais, como meu sinal de batismo, sentia-me acolhida.

Retornando ao ponto anterior, quando ainda não estava tão inserida na comunidade e me detinha a uma busca persistente pela cultura surda com ajuda redes sociais, o que antes pareciam mais difíceis e/ou não acessíveis, já que antigamente os sujeitos surdos transmitiam suas histórias e cultura apenas com narrações visuais, poucas vezes registradas em vídeos.

Antes do fácil acesso às informações na internet, surdos, assim como as pessoas em geral, precisavam se encontrar presencialmente. Pessoas surdas se reuniam em praças, escolas e associações para socializar com outros surdos. Uma escola de referência desde essa época para esses encontros, é o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), que está em funcionamento até os dias atuais, reunindo e integrando os surdos. O Instituto oferece educação básica (do ensino fundamental ao médio) a surdos e ouvintes, além de outras atividades recreativas.

Na ausência da tecnologia moderna, estudantes surdos com melhores condições financeiras que frequentavam a alta sociedade da época traziam para a escola, composta também por surdos de outras classes sociais, informações sobre filmes, peças teatrais, etc.; outros produziam piadas surdas ou brincavam com situações cotidianas, conforme informado por Quadros e Sutton-Spencer (2006).

Hoje, com os avanços das tecnologias digitais, principalmente no que diz respeito ao registro em vídeo e à facilidade de acesso a esse conteúdo, são observadas novas formas de registro e divulgação das línguas de sinais e de compartilhar histórias e vivências de surdos em diferentes tempos e espaços. Segundo Kumaravadivelu (2006), o traço mais distintivo nessa fase da

globalização, marcada pelo avanço da tecnologia, é a comunicação eletrônica. A Linguística Aplicada têm acompanhado esse desenvolvimento tecnológico que influencia as identidades culturais e linguísticas.

Kumaravadivelu (2006) afirma que a tecnologia tem aproximado, no âmbito dos discursos, línguas e culturas. A distância temporal se estreitou a ponto de termos acesso à informação e ao outro em poucos segundos, ou mesmo em instantes. Segundo o autor, até mesmo as fronteiras estão se desfazendo, tanto comerciais quanto em relação às ideias, normas culturais e valores, pois somos cada vez mais influenciados por culturas estrangeiras, com filmes, séries, redes sociais e vídeos na internet, formando várias comunidades virtuais em pontos distintos do planeta. Não que isso anteriormente não ocorresse, a exemplo dos bairros e grupos de determinada nacionalidade construídos dentro de outros países; no entanto, o acesso a esse meio nunca tinha sido tão fácil.

Além da questão da divulgação de informações culturais através de novas tecnologias digitais, também nos ocupamos, nesta pesquisa, como mencionado logo no início desta Introdução, de questões relacionadas à cultura surda e seus artefatos e, além disso, às identidades surdas. Para isso, baseamo-nos nos Estudos Surdos (e.g. Skliar, 2016; Perlin, 1998; Strobel, 2008a), e concordamos que tudo o que conhecemos e construímos sobre surdez vem de interpretações culturais concebidas socialmente. Portanto, procuramos relatar a surdez como uma diferença cultural e os sujeitos surdos como sujeitos que transitam entre identidades, incluindo o que se pode chamar de identidade surda.

Identidade e cultura são ideias amplamente ligadas à noção de comunidade. Bauman (2003) associa a comunidade a um lugar confortável e aconchegante, como uma lareira em dias frios; isto é, um lugar onde estaríamos protegidos de todo o perigo e ficaríamos à vontade. Nesse sentido, a comunidade surda seria esse lugar confortável e aconchegante para os surdos.

Os Estudos Surdos, estão se aprofundando cada vez mais seus estudos nessa comunidade, observando e descrevendo não a partir de uma visão clínica que enxerga o surdo como um ser deficiente, mas de uma visão antropológica que os entende como um povo minoritário (Lopes, 2007).

Com o reconhecimento da Libras, pela Lei nº 10.436 (Brasil, 2002), como meio legal de comunicação da comunidade surda brasileira, as identidades surdas também têm se destacado e se apresentado como múltiplas. A comunidade

surda, nesse sentido, luta cada vez mais pelas suas representações culturais e linguísticas, inclusive com a facilidade da comunicação trazida pela internet e pelas redes sociais (Pinheiro, 2012).

A comunidade surda, depois de décadas lutando pelo reconhecimento das línguas de sinais e do povo surdo como sujeitos culturais diferentes, tem tido avanços significativos. O desenvolvimento de pesquisas sobre identidades surdas, educação de surdos, discursos surdos, juntamente com o avanço da tecnologia, reunindo antigos e novos militantes, têm impulsionado essa mudança.

Com toda a comunidade reunida, tem havido muita informação sobre a cultura surda e essas informações estão sendo divulgadas nas redes sociais. Levando em conta que onde há surdos, há representações culturais surdas, bem como reprodução de artefatos culturais, uma pergunta emerge: como estão a apresentação e a reprodução dos artefatos culturais surdos aos não-surdos nas redes sociais globalizadas?

Strobel (2008a) define artefatos culturais como objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, tal como toda a experiência com a cultura de uma comunidade. Para a autora, são exemplos desses artefatos "materiais, vestuário, maneira pela qual o sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc." (Strobel, 2008a, p. 37).

Procuramos, nesta pesquisa, lançar luz sobre a compreensão de como os vídeos analisados (e, por consequência, outros semelhantes) podem impactar aqueles que os consomem – assim como me impactaram – e como eles fazem isso.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é compreender de que forma a cultura surda e seus artefatos culturais têm sido manifestados e reproduzidos em vídeos de *youtubers* surdos. Para tanto, realizamos uma análise dos textos verbais desses vídeos.

Tendo isso em vista, foram traçados dois objetivos específicos, a saber:

- 1) Entender como esses textos se constroem e quais são os mecanismos e estratégias linguístico-discursivas de que se valem os enunciadores surdos. Apesar de a análise pretender-se integral, um

foco especial é dado ao modo através do qual o enunciador **faz-saber** o enunciatário; isto é, ao modo como as informações que ele precisa passar para o **outro**, este, indivíduo não-surdo, organizam-se discursivamente. Nossa base teórico-metodológica para análise é a semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 2020). Partimos da hipótese de que, ao reconhecer uma diferença entre si e um **outro**, o sujeito surdo que enuncia tem uma imagem – um *pathos* – do enunciador como alguém que desconhece o aspecto da cultura surda tematizado pelo vídeo. Esse enunciador seria, então, o destinador que oferece (ou tenta oferecer) ao ouvinte aquele conhecimento.

- 2) Compreender se esses *youtubers* surdos são ciberativistas e, se sim, que tipo de ciberativismo eles estão realizando. Para isso, será levando em conta o ciberativismo como o ativismo na rede mundial de computadores, em que há a comunicação e ação de movimentos sociais, sejam elas de forma individual ou por grupos entrelaçados por lutas políticas para propagar cultura e militância política (Milhomens, 2009). Abordaremos esse debate no capítulo três.

Entender como a comunidade surda está se envolvendo nas redes sociais, mais precisamente no YouTube, no caso deste trabalho, pode fornecer percepções significativas sobre suas vontades e necessidades, ao destacarmos como eles se expressam e de que forma o fazem.

1.3 METODOLOGIA

1.3.1 O *corpus*

Este trabalho é interdisciplinar, pois se liga a áreas como a Semiótica Greimasiana, a Linguística Aplicada, a Tecnologia na Comunicação, os Estudos Surdos e os Estudos Culturais.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, conforme definida por Oliveira (2012, p. 12), como “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo

em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Nesse sentido, este trabalho consiste em uma pesquisa baseada na observação e análise de dados, sendo o recorte desses dados de origem virtual, coletados da plataforma YouTube. Vale salientar que não houve interferência na produção dos vídeos; contudo, eles foram traduzidos por mim, que sou fluente em Libras.

Esclareço também que os canais selecionados já eram conhecidos e consumidos por mim desde o período da graduação, entre os anos de 2015 a 2019. Como professora, também os empreguei em algumas aulas ministradas, principalmente nas disciplinas sobre cultura surda e gramática das línguas de sinais, nos cursos de tradução e interpretação da Libras oferecidos pela instituição de ensino do CETAM/AM (Centro de Educação Tecnológica do Amazonas).

Diante disso, foram selecionados três canais de pessoas surdas, com base nos seguintes requisitos: a) participarem da comunidade surda; b) reconhecerem sua identidade surda; c) estarem há mais de dois anos nas redes sociais; e d) utilizarem a língua de sinais como sua primeira língua. A seguir, é apresentado o Quadro 1 com informações sobre os vídeos selecionados:

Quadro 1 – Vídeos analisados

Canal Do Youtube	Nome do Vídeo	Visualizações	Data da publicação	Hashtag³
Léo Viturinno	Todos os surdos sabem ler os lábios?	13.378	07/03/2017	#Leoresponde
Isflocos	Por que sou surdo?	70.505	06/11/2020	#Libras #Comunidadesurda
Visurdo	Como se comunicar com o surdo?	148.348	08/04/2019	Não tem.

Fonte: Elaboração própria.

Mesmo havendo outras dezenas de canais que também expõem esses artefatos, a escolha dos três, em específico, deve-se, além dos critérios

³ Hashtags ou Tags são palavras-chave (relevantes) ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita na rede social Twitter (atualmente, chamada de X), posteriormente utilizadas no Facebook, Google+, YouTube e Instagram (Hashtag, 2024).

mencionados, ao tempo de familiaridade e, de consumo que tenho e tive com cada um deles.

1.3.2 Semiótica greimasiana (ou discursiva) como metodologia de análise

A principal base para nossas análises será o arcabouço teórico-metodológico da semiótica greimasiana (Greimas; Courtés, 2020), empregando principalmente o modelo conhecido como “percurso gerativo do sentido⁴” e suas categorias de análise. Nosso propósito não é investigar ou apresentar profundamente a semiótica, mas empregar seus componentes para uma análise mais detalhada dos discursos surdos. No entanto, é importante apresentarmos alguns conceitos iniciais neste ponto e reforçamos essa aplicação nos capítulos referentes às análises.

Segundo Almeida (2021, p. 173), “a Semiótica é, ao mesmo tempo, uma teoria do sentido e um método de análise de textos e discursos”. Barros (2005, p. 11), afirma que a semiótica “tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Desse modo, baseamos nossa análise na semiótica para analisar e descrever os textos escolhidos.

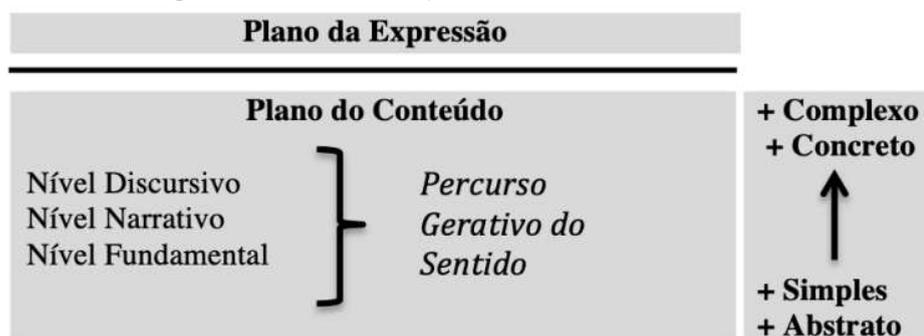
Hjelmslev (2009) apresenta o conceito de expressão e conteúdo tanto para a linguagem verbal quanto para a não verbal. Para ele, a expressão é tudo que é físico e/ou palpável de uma materialização; a “ideia” é o conteúdo.

Diante disso, expressão e conteúdo, para Hjelmslev, são uma extensão do conceito saussuriano de significante e significado. Para o autor, um texto é uma junção desses dois planos; isto é, um texto existe apenas se o plano da expressão e do conteúdo se unirem, não podendo haver um sem a presença do outro.

Neste trabalho, analisaremos apenas o plano do conteúdo, visto que é este o plano visado pela semiótica no percurso gerativo do sentido, modelo que empregamos em nossas análises. Esse modelo é organizado em três níveis que vão desde as organizações mais abstratas até as mais concretas, como se pode ver na Figura 1 a seguir.

⁴ Uma revisão detalhada da teoria semiótica e de seu modelo de análise pode ser vista em Barros (2010a), Fiorin (2005, 2008), Bertrand (2003) e Greimas e Courtés (2020).

Figura 1 – Plano da Expressão e Plano do Conteúdo



Fonte: Almeida (2021, p. 175).

Um autor que nos ajuda a entender com mais clareza o percurso gerativo do sentido é Fiorin (1995). Conforme o autor, o **nível profundo**, ou **fundamental**, é o nível mais abstrato de um texto, o qual contém uma oposição semântica que perpassa todo ele. Fiorin (1995) exemplifica essa **oposição** como sendo *A versus B*, posições em uma oposição lógica, que podem ser revestidas semanticamente, como em *Vida versus Morte*, *Liberdade versus Opressão*, *Natureza versus Cultura*. No nível profundo também se desenvolvem as ideias de **euforia** e **disforia**, ou, dito de outro modo, um discernimento entre positivo e negativo, pois, existem textos que podem apresentar a ideia da vida como euforia/positivo, assim como textos que trazem a vida como disforia/negativo, bem como a morte como euforia/positiva ou a morte como disforia/negativa, ou seja, no nível profundo são agregados valores nessas oposições.

O segundo nível no percurso gerativo do sentido é o **nível narrativo**, ou nível das estruturas narrativas. Na narrativa acontece uma **transformação de estado**, podendo o sujeito estar em um estado de **conjunção** ou em **disjunção** com o objeto com o qual interage. Por exemplo, ao dizer que *Maria está com fome*, temos o sujeito Maria em disjunção com o objeto "alimentação" ou, num nível mais abstrato, "saciação". Quando falamos *Maria estava com fome, mas agora que acabou de almoçar está satisfeita*, tivemos uma transformação do estado de Maria, ou seja, ela não está mais em conjunção com a fome, e sim com a saciação.

Para haver uma narrativa é necessário haver uma transformação de estado, como mostrado anteriormente com o exemplo de Maria. Conforme Fiorin (1995, p. 168), "a transformação é, por conseguinte, a mudança da relação entre sujeito e objeto". Dito isso, é importante expor que o sujeito não é necessariamente uma pessoa e o objeto não é necessariamente uma coisa. Para evidenciar isso,

Fiorin (2005, p. 29) exemplifica: “Quando se diz ‘o tapete voador pousou no terraço da casa’ temos uma transformação cujo estado final tem como sujeito ‘tapete voador’ e como objeto ‘terraço da casa’”.

As estruturas narrativas carregam regularidades que podem ser expressas em quatro fases, sendo elas: manipulação, competencialização, performance (ou ação) e sanção (ou julgamento). Na **manipulação**, um sujeito leva o outro a tentar agir de uma certa forma ou a fazer algo: quando uma professora fala para seu aluno estudar para não ficar reprovado, por exemplo, é um pedido e ao mesmo tempo uma ameaça; é uma manipulação para que ele aja conforme ela queira, nesse caso, como um aluno estudioso. A manipulação aparece de diversas formas: como um pedido, uma provocação, uma ordem, uma súplica, entre outras.

Utilizando como gancho o exemplo da professora, ela ministrou as aulas para o aluno e lhe deu um livro com as atividades e conteúdos estudados para que pudesse cumprir o que ela lhe pediu; logo, ela deu a ele um poder ou um saber/fazer, ou seja, lhe deu **competências**. Considerando que o aluno tenha aceitado a proposta da manipulação, lendo os livros e assistindo às aulas, ocorreu uma transformação do sujeito. Em outras palavras, ele entrou em conjunção com os estudos, ocasionando, portanto, o acontecimento de uma **performance**, uma ação. O fato de esse aluno ter estudado não significa necessariamente que ele tenha sido aprovado. Ele pode não receber uma nota boa, também pode perder a prova para a qual tanto estudou e, assim, não ser aprovado na disciplina. Os atos de recompensa ou julgamento dos textos são chamados de **sanção**. Todos os textos passam por essas fases narrativas, nem sempre expostas, muitas vezes pressupostas.

Diferente do nível narrativo, que é invariável, no **nível discursivo**, temos o nível mais concreto do texto, que apresenta variações (Fiorin, 2005). Ora, se no nível narrativo temos um sujeito em busca de um objeto, no nível discursivo temos vários tipos de possibilidades de revestimento dessa estrutura.

Para melhor compreendermos o nível discursivo, retornamos ao exemplo de Maria, que estava em conjunção com a insatisfação e depois entrou em conjunção com a satisfação, ou seja, com o saciamento de algo. Esse algo que lhe causou saciedade pode ter sido comida, e essa comida pode ter sido um frango assado, um bolo, um pão com café. Outra possibilidade é que ela tenha se saciado com descanso: *Maria se saciou com horas de sono, de preguiça na rede, de ficar deitada na cama*, ou mesmo pode ter se saciado com a leitura: *Maria ficou horas*

lendo artigos acadêmicos; Maria leu todos os capítulos do seu livro de fantasia; Maria leu todos os prints da fofoca de sua amiga até ficar saciada. O **tema** geral de todos esses exemplos é o da satisfação, Maria está satisfeita, está saciada, e todas as formas possíveis de saciação fazem parte da **figurativização**.

Essa função, em que S (sujeito) entra em conjunção com O (objeto) (**nível narrativo**), reveste-se em Maria, que se saciou com o bolo de chocolate; ou seja, reveste-se no **nível discursivo**. Existem dois tipos de revestimento, ou seja, de concretização, dessas narrativas: a **temática** e a **figurativa**:

Cada um desses tipos de texto tem uma função diferente: os temáticos explicam o mundo; os figurativos, criam simulacros do mundo. Por exemplo, uma tese que discutisse a situação de penúria e as péssimas condições de trabalho dos operários franceses nas minas de carvão no século XIX, a questão da produção da mais valia e as lutas para melhorar essas condições de vida seria um texto temático; já o *Germinal*, de Zola, que trata desses mesmos assuntos, é um texto figurativo, pois faz uma representação de tudo isso. A dissertação é temática, enquanto a descrição e a narração são figurativas (Fiorin, 1995, p. 171).

É no nível discursivo, também, que opera a **temporalização**, a **espacialização** e a **actorialização**. Nele há um enunciador que tenta convencer seu enunciatário a crer no seu discurso. Nesse contexto, para existir, o discurso deve estar firmado em um tempo, em um lugar e em uma pessoa; sem isso o discurso não existe (Fiorin, 1995).

Outros conceitos da semiótica que se fizerem necessários para o entendimento da dos vídeos selecionados serão convocados quando necessário, durante as análises.

Finda-se esta breve explanação sobre a semiótica discursiva e alguns de seus conceitos, passamos para a apresentação da contribuição e relevância deste trabalho. Antes, porém, ressaltamos que cremos que a abordagem semiótica greimasiana tenha sido um guia satisfatório para esta pesquisa, possibilitando-nos compreender o que e de que modo os surdos estão comunicando no YouTube

1.4 CONTRIBUIÇÃO E RELEVÂNCIA

A pesquisa que aqui se apresenta procura entender como os artefatos

culturais surdos são apresentados e reproduzidos por uma comunidade minoritária, a surda, no YouTube, em canais que se encontram amplamente difundidos. Uma das contribuições de nossos resultados está na possibilidade de o conteúdo dos vídeos ajudar a discernir as melhores práticas para abraçar, respeitar e interagir com as diferenças, promovendo um discurso de inclusão e aceitação tão relevante nos dias atuais. Ao longo das análises e na conclusão da dissertação ficará evidente que os surdos estão ativamente expressando sua cultura, língua, espaço e desejos nas redes sociais.

Outra contribuição é o melhor entendimento sobre o funcionamento desses textos, que compartilham características em suas estruturas narrativas e também em elementos de seu nível discursivo, como os temas que emergem. E, por fim, este trabalho mostra-se relevante ao procurar demonstrar que há uma necessidade evidente de aliança mais próxima entre o mundo dos surdos e o dos ouvintes.

1.5 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O trabalho foi estruturado nesta introdução e em outros quatro capítulos. O primeiro deles aborda os conceitos de cultura, cultura surda, identidade surda, além dos artefatos culturais que circulam no meio surdo. A cultura surda traz artefatos ligados ao âmbito visual e ao ganho de ser surdo.

O capítulo seguinte discorre sobre o YouTube e o ciberativismo surdo e como essa comunidade se movimenta nesta rede, impactando surdos e ouvintes. Também se discutem categorias do ciberativismo e se elas se aplicam ou não aos vídeos estudados.

Após esse, há o capítulo das análises, que apresentará três vídeos: “Todos os surdos sabem fazer leitura labial?”, do canal Léo Viturino; “Por que sou surdo?”, do canal Isflocos, e “Como se comunicar com um surdo?”, do canal Visurdo e uma prática mais nítida dos conceitos semióticos. Por fim, serão realizadas as considerações finais, apresentando a relação entre as análises e os resultados, além da conclusão a que chegamos com o trabalho.

2 CULTURA E IDENTIDADE SURDA

E os processos culturais comumente se difundem e se reinterpretam (Borgoño, 2017, p. 18).

2.1 CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS

Para nos aprofundarmos sobre os artefatos culturais surdos, precisamos compreender os conceitos de cultura, cultura surda e identidade surda. Em suma, para abordar a cultura surda, é importante tratar, primeiramente, da própria noção de cultura, que vem sendo assunto de diversos campos, tais como a sociologia (e.g. Bourdieu, 1989; 2003), história (e.g. Burke, 1995; 2005), psicologia (e.g. Valsiner, 1987; 2014; 2007), antropologia (e.g. Geertz, 1956; 1973; Laraia, 2001), linguística (e.g. Ribeiro; Garcez, 1998; Mollica e Ferrarezi Junior, 2016; Hanks, 2008), entre outros. O termo cultura circula fortemente por todos esses campos e aparece também no senso comum. No entanto, com tantas pesquisas e vertentes, definir cultura é algo complexo. Tendo isso em vista, iremos nos apropriar de alguns conceitos que nos direcionarão nesta pesquisa.

De acordo com Laraia (2001), a ideia de cultura já germinava desde o século XVIII, quando Edward Tylor cunhou a palavra do vocabulário inglês, *culture*, para conceituar o que os germânicos nomeavam de *kultur* e de *civilization*. O primeiro termo se referia a todos os aspectos espirituais de uma comunidade, e o segundo era utilizado pelos franceses para nomear as realizações materiais de um povo. Ao misturar esses conceitos, Tylor utilizou a palavra *culture* para abranger todas as possibilidades de realização humana (Tylor, 1871 *apud* Laraia, 2001).

Williams (2007) complementou postulando que a palavra cultura manifesta, de forma simultânea, domínios simbólicos e materiais que sugerem a diferença entre nós e outros animais. Geertz (1989) afirma que o ser humano só se tornou o que é quando cruzou um ponto mental sem retorno e foi capaz de transmitir o conhecimento, a crença, as leis, a moral e os costumes. Ele ainda expõe que a definição de cultura é tão ampla que Clyde Kluckhohn demonstrou 11 conceitos em um artigo de 27 páginas, com essas definições abrangendo todas as referências

sobre o conceito de cultura comentadas anteriormente e ainda outras. Esses conceitos são:

(1) o modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) o comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; e (11) um precipitado da história (Kluckhohn, 1949⁵ *apud* Geertz, 1989, p. 4).

No âmbito da Linguística Aplicada, de acordo com Maher (2007), a cultura não é como uma herança, mas sim “uma produção histórica, uma construção discursiva” (Maher, 2007, p. 261) que se reproduz constantemente, definindo palavras, conceitos, categorias e valores, de modo a ser no âmbito dessas definições que se orienta a forma como vivemos nossas vidas. É dentro desses posicionamentos de cultura que se reproduz e se modifica, através do tempo e do espaço, o modo de vida global de um povo – que diz respeito ao legado social adquirido de um grupo e, além disso, a uma forma de pensar, sentir e acreditar. Sob essa perspectiva de cultura, iremos nos direcionar neste trabalho, bem como sob a perspectiva adotada pela área dos Estudos Surdos, que irá nos ajudar a entender a cultura surda.

No âmbito dos Estudos Culturais, Grossberg, Nelson e Treichler (2011) afirmam que o campo da cultura é como um estudo dos processos e conhecimentos úteis dos seres humanos. Suas principais categorias de estudos são as seguintes: gênero e sexualidade, nacionalidade, etnia, cultura popular, política de identidade, cultura global, raça, colonialismo e pós-colonialismo, entre outras. Diante dessa variedade, Grossberg, Nelson e Treichler (2011, p. 13) concluem que os “Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade”.

Tendo isso em vista, esta dissertação foca no grupo étnico minoritário das pessoas surdas, já que a ideia de surdez é construída no meio sociocultural, a partir de representações e interpretações do que seria “normal” e do que seria “exótico” dentro de determinados grupos. Esse ponto de vista de normal e exótico justifica e

⁵ Fonte consultada não paginada.

categoriza o que somos nós e o que é o outro (Lopes, 2007). Para tanto, iniciaremos a discussão pelos Estudos Surdos.

2.2 ESTUDOS SURDOS

Os Estudos Surdos destacaram-se na década de 1980, quando grupos de pesquisadores voltaram seus olhares para as comunidades surdas como sujeitos culturais diferentes, relacionando-os com os conceitos antropológicos ao invés de com viés clínico, como era comum investigar a pessoa surda.

Embora houvesse pesquisas anteriores sobre a língua e a cultura surda, ainda não tinham sido vistos estudos reunidos de forma organizada e em grande quantidade até o momento em que iniciam os chamados Estudos Surdos (Lopes, 2007). Nesse sentido, Skliar (2016, p. 5) estabelece os Estudos Surdos como:

[...] um programa de pesquisa e educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (Skliar, 2016, p. 5).

O surdo passou então, a partir dos “anos oitenta do século passado, inclusive no Brasil, a ser integrante de um grupo étnico minoritário” (Lopes, 2007, p. 25). Com isso, inicia-se o processo de pensar abordagens diferentes para esse grupo. Após o fracasso da educação de surdos diante do método oralista⁶, reformularam-se, e ainda têm sido reformuladas, as convicções sobre o sujeito surdo, além das pesquisas e descrições em torno da língua, das políticas educacionais que lhes são direcionadas, e de como são as relações de saberes entre surdos e ouvintes (Skliar, 2016).

Como dito, esses grupos de pesquisadores passaram a centrar suas pesquisas nas comunidades surdas, compreendendo a surdez como uma diferença cultural. Convém ressaltar que, entre os pesquisadores, há também surdos acadêmicos envolvidos, formando aliados com diferenças culturais e linguísticas

⁶ O grande problema herdado da filosofia oralista é o efeito colateral que se instaurou na comunidade surda, ou seja, o sentimento de indignação, frustração, opressão e discriminação entre usuários dos sinais, uma vez que, durante as sessões de fala e treinos repetitivos pregados pelo oralismo do passado, a língua de sinais foi banida e rejeitada em prol do uso exclusivo da língua oral (Gesser, 2009, p. 56).

que buscam juntos outras perspectivas identitárias para se entender a língua de sinais e a materialização da própria cultura surda (Lopes, 2007). Conforme elenca Lopes (2007), alguns grupos pioneiros desse campo são o NUPPES (Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação de Surdos), o GELES (Grupo de Estudos sobre Linguagem e Surdez) e o GES (Grupo de Estudos sobre Linguagem e Surdez).

Agregamos este trabalho às diversas pesquisas realizadas por esses grupos, ao relacionar-se com suas ideias e posicionamentos, procurando refletir sobre as seguintes questões: o que é fazer parte da comunidade surda? Como se caracteriza essa comunidade?

2.3 CULTURA E COMUNIDADE SURDA

A comunidade surda é conceituada como um grupo de pessoas que vive num determinado local e que partilha os mesmos objetivos entre seus membros. Estes compreendem, de acordo com Strobel (2008b) e Padden e Humphries (2006), não apenas os sujeitos surdos, mas também os ouvintes, como os membros de sua família, os CODAs⁷, os intérpretes, os professores e os amigos.

Há muitos relatos que registram a história dos surdos em diversos períodos e em dezenas de civilizações diferentes. No entanto, os primeiros registros de comunidades surdas nascem junto com as associações oriundas da escola de *l'Épée*, o *Institution Nationale des Sourds-Muets Paris*, no século XVIII (Benvenuto; Senguillon, 2016). Nessa época, alunos e ex-alunos foram responsáveis por fundar associações de surdos que tinham como objetivos oferecer amparo para os surdos defenderem suas políticas e reivindicações, além de orientar e acolher surdos doentes, desempregados e ensiná-los assuntos de diversas áreas de conhecimento (Benvenuto; Senguillon, 2016).

No Brasil, em 1857, foi inaugurado a primeira escola de surdos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Embora as aulas e orientações fossem ministradas na língua de sinais francesa, trazida por Eduard Huet, o INES sempre recebeu, por anos, alunos surdos brasileiros. Como havia na escola alunos

⁷ *Children of Deaf Adults*, isto é, filhos ouvintes de pais surdos.

de diversos estados do país, essa experiência reuniu uma variedade de línguas de sinais (Strobel, 2008c; Campello, 2008).

Muitos desses alunos tornaram-se militantes surdos a lutar pelo reconhecimento de sua língua, da cultura surda e das identidades surdas brasileiras, criando associações em vários estados do país. Essas associações mantêm a tradição de se destinarem ao esporte e ao lazer e de trazer para a comunidade surda apoio nas lutas políticas. Um exemplo é a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), uma entidade sem fins lucrativos criada em maio de 1987 que tinha como objetivo a “defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos” (Feneis, 2021⁸).

A comunidade surda é, então, formada por surdos que se relacionam com outros surdos e por ouvintes que utilizam os mesmo espaços — sejam eles espaços físicos ou cibernéticos — conforme veremos no capítulo 3 — para se apoiarem e se fortalecerem politicamente. Vale ressaltar que onde há encontro de surdos, há produção de cultura surda.

Strobel (2008a) afirma que a cultura surda é o modo do sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo para que este se torne acessível e confortável, contribuindo, assim, para construção da identidade surda, bem como de suas comunidades, para o atendimento de todas as suas particularidades. Segundo a autora, “isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (Strobel, 2008a, p. 24).

Outra definição é que a cultura surda, conforme Perlin e Strobel (2014), é o comportamento reproduzido e compartilhado por surdos, seja nas escolas ou associações de surdos, seja onde houver surdos e compartilhamento de experiências com seus semelhantes. E ainda, Thoma (2012) descreve a cultura surda como visual e retrata que a língua de sinais é o código mais compartilhado, uma das maiores características da comunidade surda — permitindo, assim, que os surdos se sintam à vontade nos espaços comunitários. Labourit (1994) também aborda a experiência de encontro entre surdos, como estes compartilham suas identidades e como suas histórias se tornam comuns e entendíveis por todos eles:

A grande diferença é que quando um surdo encontra outro surdo pela primeira vez, contam um ao outro [...] histórias dos surdos, quer dizer, a

⁸ Fonte consultada não paginada.

história da sua vida. De imediato, como se se conhecessem desde sempre. O diálogo é automático, direto e fácil (Labourit, 1994, p. 81).

Dito isso, os sujeitos surdos se reconhecem, se relacionam e compartilham suas vivências no mundo dos ouvintes, tendo histórias e experiências visuais parecidas uns com os outros e, em diferentes graus, com seus familiares, amigos e com o restante do meio social – ambiente escolar, profissional, entre outros. Comunidades surdas e culturas surdas se efetuaem nos encontros entre surdos e ouvintes que utilizam a língua de sinais, uma das características mais marcantes da comunidade surda.

Ao convivermos em determinadas comunidades culturais, há a construção de identidades. As identidades dos sujeitos não apenas aparecem na natureza, mas sim são uma construção social e simbólica de uma comunidade. Nesse sentido, a identidade surda “é construída através de uma cultura visual, mas não é uma construção isolada, mas também uma construção multicultural” (Perlin, 2016, p. 58). Assim, é nessas comunidades surdas que se fortalecem as identidades surdas (Zappe, 2010). Diante disso, o que são as identidades surdas? Concentramo-nos em responder a essa pergunta no tópico 2.4.

2.4 IDENTIDADES SURDAS

Ao longo dos anos, as identidades modernas estão sendo descentradas, uma afirmativa de Hall (2006), que também traçou aspectos de antigas identidades já construídas na sociedade. O primeiro aspecto, começando pela identidade dos sujeitos do Iluminismo, tem a ver com o fato de que essas identidades eram baseadas na concepção de que o indivíduo já nascia “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo interior” (Hall, 2006, p. 10), ou seja, uma identidade que surgia logo após o nascimento e se mantinha= inalterada ao longo de sua existência.

Em sequência, o autor apresenta a identidade sociológica, cuja construção se dá através do círculo de pessoas que cercam o indivíduo, isto é, não se trata mais de uma identidade autônoma e autossuficiente, que nascia com o sujeito, mas sim de uma identidade formada por relações com outras pessoas, que mediavam para os sujeitos, valores, sentidos e símbolos. “Assim, a identidade é

formada na interação entre o eu e a sociedade (Hall, 2006, p.12)”. A identidade cultural sociológica vincula o sujeito às estruturas sociais. Entretanto, uma mudança está ocorrendo na sociedade contemporânea, em que essa estabilidade do sujeito com a sociedade unificada está se alterando, dando espaço às identidades fragmentadas. As identidades antes únicas e previsíveis estão se locomovendo e dando visibilidade a novas identidades, muitas vezes contraditórias ou não-resolvidas, “produzindo um sujeito pós-moderno que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006, p. 12). Ao analisar as identidades fragmentadas — as identidades que estão sendo reformuladas no período atual —, podemos perceber que não existe uma identidade única e completa, elas permanecem incompletas, sempre em processo, sempre sendo formuladas.

Segundo Pinheiro (2012, p. 23), logo, “a identidade surda, assim como qualquer outra, é produzida discursivamente de acordo com o local histórico e institucional em que se encontra”. A identidade e a diferença são formadas por atos de linguagem (Silva, 2000), ou seja, quem constrói o outro é o sistema linguístico pelo qual somos governados — no caso dos surdos, a língua de sinais própria daquela comunidade. Diante disso, afirmamos que a surdez não é apenas uma condição fisiológica, mas é também concebida socialmente e influenciada por uma construção social. Assim sendo, o sujeito surdo irá construir sua identidade, sua autonomia e sua autoestima de acordo com o modo como ele é representado, isto é, como o nomeiam nesse mundo.

Surdos que nascem em famílias ouvintes reconhecem sua diferença ao crescer sem a representação de outros surdos. No livro *O grito da gaivota* (1994), a autora, Emanuelle Labourit, descreve sua infância até os sete anos de idade, marcada pela ausência da língua de sinais e/ou de representações surdas: “Não havia compreendido que eu era surda. Somente que existia uma diferença” (Labourit, 1994, p. 18).

Na obra, Labourit segue contando como foi assustador encontrar o primeiro surdo adulto, pois, até aquele momento, para ela, crianças surdas nunca se tornavam adultas. Ao conhecer Alfredo em um centro destinado a pessoas surdas, deparou-se com a língua de sinais e com pessoas iguais a ela:

Alfredo chega à minha frente e diz: ‘Sou surdo como tu, uso os gestos. É a minha língua’. Usando a mímica, perguntei: ‘Por que é que não usas aparelho auditivo?’ Ele sorriu. Para ele é evidente que um surdo não precisa de aparelho, enquanto para mim representa um ponto de referência visível.

Alfredo é, pois, surdo, não usa aparelho e ainda por cima é adulto. Creio que levei algum tempo a compreender aquela tripla bizarria. Em contrapartida, aquilo que eu compreendi de imediato foi que não estava só no mundo. Revelação que foi um choque (Labourit, 1994, p. 34).

Silva (2000) apresenta o que seria a identidade e a diferença; sendo a identidade aquilo que o sujeito é e a diferença aquilo que ele não é. Nesse viés, Labourit (1994) sabia que era diferente, que não tinha a identidade de ouvinte como sua família. Ela diz que entendeu ser surda no momento em que encontrou seus iguais — primeiramente ao descobrir que existiam outros surdos e que havia uma forma de comunicação gestual: “são espantosos, rápidos, complicados. O código simplista que inventei com a minha mãe é à base de mímica e de palavras oralizadas” (Labourit, 1994, p. 34). Em contato com a língua de sinais, Emanuelle pôde entender melhor sua identidade, sua diferença e quem ela era.

Outro autor que relata sua experiência é Schallenberger (2012), que tem na sua identidade a cultura alemã devido a sua ascendência, concordando com o que afirma Hall (2006) acerca da cultura nacional em que nascemos constituir uma das principais fontes de identidade cultural. Nesse sentido, Schallenberger (2012), assim como Labourit, também é surdo e buscou interagir com a comunidade surda para construir sua identidade própria:

Observo que na minha experiência enquanto surdo, a comunidade é algo fundamental. Desde a época em que apenas convivia com minha família, onde a comunidade linguística (no caso, alemã) já estava dada, eu como surdo tive que fazer uma busca por outra comunidade, e, como tudo que se relaciona à cultura é em parte invenção dos próprios sujeitos, eu também tive que inventar e construir a cultura junto aos surdos (Schallenberger, 2012, p. 34).

Vilhalva (2011) também relata como sentia a necessidade de estar entre seus iguais, pois percebia seu isolamento pela diferença; uma diferença que nem conseguia compreender qual era e o porquê dela:

Todos têm sonhos e eu também tinha sonhos. O meu era o de um dia encontrar uma escola na qual encontrasse entes iguais a mim. Por que isso acontecia? Eu sempre me perguntava. As pessoas em minha volta são seres parecidos comigo: eu olhava o corpo humano deles e via que eu tinha tudo que eles tinham, mas, no fundo, havia uma diferença. Eu não sabia onde estava a diferença. Eu fui para uma escola e era igual no corpo, mas continuava procurando onde estava a diferença (Vilhalva, 2011, p. 64).

Vilhalva (2011) segue narrando que se encontrou ao conviver com outros surdos em centros destinados a terapias de falas e que se sentiu completa quando

aceitou sua identidade surda e parou de se cobrar a ser “normal” ou tentar imitar os “normais”, como são enxergados os ouvintes. Ela descreve esse processo da seguinte forma: “dentro da escola para surdos, passei a conviver com os outros surdos, aceitando com mais facilidade a minha necessidade de fazer uso da língua de sinais” (Vilhalva, 2011, p. 67).

Tendo em vista as experiências de construção da identidade surda de Labourit, Schallenberger e Vilhalva, foi em encontros surdo-surdo que os autores se identificaram, aprenderam uma língua diferente e entenderam-se como surdos, junto com as comunidades surdas. “Um ser humano em contato com o seu espaço cultural reage, cresce e desenvolve sua identidade, o que significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados” (Strobel, 2008a, p. 19).

Há surdos que nasceram em famílias de surdos e outros em famílias de ouvintes. Independentemente disso, em algum momento, eles todos serão afetados por estarem na sociedade ouvinte, com discursos e práticas baseadas em ideias estereotipadas sobre a surdez. Muitos deles produziam e ainda produzem discursos em que empregam termos como “surdo-mudo” e “mudinho⁹”, por não terem tido contato com a comunidade surda ou com informações baseadas em uma visão antropológica e não clínica da língua de sinais e da surdez.

Pessoas que sempre viram surdos como deficientes e incapazes, e que criaram apelidos pejorativos e/ou discursos capacitistas os quais são perpetuados de geração em geração foram culturalmente moldadas com esse discurso. Entretanto, elas devem ser reeducadas sobre a concepção de sujeito surdo, pois, como aponta Strobel (2008a, p. 19):

A cultura não vem pronta, ela se modifica e se atualiza, expressando claramente que não com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Diante disso, direcionando a discussão para o nosso objeto de estudo, isto é, os vídeos do YouTube a serem analisados, ao se apresentar nas redes sociais, o sujeito surdo contribui para que haja maior consciência sobre esse outro mundo, o mundo surdo.

⁹ Pessoas surdas têm voz, um fato que iremos nos deparar nas análises. Os termos “surdo-mudo” ou “mudinho” tem sido equivocadamente atribuídos aos surdos, um pré-conceito estabelecido que se baseia na ideia de que a língua de sinais não é língua, ou que surdos são inferiores aos ouvintes (Gesser, 2009).

Por meio dos vídeos, os surdos mostram que são capazes, que não há nada de errado ou assustador com a sua existência, frases usadas mais de uma vez, como veremos, nos vídeos das análises dois e três. Eles estão manifestando seus artefatos culturais, suas crenças e curiosidades, movimentando as redes, pedindo que os ouvintes venham conhecer essa cultura. Nos vídeos postados no YouTube, os próprios surdos estão convidando os ouvintes a se reeducarem, como demonstra o trecho do vídeo da nossa terceira análise: “Esse vídeo vai ajudar a melhorar o encontro de vocês com os surdos, eu acredito que sim!” (Como se comunicar [...], 0 min 25 s). Ou nesse outro trecho do vídeo do *youtuber* Léo Viturino:

Vou dar uma dica: Se você é ouvinte e encontrar com um surdo que faz leitura labial, por favor, fale devagar, use palavras fáceis e usadas no dia a dia, é mais fácil. E também não grite, óbvio, porque ele é surdo, ou seja, não vai ouvir nada (Todos os surdos [...], 2017, 1 min 44 s).

A surdez é construída na relação de experiência com surdos e ouvintes e, por isso, não podemos catalogar todos os surdos com identidades fixas, nem eleger uma que seja pura. “Ser surdo é uma condição plural, e as identidades surdas podem ser tantas como podem ser qualquer outra” (Thoma, 2012, p. 173). Da mesma forma, Lopes (2007) afirma que não existe uma identidade surda melhor ou pior que a outra, ou uma que irá definir quem vem ser mais surdo ou menos surdo. Em vez disso, “há formas diferentes de viver a condição de ser surdo e de pertencer a um grupo específico” (Lopes, 2007, p. 14), produzindo marcas culturais surdas.

A cultura e as identidades se reformulam constantemente e, com a ajuda das redes sociais, os esclarecimentos sobre esses elementos relacionados à comunidade surda podem e têm sido reconstruídos, inclusive pelos próprios surdos. Afinal, como afirmado anteriormente, a construção identitária dos surdos, assim como a de qualquer pessoa, é formada dependendo dos ambientes em que estão inseridos.

Dito isso, entender como os surdos estão inseridos na sociedade e como se configura a cultura que circula dentro desses grupos é aprender sobre o mundo. Conhecendo o mundo surdo, podemos criar melhores possibilidades de educação, política, saúde e dignidade para todos da sociedade. É também nesse encontro que a cultura surda acontece, modifica-se e transmite os trejeitos realizados e conhecidos por aqueles que fazem parte dessa comunidade, inclusive seus artefatos

culturais, sejam eles materiais e/ou imateriais, sobre os quais discorreremos a seguir.

2.5 ARTEFATOS CULTURAIS

Comunidades e nações em todo o mundo produzem uma variedade de artefatos culturais. Segundo Strobel (2008a), os artefatos culturais são definidos como objetos ou materiais gerados por grupos culturais, representando toda a experiência cultural de uma comunidade. A língua de sinais, por exemplo, é um dos artefatos mais visíveis da identidade surda. Os surdos adquirem-na de modo natural e, através dela, se entendem e se encontram. Perlin (1998) e Moura (2000) afirmam que, em qualquer idade que o surdo adquirir a língua de sinais, também será construída a identidade surda.

Contudo, Strobel (2008a) no seu livro: *A imagem dos outros sobre a cultura surda* também discursa sobre outros oito artefatos dentro da comunidade surda, sendo eles:

- a) Experiência visual: os surdos deveriam ser nomeados como sujeitos visuais, já que percebem o mundo através da visão.
- b) Língua: a língua de sinais, que se materializa através da modalidade visual-espacial, havendo variações de línguas de sinais através do tempo e espaço, bem como a possibilidade da língua de sinais escrita.
- c) Família: a recepção de crianças surdas na família com surdos como algo festivo, assunto que iremos explorar na análise dois.
- d) Literatura surda: que traz as histórias, memórias e vivências da comunidade surda por meio de poesias, lendas, piadas, contos, fábulas e outras manifestações culturais.
- e) Vida social e esportiva: os “acontecimentos culturais, tais como casamento entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros” (Strobel, 2008a, p.61).
- f) Artes visuais: surdos que fazem “criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura” (Strobel, 2008a, p. 66), podendo ser elas: pinturas, desenhos, esculturas e outras manifestações artísticas.

- g) Política: os constantes e diversos movimentos do povo surdo pelos seus direitos.
- h) Materiais: os que auxiliam na acessibilidade da vida cotidiana do sujeito surdo.

Alguns desses artefatos culturais materiais surdos são adaptações de objetos da comunidade ouvinte para as pessoas surdas. A campanha eletrônica acionada através de luz ao invés de som, a babá eletrônica vibratória e os livros de histórias infantis adaptadas à escrita da língua de sinais são alguns exemplos. De acordo com Pelegrini e Funari (2008), durante muito tempo, as pesquisas de artefatos pairaram sobre esses objetos palpáveis, mas recentemente foram situadas outras características que fazem parte dos artefatos culturais de uma comunidade e que não são necessariamente palpáveis, mas vividos e transformados. Estão entre eles artefatos imateriais como as danças, os rituais e as orações .

Todas as comunidades e nações cultivam artefatos culturais materiais e imateriais, que vão desde vestimentas até danças populares. Esses artefatos são transmitidos de geração em geração, mas isso não significa que eles sejam imodificáveis. Na realidade, eles são constantemente recriados, pois são decorrentes “das mutações entre as comunidades e os grupos que convivem num dado espaço social, do meio ambiente, das interações com a natureza e da própria história dessas populações” (Pelegrini; Funari, 2008, p. 46).

Os artefatos culturais materiais carregam as representações das comunidades, podendo ser, por exemplo, roupas como o quimono japonês, o poncho, uma vestimenta tradicional da América do Sul; também utensílios culinários como o *hashi*, talheres utilizados pelos países do Extremo Oriente, e a cuia, utilizada no Brasil pelos nortistas como recipiente para servir comida ou líquidos; e artigos religiosos como terços e santos da Igreja Católica.

Já os artefatos imateriais são mais subjetivos. Eles não são palpáveis como os terços e cuias, mas sim ensinados de forma sociocultural, de acordo com a comunidade que se frequenta. Por exemplo, as orações aos santos católicos, como a oração de Nossa Senhora de Fátima ou de Nossa Senhora de Aparecida; as músicas de Umbanda que são cantadas quando é revelado seu Orixá de Cabeça; as gírias da língua, que são compreendidas conforme o grupo frequentado; uma dança realizada por um determinado povo, cujos passos são transmitidos de geração em geração, como o tango ou o forró. Todos esses artefatos são aprendidos segundo a

vivência de cada indivíduo e com o espaço cultural em que está inserido. Pelegrini e Funari (2008, p. 27), ao definirem essa imaterialidade, explicam o seguinte:

De maneira mais prosaica, a imaterialidade foi resumida à impossibilidade de tocar (mas não de ser percebida, claro). Assim podemos tocar os instrumentos musicais, nas pessoas e nas roupas, mas uma dança popular não pode, enquanto conjunto da representação, ser “tocada”.

As representações da comunidade surda, sejam materiais ou imateriais, carregam em seus traços o mundo surdo. “Entendo mundo surdo como a produção de significados ou de expressão dos surdos” (Miranda, 2001, p. 25). Não só isso, é também através da produção desses artefatos que o cenário cultural dos surdos os legitima e os reafirma como sujeitos identitários (Pinheiro, 2012).

Nesse contexto, considerando os *youtubers* retratados posteriormente nesta pesquisa, Gabriel Isaac, do canal *Isflocos* (Por que sou [...], 2020), evidência em sua fala a divisão que há entre os dois mundos em que convive, o mundo surdo e o mundo ouvinte, e como faz para se relaciona com eles. Assim como Andrei e Tainá Borges, do canal *Visurdo* (Como se comunicar [...], 2019), que afirmam que seu público irá gostar de conhecer o mundo dos surdos.

Pontuando novamente, dentro das nossas análises, a língua de sinais é uma das representações mais fortes dos artefatos culturais surdos, sendo ela uma modalidade de língua diferente, a visual-espacial. Além dela, temos também como artefato o ato político, cuja manifestação política é a luta do surdo por seus direitos. O bilinguismo imposto para o surdo desde o seu nascimento, afinal ele crescerá cercado de simbolismo ouvintes como a escrita, jeitos adequados de chamar atenção de um surdo, ou conversar com ele.

Além disso, temos as piadas surdas, que, em geral, são narradas satirizando os ouvintes; os sinais de batismo recebidos ao adentrar na comunidade surda, que funcionam como se fosse um novo nome, seu nome visual, entre outros artefatos. Miranda (2001, p. 35), em sua dissertação, enquanto descreve a sua procura pelos sujeitos para comporem a sala de aula em que iria ensinar Libras aos surdos, apresenta-os com seus sinais da seguinte forma:

Juntamente com o “Cabelo Indígena” fomos à casa de “Boné”, outro surdo que “Cabelo Indígena” o chamou de sinalizado. Depois fomos à casa de quem “Cabelo Indígena” chama pelo sinal de “Cabelo até Seio”. Depois fomos à casa da irmã de uma surda que os Surdos deram sinal de “Pó Facial” (Miranda, 2001, p. 35).

Os artefatos culturais surdos estão presentes em todas as comunidades surdas e variam de acordo com a cultura daquela população. Contudo, com a tecnologia presente nos dias atuais, as comunidades estão cada vez mais sendo influenciadas umas pelas outras, e não apenas as surdas. Comunidades de todo o mundo com acesso à comunicação e à internet estão aprendendo ou reproduzindo artefatos de outras comunidades. Um exemplo que envolve o contato com a comunidade surda e ouvinte seria o sinal de “I LOVE YOU”, um sinal universal nas línguas de sinais que já foi usado por famosos como Xuxa, Fátima Bernardes, Arcebispo de Manila e Papa Francisco.

Atualmente esse movimento é acentuado, visto que, com a comunicação mediada por tecnologia, pode-se conhecer um pouco mais das comunidades surdas, principalmente por intermédio das redes ou mídias sociais, como o Facebook, o Instagram e o YouTube. Tendo isso em vista, como já dito, buscamos conhecer como os artefatos da comunidade surda (como a leitura labial, o bilinguismo, a forma adequada de chamar atenção de um surdo, gírias surdas etc.) estão expostos na internet pelos próprios surdos.

Estudos surdos já foram realizados nessa área desde as primeiras redes sociais, tais como o Orkut, o MSN e o próprio YouTube. Estes foram publicados em revistas como a *Educação e Cultura Contemporânea*, como o artigo: "Produções culturais surdas no You Tube: estratégias de negociação e consumo de identidades" (Pinheiro; Lunardi-Lazzarin, 2013); livros como o de Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011), *Produção e consumo da Cultura Surda*; bem como em dissertações como a de Zappe (2010), *Escrita da língua de sinais em comunidades do Orkut*, que buscam mostrar a presença dos sujeitos surdos nas redes e os marcadores culturais que carregam.

As redes sociais vêm trazendo registros da comunidade surda em vídeos produzidos em língua de sinais ou legendados em Língua Portuguesa para a acessibilidade de pessoas surdas; além da presença da escrita de sinais, de tradutores intérpretes, entre outros. Não só isso, essas produções estimulam reflexões sobre as identidades e alteridades surdas, sobre as lutas da comunidade e sobre a relação entre o mundo ouvinte e o mundo surdo. Os discursos das redes sociais ainda apontam de que forma se pode melhorar e progredir, levando, assim, nossos *influencers* a se destacarem como ciberativistas.

A seguir, discorreremos um pouco mais sobre esse lugar, que são as redes sociais, em que os surdos vêm se manifestando.

3 COMUNICAÇÃO NA CIBERCULTURA: O YOUTUBE E OS YOUTUBERS SURDOS

Neste capítulo, destacamos como o ciberespaço e a cibercultura têm influenciado e modificado o meio social e como os surdos vêm interagindo, compartilhando suas experiências visuais e suas línguas ativamente, influenciando não somente a cultura surda como também a ouvinte de forma crescente.

Está cada vez mais difícil encontrarmo-nos desconectados. Em todos os lugares, com dispositivos eletrônicos e acesso à internet, podemos estabelecer comunicação com o mundo inteiro. As grandes inovações geram mudanças nas estruturas sociais, que estão sempre se ajustando e atualizando o que conhecemos por “ser humano”. Com a chegada da eletricidade e a difusão da tecnologia digital, nós, seres humanos, vimo-nos habitando três espaços, que, para Kerckhove (2016), são: o espaço físico, o espaço mental e o espaço cibernético.

Como já comentado no capítulo “Cultura e identidade surda”, o ser humano é fruto da construção social, ele tem sua cultura transmitida socialmente através da linguagem, esta entendida como capacidade simbólica de criar signos para além da combinação de fonemas. Nesse sentido, conforme mencionado no capítulo “Cultura e identidade surda”, os surdos transmitem sua cultura e sua língua quando estão interagindo em grupos, inclusive quando isso acontece por intermédio da tecnologia.

Para compreendermos melhor acerca da comunicação social, é necessário recorrermos à história. Desde a época das cavernas, o ser humano passou a transmitir e a criar signos para a comunicação. Esta visava não apenas à sobrevivência física (caçar, aquecer-se e se esconder), mas também à transmissão cultural de rituais, mitos, músicas etc. Assim, por meio da comunicação, nós extravasamos nosso poder de transferir nossas capacidades mentais para o mundo externo.

De acordo com Santaella (1996), a partir desse momento iniciou-se uma aventura do olhar, do escutar e do registro humano. As pinturas nas grutas, os sistemas de escrita e os códigos imagéticos foram se desenvolvendo até se tornarem materiais de produção de imagens e de som, trabalho que se acentuou

com a Revolução Industrial, quando surgiram máquinas de produzir e de reproduzir linguagens, originando a gravação de filmes e de músicas. Tais máquinas eram dotadas de inteligência sensorial, o que as tornava capazes de captar imagens como as câmeras fotográficas e de cinema e o fonógrafo, seguindo posteriormente para o rádio e a televisão, que já alcançavam públicos maiores. Cria-se, assim, o que Thompson (1995) chamou de comunicação de massa.

A comunicação de massa surgiu no século XV, quando na Europa começou a se produzir múltiplas cópias de manuscritos e textos, o que desencadeou formas simbólicas de produção e de circulação de mídias. De acordo com Santaella (2003), os processos comunicativos da sociedade, desde o surgimento das comunicações, passaram pelas seguintes eras: oral, escrita, impressa, de massa, midiática e, atualmente, digital. Esses processos comunicativos não foram acidentais ou excluíram-se mutuamente conforme os novos foram surgindo; ao contrário, eles se alteraram e modificaram as interações e as estruturas sociais, trazendo novos ambientes culturais (Santaella, 2003). Assim, como citado, enquanto seres humanos, existimos nesses três espaços: o físico, o psíquico e o ciberespaço. Este último se tornou o novo meio comunicacional da sociedade através da disseminação de computadores, fixos e móveis, e da internet nos domicílios, conduzindo-nos a conhecer e a construir uma cibercultura. Esta, por sua vez, explora o pensamento cibernético e se molda historicamente, incorporando fatores como as língua e os costumes, conforme o conceito de cultura abordado no primeiro capítulo desta dissertação.

Rudiger (2013, p. 11) define a cibercultura “como a formação histórica, ao mesmo tempo, prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação”. Rudiger (2013) também recupera as definições de cibercultura de outros autores que o complementam:

Para Escobar (2000), refere-se o termo “a um amplo processo de construção sociocultural [da realidade] posto em marcha no rastro das novas tecnologias”, à socialidade formada em um “ambiente estruturado por novas formas de ciência e de tecnologia”. Já Lévy (1999) a define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem como o crescimento do ciberespaço” (Rudiger, 2013, p. 10)

Ou seja, segundo a definição desses autores e a de Rudiger, construímos uma cultura social no ambiente cibernético que, para além do desenvolvimento da

tecnologia, nos faz colaborar para a construção da sociedade fora e dentro das redes, pois estas também estão envolvidas em um processo que abrange nossas crenças metafísicas (Rudiger, 2013). Como exemplo disso, os grupos étnicos minoritários têm se encontrado nas redes e formado esses ambientes ciberculturais, discutindo e debatendo sobre seu meio social, suas ideias e opiniões.

O processo de expor nossas crenças existe desde o surgimento da cultura de massa, que, ao semear de forma gradual seu consumo e distribuição na cultura digital, tornou-se a cultura da mídia. A partir da década de 1980, a cultura da mídia misturou-se cada vez mais com as linguagens e os meios, o que resultou em um multiplicador de mídias. As mídias, por sua vez, tornaram-se cada vez mais individuais e fragmentadas, permitindo aos indivíduos buscarem suas formas de entretenimento e de alienação (Santaella, 2003).

Hoje, a mídia é tão presente em nosso cotidiano que é difícil imaginar a vida sem os jornais, televisões, celulares e sem a internet, formando assim o que conhecemos como cultura de comunicação (Thompson, 1995). Gitelman (2006) definiu o termo mídia como estruturas sociais realizadas por meio da comunicação e de tecnologias suas associações. Já o termo comunicação é definido pelo mesmo autor como prática cultural de pessoas, que compartilham ou interagem com ideias populares de representação em diferentes lugares. Conforme explica o autor, a mídia consiste em

Estruturas socialmente realizadas de comunicação que incluem as formas tecnológicas e seus protocolos associados, em que a comunicação é uma prática cultural, uma colocação ritualizada de pessoas diferentes no mesmo mapear, compartilhar ou engajar com ontologias populares de representação (Gitelman, 2006, p. 13, tradução nossa).

A cultura de comunicação foi afetada radicalmente com a chegada da internet, passando a denominar-se de cultura da web. No período entre os anos 1980 e 1990, o mundo se servia culturalmente das comunicações em Web 1.0, primeira fase da internet, em que já havia troca de e-mails, desktop com seus sistemas de arquivo, servidores e bancos de dados. Depois, no período entre 2000 e 2010, a Web 2.0 trouxe as redes sociais como o Orkut, o Twitter, o Facebook, os blogs e as wikis, bem como as plataformas digitais conectadas através da internet e os dispositivos móveis “dotados do poder de acesso, comunicação e entretenimento online de qualquer lugar para qualquer outro, em qualquer tempo” (Santaella, 2016, p. 93).

Kumaravadivelu (2006) relata que um dos traços mais distintivos da globalização é a forma como se dá a transmissão cultural. Segundo o autor, ela se dá em um processo que ocorre de dois modos: “as culturas em contato modelam e remodelam umas às outras direta ou indiretamente” (Kumaravadivelu, 2006, p. 134). Afinal, o acesso a tantos discursos carregados de bagagens culturais que dialogam com outros discursos que também carregam outras bagagens culturais, é o que movimenta a reconstrução diária das sociedades globalizadas (Lima, 2012).

As redes sociais estão dando liberdade para as pessoas saírem do seu meio e se expressarem. Segundo Rudiger (2016, p. 34), “agora todo mundo está passando a ter a chance de ser ouvido, expandindo o espectro de ideias em circulação na sociedade de baixo para cima”. Nesse mesmo sentido, de acordo com Thompson (1995, p. 297), em meio a esse processo, a sociedade está difundindo símbolos através do meio eletrônico, que também se tornou “um modelo de transmissão de cultura comum, e sob certos aspectos, fundamentais”. Em outras palavras, estamos vivendo e compartilhando a cibercultura, e essa está influenciando a sociedade tanto dentro como fora das redes.

Tal liberdade também alcançou centenas de grupos, especificamente os de movimentos sociais ligados ao ciberativismo. Segundo Felinto (2008), essa disseminação tem se transformado em um repositório de natureza audiovisual: videoblogues, blogues, e podcasts que se multiplicam e se espalham pela internet de forma excepcional.

O YouTube é uma dessas plataformas que contribui para a grande disseminação de conteúdos e cultura, caracterizando-se como um sistema de cultura intermediário, em que os participantes são também os produtores. Essa plataforma é, portanto, um site de cultura participativa em que todos podem interagir entre si (Burgess; Green, 2009).

Ainda de acordo com Burgess e Green (2009), o YouTube, criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, foi lançado oficialmente em junho de 2005, com o objetivo de ampliar o compartilhamento de vídeos na internet. De interface simples, o usuário poderia, conforme seu projeto, fazer *upload*, publicar e assistir vídeos em *streaming*. Ele também ofereceria funções básicas de comunidade, como se conectar com outros usuários, e ainda geraria códigos que permitiriam facilmente os vídeos serem divulgados em outros sites. Em seu lançamento, o YouTube tinha

como *slogan* “Your Digital Vídeo Repository”, ou “Seu Repositório de Vídeo Digital”. Hoje em dia, essa plataforma é parte dos domínios do Google.

Fazendo parte dos cenários midiáticos até os dias atuais como uma das maiores plataformas digitais de transmissão de vídeos, o YouTube oferece uma via de mão dupla: seus usuários, de amadores a produtores profissionais, podem tanto produzir seus vídeos e disponibilizar toda sua criatividade nas redes, quanto consumir uma grande quantidade de informação e entretenimento no site.

Felinto (2008) discorre sobre o fascínio pela plataforma ao afirmar que o YouTube não é apenas um site que nos dá a possibilidade de nos tornarmos produtores culturais, mas também oferta um grande leque de acesso a produtos disponíveis na plataforma. São filmes, propagandas, momentos históricos, competições, clipes musicais, documentários e vídeos de momentos ao vivo transmitidos em qualquer lugar do mundo, as chamadas lives.

Sendo assim, o YouTube também é uma plataforma em que são encontradas diversas produções culturais, inclusive as da comunidade surda, que, de acordo com Pinheiro (2012), é uma comunidade que age tanto como consumidora como produtora de sua cultura nas redes e nos canais da plataforma. Sendo assim, o YouTube também “é um lugar de produção de conhecimentos, culturas e identidades” (Pinheiro, 2012, p. 32).

Antes, quando as informações chegavam apenas por rádio, os surdos tinham uma dependência grandíssima da comunidade ouvinte para terem acesso à informação. Com a chegada da televisão, as imagens reproduzidas pelo aparelho possibilitaram maior acessibilidade na comunicação. Mesmo assim, os surdos ainda se sentiam excluídos da sociedade, pois faltava a presença da língua sinalizada na maior parte dos conteúdos televisivos.

Diante disso, a chegada do YouTube e da possibilidade de produção, consumo e divulgação de vídeos pessoais trouxe visibilidade para a língua de sinais através das produções da comunidade surda (Pinheiro, 2012). Schallenberger (2012) afirma que essa chegada abriu novas maneiras de registrar produções surdas, como piadas, histórias e saberes próprios, pois estão sendo produzidas na língua do surdo, que antes, eram limitadas pela escrita da língua oral do seu país, e por práticas ineficientes na alfabetização de surdos nessa segunda língua.

As novas produções possibilitadas pelo YouTube são descritas por Schallenberger (2010) como produções culturais não lineares. Elas são diferentes

das formas antigas, cujo acesso dependia da ida a associações e de aprender com surdos mais idosos; mas também distintas das grandes produções, mesmo as mais modernas, ordenadas por corporações, que envolvem grandes investimentos e infraestrutura.

Uma grande quantidade de informação vem sendo direcionada à comunidade surda, que, muitas vezes, também é produtora desse conteúdo. Com isso, essa comunidade apresenta-se não mais sem registro de uma materialidade, visto que o YouTube torna-se não só um grande repositório e arsenal da cultura surda, mas também um espaço onde se produzem significados para se entender o mundo (Pinheiro, 2012).

Um exemplo de informação gerada pela própria comunidade diz respeito à movimentação dos surdos contra o fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no ano de 2011. Vídeos em línguas de sinais foram divulgados em diversas redes sociais por membros da comunidade surda, causando uma mobilização na internet que resultou em uma passeata organizada em Brasília, bem como no não fechamento do INES.

No âmbito social, os surdos lutam pelo seu direito à língua de sinais e à educação bilíngue de surdos. Rezende (2011 *apud* Garcêz, 2011) contribui para as reflexões sobre o conteúdo gerado pela mobilização da comunidade contra o fechamento do INES ao descrever: “Todas as definições foram feitas por meio da rede social, desde a confecção padronizada das camisetas e das faixas até a elaboração de regras para a manifestação. A tecnologia exerceu papel fundamental na mobilização” (Rezende, 2011 *apud* Garcêz, 2011, p. 17). Desse modo, como colocado por Rigitano (2003), a internet se tornou uma ferramenta indispensável nas lutas sociais atuais, potencializando os movimentos em questão ao poupar tempo, pois chega de forma cada vez mais instantâneas as informações e valores financeiros já que basta tem um aparelho conectado a internet, o que antes era uma grande produção ou divulgação de cartazes por exemplo, além de mobilizar pessoas e entidades em prol de uma causa.

Rigitano (2003) também ressalta que, apesar de as redes parecerem focar em objetivos precisamente locais e específicos, elas são em sua maioria “ligadas a causas transnacionais, como educação, saúde, direitos humanos, questões de gênero, defesa de minorias étnicas e preservação do meio ambiente” (Rigitano, 2003, p. 2). Em outros termos, os movimentos sociais estão desde sempre

entrelaçados com as lutas por políticas públicas e passaram a desempenhar papéis importantes, “como catalisadores de demandas sociais não contempladas pelo estado” (Machado, 2007, p. 256).

Esses movimentos, que já existiam nas revoluções das massas, passam também agora para o ativismo nas redes, sendo nomeados e definidos por vários autores como ciberativismo. Milhomens (2009, p. 12) define o ciberativismo como uma “militância política, cultural e propagandística feita com o auxílio da Rede Mundial de Computadores”. Esse fenômeno também é citado como: Uma nova configuração comunicativa dos movimentos sociais – “marcada pela reestruturação das práticas cotidianas de comunicação, por interações sociais mediadas pelas NTICs e pela conexão digital entre indivíduos, grupos e sociedade” (Juris, 2012 *apud* Alcântara, 2015, p. 93).

O ciberativismo também é definido por Vegh (2003 *apud* Queiroz, 2017, p. 2) “como a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados”. Como o ciberativismo é presente em grupos que lutam por uma ou várias causas sociais, ele também pode se tornar um reforço aos valores culturais desses grupos; afinal, a comunicação rápida, que ultrapassa as barreiras físicas e econômicas, é o desejo dos indivíduos contemporâneos e das organizações (Lima, 2012).

Nesse ínterim, os *youtubers* surdos fazem parte de um grupo minoritário, que luta por seus direitos e deveres dentro e fora das redes sociais na internet, tornando-se, assim, ativistas e ciberativistas.

De acordo com a teoria de Vegh(2003), explicada por Rigitano (2003), há três categorias de ciberativismo que vamos conhecer e relacionar com as análises, são elas: conscientização e apoio; b) organização e mobilização; c) ação e reação. Começando pela primeira delas, trata-se da que conscientiza e apoia uma causa ou um indivíduo, transmitindo informações que não foram relatadas ou que foram relatadas de forma imprópria por outras mídias.

Diante disso, podemos inserir os três vídeos a serem analisados neste trabalho dentro desse grupo, pois neles há informações que levam à conscientização do sujeito surdo quanto aos elementos que permeiam a identidade de sua comunidade, tais como leitura labial, graus de surdez, bilinguismo, comunicação com surdos, entre outros. Assim, eles mobilizam a internet em prol do conhecimento sobre a cultura surda, promovendo para os seus seguidores sua

cultura e a língua de sinais, reivindicando que haja respeito às vontades e às escolhas surdas.

Relembramos também momentos da televisão brasileira aberta, quando o programa matinal “Mais Você”, produzido pela emissora Rede Globo e apresentado por Ana Maria Braga, em 19 de maio de 2009, levou alguns surdos implantados e oralizados para demonstrar que eram capazes de falar oralmente, demonstrando o “milagre” de ouvir após o implante coclear. Tudo isso sem nem sequer ter sido mencionado que há outras opções de socialização para os surdos, como a convivência com a comunidade surda e a língua de sinais.

Devido à repercussão negativa gerada, houve vídeos e mensagens nas redes como o Facebook pedindo uma retratação ou a divulgação de informações sobre a comunidade surda e a língua de sinais. A comunidade surda se orgulha e deseja visibilidade para o discurso de que não são deficientes, mas sim diferentes (Santos, 2017).

Há também outros vídeos nos canais do YouTube como, por exemplo, o canal da TV INES, Canal da Feneis, Biblioteca News, trazendo informações do dia a dia do povo brasileiro e/ou externo e também acerca de eventos da comunidade surda, como as surdolimpíadas, quando diversos influencers surdos se manifestam nas redes para convidarem tanto a comunidade surda como a ouvinte para participarem do evento.

O convite para as surdolimpíadas, como os vídeos escolhidos para as análises que aqui serão empreendidas, relacionam-se com a segunda categoria que vamos apresentar: organização e mobilização. Nela, de acordo com Lima (2012), há três subcategorias: *on-line* com fins *off-line*, *off-line* otimizando *on-line*, e exclusivamente *on-line*.

Alguns exemplos de organização e mobilização *on-line* com fins *off-line* podem ser encontrados nos *youtubers* surdos chamando a comunidade surda e simpatizantes para participarem das surdolimpíadas, ou no convite para os protestos em Brasília, em 2011, que ficaram conhecidos como Marcha pela Educação Bilíngue dos Surdos. Nela surdos e simpatizantes da comunidade surda se mobilizaram para defender seus direitos de acesso às aulas em língua de sinais em escolas ou classes bilíngues, além do não fechamento do INES, resistindo contra a política implantada por ouvintes e enaltecendo a força cultural surda.

Vale salientar que o convite para a Marcha pela Educação Bilíngue dos Surdos estava acontecendo nas redes sociais, com os surdos chamando para a manifestação presencial, ou seja, na subcategoria *on-line* com fins *off-line*. Além disso, também podemos constatar a subcategoria *off-line* com fins *on-line*, visto que no momento da manifestação os surdos iam para as redes explicar o que estavam reivindicando.

Outro exemplo da subcategoria *off-line* com fins *on-line* foi o movimento “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”. O movimento começa devido a uma jovem surda de Santa Catarina não encontrar um filme de animação legendado, pois havia apenas a versão dublada dele na língua portuguesa. Após esse fato, a jovem se manifestou com um cartaz na frente do cinema, o que provocou movimentos em grupos surdos de outros estados, como Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul (G1, 2016), e também nas redes sociais, como no canal do *youtuber* surdo Germano Dutra Jr. (Legenda [...], 2016).

Diante das nossas análises, é possível ver esse movimento da subcategoria *off-line* com fins *on-line* também no vídeo de Léo Viturino, no trecho em que diz: “Se você é ouvinte e encontrar com um Surdo que faz leitura labial, por favor, fale devagar, use palavras fáceis e usadas no dia a dia, é mais fácil” (Todos os surdos [...], 2017, 1 min e 46 s). Também mencionamos, como exemplo, o vídeo de outro *youtuber*, o Visurdo, no trecho em que questiona: “Então como faz para chamar o surdo? Precisa gritar? Falar alto? Não vai adiantar se for surdez profunda. Como se chama então? Chegue perto e, com jeito, bata no ombro” (Como se comunicar [...], 2019, 2 min 38 s). Os dois exemplos fazem o movimento do *on-line* para o *off-line*, informando e mobilizando seus seguidores sobre como interagir quando encontrar um surdo.

Nossas análises estão recheadas de exemplos dessas categorias, demonstrando como os surdos *youtubers* estão agindo e produzindo artefatos da cultura surda nesses movimentos ciberativistas. “Daí a importância da internet como um veículo que tira das localidades, dos particulares, e desenvolve uma política mais global de interação e troca entre surdos e ouvintes” (Schallenberger, 2010, p. 50).

Nos vídeos que analisaremos neste trabalho também há o pedido para o compartilhamento dos canais nas outras redes sociais, para colegas e amigos também acessarem as informações pronunciadas, o que classifica, consequentemente, o contexto na subcategoria exclusivamente *on-line*. Segundo

Pinheiro (2012, p. 35), “essas manifestações culturais surdas, produzidas e postas em circulação na mídia, inventam sentidos que operam sob práticas representativas que se manifestam em movimentos de resistência cultural e política”.

Existe também uma terceira e última categoria de ciberativismo, conhecida como hacktivismo ou ativismo hacker. Essa categoria “envolve diversos tipos de atos, como apoio online, invasão e/ou congestionamento de sites e, até mesmo, cibercrimes ou ciberterrorismo” (Vegh, 2003 *apud* Rigitano, 2003). Até esse momento, parece não haver registros desse tipo de ativismo na comunidade surda (pelo menos esta pesquisa não encontrou nenhum exemplo)

Tendo em vista o que foi discutido, percebemos que há inúmeras comunidades surdas dentro e fora da internet. A ocorrência dessas atividades sociais nesses contextos e núcleos é importante para mostrar que a experiência surda não se limita à língua de sinais e que há várias características envolvendo o que é ser surdo. Schallenberger (2010, p. 54) afirma que mesmo no “YouTube encontramos diferentes formas de expressão, diferentes línguas de sinais, diferentes assuntos quanto à questão da surdez”. Pinheiro (2013, p. 131) também complementa, afirmando que:

Os surdos, ao fazerem uso desse espaço como consumidores e produtores de sua cultura, estão fazendo circular representações, dando visibilidade à língua de sinais e promovendo um espaço de ensino, comunicação e relação com outros surdos e/ou ouvintes.

Em suma, este capítulo teve como objetivo esclarecer e relacionar a cibercultura e o ciberativismo com a comunidade surda e os influenciadores surdos nos canais do YouTube. No próximo capítulo, apresentaremos finalmente os vídeos objeto deste estudo e as análises realizadas.

4 ANÁLISES DOS VÍDEOS

Nos capítulos anteriores, já introduzimos alguns trechos dos vídeos. Para relembrar: analisaremos três vídeos de diferentes canais do YouTube. Nosso objetivo é identificar, nos textos verbais dos sujeitos surdos, a manifestação de seus artefatos culturais, o quê e de que modo está sendo comunicado, empregando, para isso, conceitos do percurso gerativo do sentido como metodologia de análise (modelo central na teoria semiótica greimasiana, mencionada na Introdução). O primeiro vídeo é intitulado "Todos os surdos sabem ler lábios?", do canal Léo Viturino. O segundo vídeo, "Por que sou surdo?", é do canal Isflocos e narrado por Gabriel Isaac. E o terceiro e último vídeo é "Como se comunicar com surdos", do canal Visurdo, dos irmãos Tainá e Andrei Borges.

4.1 VÍDEO 1: ARTEFATO CULTURAL POLÍTICO – MANIFESTAÇÃO DO YOUTUBER SURDO SOBRE A LEITURA LABIAL

As expressões políticas das comunidades surdas são manifestadas pelos movimentos e lutas dos indivíduos surdos por seus direitos. Artefatos culturais políticos são um daqueles artefatos culturais das comunidades surdas descritos por Strobel (2008a). No vídeo analisado nesta seção, a leitura labial aparece como tema central. O enunciador faz um posicionamento sobre ela, ao explicar como essa leitura oral funciona. Esse posicionamento é por si só político, consistindo portanto, ele mesmo, em um "artefato político" ou "artefato cultural político". Na sociedade ouvinte, os movimentos dos lábios e língua são utilizados para produção de fonemas e, dessa forma, responsáveis por grande parte da comunicação. Os surdos, por sua vez, desde os tempos antigos, foram direcionados, pelos ouvintes, à leitura labial. Strobel (2008c) relata vários marcos na História que demonstram essa preferência pela leitura labial, como, por exemplo, quando a Igreja propôs que os surdos não poderiam receber suas heranças e nem ir para os reinos dos céus, uma vez que eles exigiam a confissão dos pecados oralmente. O Congresso de Milão em 1880, também foi outro acontecimento importante, já que, a partir dele, ficou instituída a obrigação de oralização e leitura labial nas escolas para surdos. A leitura

labial é um tópico dentro da realidade dos surdos. É importante nos perguntarmos, no entanto, se todos os surdos sabem fazer a leitura labial, e quais seus posicionamentos sobre o assunto.

A primeira análise, aqui proposta, foi feita a partir de um vídeo de Léo Viturino¹⁰: surdo, baiano e criador do canal Léo Viturino¹¹ no YouTube (iniciado em agosto de 2016). Atualmente (2024), o canal conta com mais de 52 mil inscritos e mais de 1,5 milhões de visualizações, abordando assuntos variados da atualidade: aulas básicas de Libras, conteúdos sobre a comunidade LGBTQIAP+ e sobre como é viver sendo surdo.

O vídeo sob análise se intitula “Todos os surdos sabem ler os lábios?” e apresenta uma discussão sobre temas como a leitura labial e sua relação com a cultura surda. Apesar de o enunciador, Léo Viturino, empregar a Libras, há legendagem para a língua portuguesa em seus vídeos. A seguir, antes de começarmos a apresentação da análise, é possível observar a seguir o conteúdo desse vídeo, traduzido¹² e transcrito por nós em língua portuguesa.

Vídeo 01 – “Todos os surdos sabem ler os lábios?”¹³.

Canal: Léo Viturino.

Autor: Léo Viturino.

Oi, gente. Tudo na paz?

Então, vocês já assistiram ao vídeo antes desse? ‘Surdo pode dirigir?’. Ainda não? Então clique aqui.

Hoje, vamos falar sobre o tema ‘Vocês acham que todos os Surdos sabem fazer leitura labial?’;

¹⁰ No dia 22 de setembro de 2023, o contatamos, por e-mail, solicitando permissão da análise do vídeo citado. Por essa permissão, agradeço imensamente.

¹¹ O nome do autor do canal é Léo Viturino com um N, mas o nome do canal do YouTube é “Léo Viturino” com dois N. De agora em diante, faremos referência a ele apenas como “Léo Viturino”.

¹² Uma vez que haviam muitos detalhes da língua sinalizada não mencionados na legenda, optamos por realizar uma tradução própria, feita pela autora da dissertação.

¹³ O vídeo pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=rCr1RHmY_jg&t=4s. Acesso em: 25 jul. 2023.

Primeiro, o que é leitura labial? É fazer a decodificação do movimento dos lábios. A pessoa tem a habilidade de ler as palavras dos lábios, sem precisar de sons ou voz.

Por exemplo: Duas pessoas em lados opostos em uma rua, distantes, elas se comunicam através dos movimentos dos lábios, entenderam? Mas, isso significa que todo mundo (que é surdo) faz leitura labial? Será? Seria o mesmo que dizer que todos os ouvintes sabem Libras. Impossível!

Vou mostrar três diferentes níveis de Leitura Labial, comparando com ouvintes que sabem Libras:

Nível 1 - Surdos que sabem fazer leitura labial com muita agilidade podem ser comparados com um ouvinte fluente em Libras.

Nível 2 - Surdos que sabem fazer a leitura labial razoavelmente, comparados a um ouvinte que sabe Libras de forma razoável.

Nível 3 - Surdos que não têm nenhum conhecimento de leitura labial, assim como um ouvinte que não sabe nada de Libras.

Contudo, temos uma diferença entre esses dois grupos. Qual seria essa diferença? Boa parte dos ouvintes querem aprender Libras para se comunicar com surdos, enquanto alguns surdos não querem isso [aprender leitura labial], pois muitos são obrigados a ler lábios, sofrem, pois a família quer impor ao surdo encaixar-se no padrão ouvinte da sociedade.

Fazer leitura labial dá muito trabalho, exige muita prática e sofrimento, entendem? Ficou claro?

Vou dar uma dica: se você é ouvinte e encontrar com um Surdo que faz leitura labial, por favor, fale devagar, use palavras fáceis e usadas no dia a dia, é mais fácil. E, também, não grite, óbvio, porque ele é surdo, ou seja, não vai ouvir nada. Enfim, caso haja mais dúvidas, podem perguntar para mim, usando a hashtag #Leoresponde. Também faça sua inscrição no meu canal e deixe aqui seu like (Todos os surdos [...], 2017).

Para Sá (2011, p. 150), a “leitura labial é o meio pelo qual o surdo lê os lábios de outra pessoa para entender o que ela quer informar”. Já para Silva e Favorito (2008, p. 34), “a leitura labial é um recurso para habilitar o indivíduo a relacionar movimentos dos lábios aos fonemas produzidos no curso da fala”. Berthier (1984), citado por Nascimento (2006), afirma que:

A leitura labial é meramente um tipo de adivinhação na qual o significado das sílabas visíveis ajuda alguém a decifrar, acrescentar ou adivinhar o que permanece fora do alcance da visão. Longe de conduzir diretamente à interpretação do pensamento, a leitura labial constantemente precisa ser interpretada pelo pensamento. Ela pode servir como um dispositivo de memória para frases previsíveis na conversação cotidiana; mas ela nunca será um meio regular de instrução ou de elaboração cumulativa de ideias (Berthier, 1984¹⁴ *apud* Nascimento, 2006, p. 261).

Desse modo, a leitura labial parece estar, historicamente, ligada à comunidade surda, tendo em vista que ela era ensinada para as pessoas surdas. Um dos primeiros registros desse tipo de ensino foi o caso de Ponce de Leon¹⁵ que ensinava os filhos dos nobres a oralizar e a ler lábios (Silva, 2006). Essa ideia foi, ainda mais, divulgada no congresso de Milão de 1880, quando a oralização e a leitura labial se tornaram o método preferido a ser utilizado para o ensino dos surdos. Pensemos agora sobre como o vídeo funciona como um veículo de educação e transmissão de conhecimentos. Para Pinheiro (2012), a partir desta mídia, é possível ensinar e aprender a como agir, ser, pensar, tanto em relação aos outros quanto a si mesmo(a). A comunidade surda tem procurado, cada vez mais, se movimentar e interagir nas redes sociais para apresentar suas ideias e noções, conforme observado no capítulo 3 e no vídeo aqui analisado. Nele, o *youtuber* expõe a falta de conhecimento da população brasileira sobre os aspectos da comunicação com pessoas surdas. Por isso, supomos que o seu público seja composto por pessoas ouvintes ou surdas¹⁶ que estejam procurando conhecer mais sobre a comunidade surda ou sobre como interagir com surdos. Como já mencionado no capítulo "Cultura e identidade Surda", muitos surdos nascem e crescem em famílias que não utilizam língua de sinais e que não estão em contato com a cultura surda, a partir de uma comunidade surda.

Neste primeiro momento, nossa análise estará voltada para uma observação de temas e figuras, depreendida no nível discursivo do texto. Para a semiótica discursiva, o nível discursivo é o nível mais concreto do percurso gerativo do sentido e surge com o intuito de revestir o nível narrativo, podendo os textos

¹⁴ Fonte consultada não paginada.

¹⁵ Considerado o primeiro professor de surdos na história, Ponce de Leon educava apenas filhos de nobres no século XVI. Seu método de ensino era reservado a poucos, porém seu livro serviu, posteriormente, de base para muitos outros educadores de surdos (Lane, 1989).

¹⁶ Refiro-me, aqui, aos surdos isolados nos interiores do Brasil, onde ainda não foram estabelecidas Associações de Surdos, ou por famílias que não aceitam o contato de seus filhos ou parentes com outros surdos.

serem, majoritariamente, figurativos ou temáticos. No discurso de Léo Viturino, apesar de esses elementos concretos do mundo natural não serem observados, há o uso de passagens e trechos que remetem a determinados assuntos: os temas. De acordo com Barros (2005), tematizar um discurso é organizá-lo em percursos temáticos, ou seja, dar coesão para o desenvolvimento do texto.

Dessa forma, é possível dizer que o **tema** principal do vídeo é a “Comunicação por leitura labial”, apresentado nas figuras: “Leitura labial”, “decodificação do movimento dos lábios”, “habilidade de ler as palavras dos lábios sem precisar de sons ou voz”, entre outros. Voltando ao tema, de modo simplificado, pode-se dizer que a comunicação é a transferência de mensagens de um emissor a um receptor. Essa mensagem é organizada em códigos e transformada em sequência de sinais, podendo chegar ao receptor carregada de ruídos – internos ou externos – como barulho, problemas nos canais de comunicação, falta de conhecimento dos códigos etc. (Barros, 2010b).

No entanto, se mudarmos a perspectiva para uma do **nível narrativo**, torna-se possível pensar em “Comunicação por leitura labial” como a **figurativização** de um **objeto**. A partir disso, um determinado “surdo” seria a **figurativização** de um **sujeito** que está em **conjunção** com o **objeto** “leitura labial”. Outro tipo de sujeito surdo seria aquele que está fora de uma **disjunção** com a leitura labial, apesar de não ser, completamente, competente nessa habilidade. Por fim, um terceiro surdo seria aquele que está em **disjunção** com a leitura labial. Observe o Quadro 2:

Quadro 2 – Comunicação vs. Quase Comunicação/problema de comunicação vs. Incomunicabilidade

Comunicação	Quase comunicação / problema de comunicação	Incomunicabilidade
"Fazer a decodificação do movimento dos lábios."	"Surdos que sabem fazer a leitura labial razoavelmente, comparados a um ouvinte que sabe Libras de forma razoável."	"Surdos que não tem nenhum conhecimento de Leitura Labial, assim como um ouvinte que não sabe nada de Libras."
"A habilidade de ler as palavras dos lábios."	"Pois muitos são obrigados a ler lábios, sofrem."	"E também não grite, óbvio, porque ele é surdo, ou seja, não vai ouvir nada."

"Elas se comunicam através dos movimentos dos lábios."	"Fale devagar, use palavras fáceis e usadas no dia a dia."	
"Surdos que sabem fazer leitura labial com muita agilidade."		
"Se você é ouvinte e encontrar com um surdo que faz leitura labial."		

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das produções de "Todos os surdos [...]" (2017).

A primeira coluna do quadro representa trechos do vídeo "Todos os surdos sabem fazer leitura labial?", que apontam para uma comunicação possível entre surdos e ouvintes, via leitura labial. Essa comunicação ganha um valor positivo, causando uma euforia, já que a comunicação é o que se espera que ocorra quando tentam se comunicar utilizando os movimentos dos lábios.

Já a quase comunicação ou problema de comunicação é tanto eufórica quanto disfórica. Ela é eufórica por apresentar sinais possíveis de comunicação – "surdos que sabem fazer a leitura labial razoavelmente, comparados a um ouvinte que sabe Libras de forma razoável" (Todos os surdos [...], 2017, 1 min 05 s) – e disfórica por não ser uma comunicação completa, isto é, ela se caracteriza por dificuldades e ruídos em sua compreensão. Ademais, também podemos citar a possibilidade de o surdo se sentir obrigado a fazer a leitura labial e a se encaixar em um padrão de sociedade ouvinte, ou seja, a tentar assumir uma identidade que não deseja, como pode ser visto no trecho a seguir: "alguns surdos não querem isso [aprender leitura labial], pois muitos são obrigados a ler lábios, sofrem, pois a família quer impor ao surdo a se encaixar no padrão ouvinte da sociedade" (Todos os surdos [...], 2017, 1 min 27 s). Esse trecho demonstra o posicionamento político de não oprimir o surdo, pois há muitos relatos desse sentimento de imposição à oralização são descritos por Labourit (1994).

Na escola não gosto das professoras da classe dita de integração". Querem que eu me assemelhe às crianças que ouvem, impedem-me de fazer gestos, obrigam-me a falar. Com elas fico com a sensação de que é preciso esconder que se é surdo, imitar os outros como um pequeno robô, quando afinal não percebo metade do que se diz na aula (Labourit, 1994, p. 43).

Algo similar é registrado no livro “A imagem dos outros sobre a cultura surda”, em que Oliveira (2007) relata: “[...] sabia falar, graças à terapia de fala, desde os 4 anos de idade e por ser filha de pais ouvintes e ter seguido, desde muito cedo, a oralidade. No entanto, a minha pronúncia era defeituosa” (Oliveira, 2007 *apud* Strobel, 2008a, p. 23). A partir desse trecho, nota-se que muitos surdos são encaminhados para treinamentos de oralização por escolha da família, com o intuito de fazê-los se enquadrar em um padrão ouvintista¹⁷ e negando, assim, a sua surdez. Dalcin (2009) afirma que os ouvintes acreditam na reabilitação dos surdos, impondo “a condição de oralização para que os surdos pudessem ser merecedores da aceitação social” (Dalcin, 2009, p. 52).

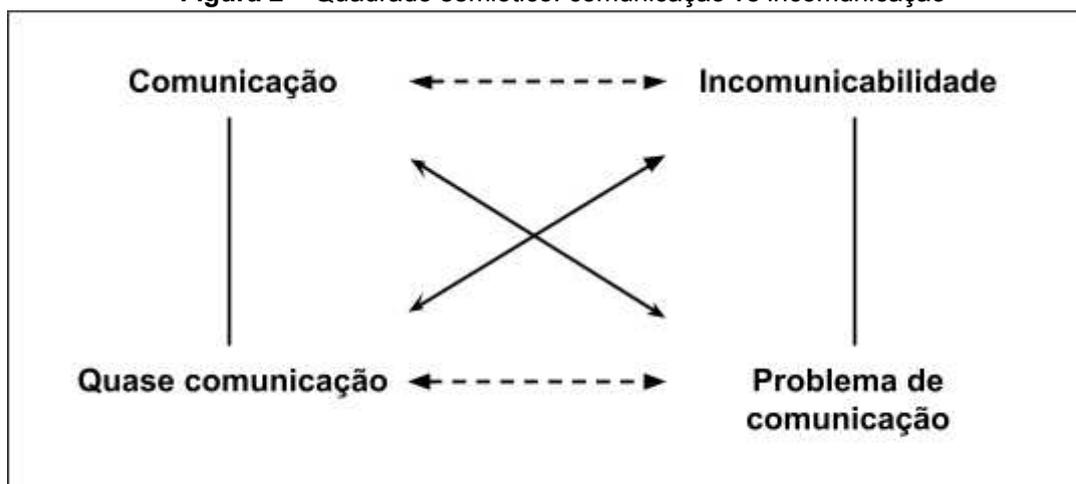
Como já mencionado no capítulo 3, essa ideia opressiva da comunidade ouvinte de que o surdo tem que falar para se encaixar na sociedade majoritária tem sido debatida e refutada por surdos ciberativistas, como o Léo Viturino, que têm argumentado que o fato de eles saberem/poderem aprender não significa que eles queiram fazer certas coisas, como é o caso da leitura labial.

Por fim, a terceira coluna – a da incomunicabilidade – apresenta a comunicação como não realizada. Aqui, é possível falar de uma **disforia**, uma vez que há um valor negativo agregado à ela. Em outras palavras, na incomunicabilidade, não há nenhum meio de comunicação entre os surdos ou ouvintes. Nesse caso, o surdo não sabe fazer a leitura labial e o ouvinte não sabe Libras.

Apesar de “Comunicação *versus* Incomunicabilidade” não ser a categoria semântica que perpassa todo o texto (ou seja, não é a categoria mais elementar, no nível fundamental), e sim o tema principal (nível discursivo), podemos organizá-la, para melhor visualização, de maneira lógica, num quadrado semiótico. Vejamos na Figura 2 a seguir

¹⁷ Para Skliar (2016, p.15), o ouvintismo é “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte”. Esse conceito será retomado na sessão de discussão dos dados.

Figura 2 – Quadrado semiótico: comunicação vs incomunicação



Ele será lido:



Relações entre contrários



Relações entre complementares



Relações entre contraditórios

Fonte: Elaboração própria.

Como mencionado anteriormente, a partir da pressuposição de que grande parte do público do canal são ouvintes, o enunciador poderia crer que seria preciso ensiná-los o que é a leitura labial e manifestar suas opiniões sobre ela. Com isso, o enunciador estabelece uma oposição entre “Nós (surdos) *versus* Vocês (ouvintes)”. Seguindo essa perspectiva, faz-se necessário introduzirmos os conceitos de identidade e alteridade, sendo identidade algo que sou e alteridade algo que não, como visto no capítulo cultura e identidade surda, em que o surdo é consciente em relação às diferenças, culturalmente, construídas (Lopes, 2007).

Dito isso, o **ator** do nível discursivo, Léo Viturino, assume também papel de **enunciador** do texto, divulgando informações sobre a cultura surda para os seus enunciatários. Em termos de **nível narrativo**, o **sujeito** faz-saber, ou seja, atribui competência ao seu objeto, transmitindo informações sobre a cultura surda e como ele deve tratá-la. Assim, o **destinador** coloca seu **destinatário** em conjunção com um saber.

Desse modo, a primeira classificação dos perfis ciberativista são as informações sobre a leitura labial que conscientiza uma causa. Nesse caso, ao contrário do senso comum, a leitura labial não é um instrumento utilizado por todos os surdos e pode, inclusive, ser vista como ferramenta de opressão, utilizada para que o surdo se adeque à sociedade ouvinte. Nessa discussão, o destinador, que conhece o universo surdo, está em conjunção¹⁸ com o objeto-valor¹⁹ – o referido conhecimento – e deseja compartilhar esse saber com outras pessoas. Pressupondo que os espectadores estão assistindo aquele vídeo, devido à alguma influência que os levou a querer saber mais sobre a comunidade e cultura surda. No minuto 1 min 27 s do vídeo, Léo pede para que os ouvintes não pensem que a leitura labial é uma obrigação dos surdos. É importante ressaltar que, no vídeo, aqui, analisado, também ocorre o movimento do *on-line* para *off-line* – como apresentado no capítulo 3 – tendo em vista que ele direciona seu público a como (re)agir, caso encontre surdos que saibam fazer leitura labial.

Quanto ao **nível fundamental**, a oposição “Nós (Surdos) *versus* Vocês (ouvintes)” perpassa o texto e está em sua base. Pode-se, também, falar, aqui, sobre “Identidade *versus* Alteridade”, ou mesmo homologar essa categoria à “Liberdade *versus* Opressão”, na medida em que os níveis de leitura labial subjazem a informação de que, muitas vezes, os surdos são obrigados a ler lábios para se adequar à sociedade ouvinte. A seguir, é possível observar alguns trechos do vídeo, em que a oposição “Nós (surdos) *versus* Vocês/Eles (ouvintes)” fica clara:

Vocês acham que todo mundo (que é Surdo) faz leitura labial?; ‘Se você é ouvinte e encontrar com um Surdo [...]’; ‘comparando com ouvintes que sabem Libras [...]’; ‘Boa parte dos ouvintes querem aprender Libras [...]’, ‘, pois, a família quer impor ao surdo encaixar-se no padrão ouvinte da sociedade (Todos os surdos [...], 2017, 0 min 13 s; 1 min 44 s; 1 min 20; 1 min 24 s; 1 min 34 s).

Esse trecho retoma algumas reflexões sobre cultura e múltiplas identidades surdas. Aqueles surdos que sempre viveram em comunidades surdas e utiliza(ra)m a língua de sinais como sua primeira língua se sentem mais acolhidos e,

¹⁸ O dicionário de semiótica designa como um dos dois termos (conjunção e disjunção) de categoria da junção, a qual é a relação que une o sujeito ao objeto (Greimas; Courtés, 2008).

¹⁹ “O objeto, enquanto objeto sintático, é uma espécie de casa vazia, que recebe investimentos de projetos e de determinações do sujeito. Os investimentos fazem do objeto um objeto-valor e, por meio do objeto, que o sujeito tem acesso aos valores” (Barros, 2005, p. 22).

logo, seguros de sua identidade, não apenas a surda, mas, também, outras possíveis (racial, orientação sexual etc.). Essa segurança sobre quem são os levam a querer compartilhar, inclusive nas redes sociais, possibilitando que os outros também os conheçam a partir de sua própria perspectiva. Além disso, mesmo os surdos (oralizados ou não) que convivem mais com seus familiares e amigos ouvintes podem se sentir acanhados ao se relacionar com os ouvintes, já que muitos deles não alcançam o nível de fala oral, esperado por aqueles que não conhecem a fala surda, como conta Oliveira (2007), sobre quando entrou em uma sala de aula de ouvintes:

Sabia falar, graças à terapia de fala [...]. No entanto, a minha pronúncia era defeituosa. As reações dos alunos, alguns a rirem e outros atrapalhados, atingiram-me em cheio como se fosse balas, foi por um triz que não fugi porta fora [...] Eles acabariam por se habituar à minha fala, era só uma questão de tempo (Oliveira, 2007 *apud* Strobel, 2008a, p. 23).

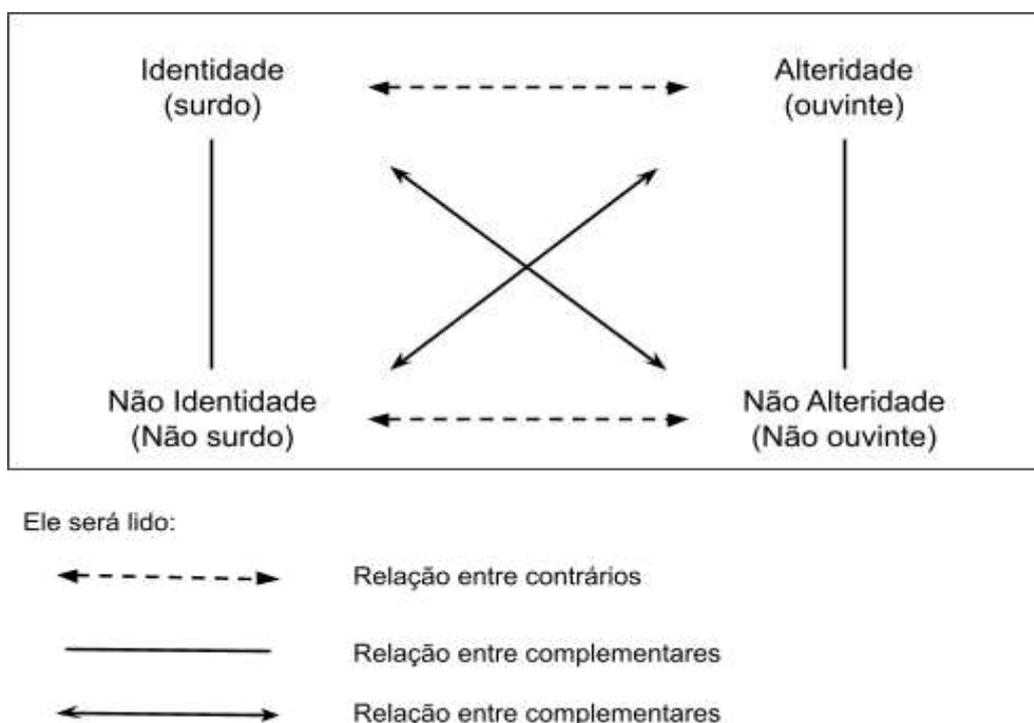
É frequente os casos de famílias que encaminham as crianças surdas para terapias de oralização, por não conhecerem a cultura surda e/ou a língua de sinais, buscando, assim, uma “normalização”, através da fala oralizada (Brito; Sá, 2011). Porém, “a leitura labial nunca será um meio regular de instrução ou de elaboração cumulativa de ideias” (Berthier, 1984 *apud* Nascimento, 2006, p. 261). Ademais, não é apenas a não fluência na língua oral que acanha os surdos, mas também a não fluência em línguas de sinais dentro de uma comunidade surda (Miranda, 2001). Em seu estudo, Miranda (2001) reuniu, em uma sala de aula, jovens surdos que viviam isolados, com o intuito de ensiná-los Libras. No início das aulas, eles se sentiam tímidos a responder perguntas sobre a Língua de sinais, seus meios de comunicação e suas perspectivas de vida. O autor observou uma mudança nesse sentimento na conclusão do curso:

A primeira entrevista foi realizada com Alauri (“Boné”) no dia 06 de janeiro de 2000. [...] A segunda entrevista feita com Alauri no dia 01 de novembro do mesmo ano. Desta vez, ele estava mais confiante, tranquilo, se comunicando bem mais do que durante a 1ª entrevista, estava feliz, sem preocupação, desinibido e participante [...] No início das aulas, pretendia entrevistá-los, mas percebi que os alunos estavam impossibilitados de responder, pois estavam sem Língua de Sinais e sem comunicação. (Miranda, 2001, p. 66-68).

Como dito na citação, a primeira entrevista não ocorreu de forma muito fluida, pois os alunos não tinham fluência na língua de sinais. Mesmo sendo surdos

e significando o mundo visualmente, eles não possuíam, ainda, uma identidade surda fortalecida e lhes faltava a convivência com os outros surdos. Neles, não havia uma identidade de ouvinte – por não ouvirem – e nem uma surda – por não fazerem parte da comunidade surda, ou seja, não eram ouvintes e nem surdos (Perlin; Strobel, 2014). Essa categoria semântica pode ser organizada no seguinte quadrado semiótico, observado na Figura 3.

Figura 3 – Quadrado semiótico: identidade vs alteridade



Fonte: Elaboração própria.

Retomando a questão da “Liberdade *versus* Opressão”, mencionamos que todo o esclarecer do discurso sobre a curiosidade acerca do mundo surdo e da leitura labial é feito para não haver a exigência de que o surdo faça essa leitura, para manifestar a liberdade de escolha do surdo. Assim, poder-se-ia dizer que o enunciador tenta dotar o enunciatário do conhecimento de que um ouvinte não teria tantas barreiras ou obrigações para aprender uma língua de sinais ou para aprender a fazer a leitura labial, enquanto que, para um surdo, o aprendizado de uma língua oral e leitura labial seria algo difícil e doloroso que poderia causar grandes angústias. A maioria dos ouvintes tem a opção de aprender ou não a língua de sinais, enquanto muitos surdos, ainda hoje, são impelidos a aprender leitura labial,

por razões extrínsecas. Isso reflete a ideia comum que permeia a realidade de que o surdo precisa ser reabilitado e que parte dessa reabilitação se encontra na terapia de oralização²⁰, ideia que está, diretamente, ligada à leitura labial²¹.

Há muitos resquícios do método oralista que, ainda, trazem lembranças dolorosas aos surdos, principalmente aqueles que vivenciaram a grande opressão. No entanto, a partir dos métodos mais humanizados, alguns surdos estão interessados em aprender a oralizar (Gesser, 2009), desde que tal ação não seja obrigatória. A oralização pode conter níveis de euforia e disforia, os quais são apresentados, em relação à categoria semântica do vídeo “Todos os surdos sabem ler lábios”, a partir de trechos, no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Opressão vs Liberdade

Opressão	Não-opressão	Liberdade
"Alguns surdos não querem isso, pois muitos são obrigados a ler lábios, sofrem."	"Se você é ouvinte e encontrar com um surdo que faz leitura labial, por favor, fale devagar, use palavras fáceis e usadas no dia a dia, é mais fácil."	"Surdos que não tem nenhum conhecimento de Leitura Labial, assim como um ouvinte que não sabe nada de Libras."
Disforia	Não-disforia	Euforia

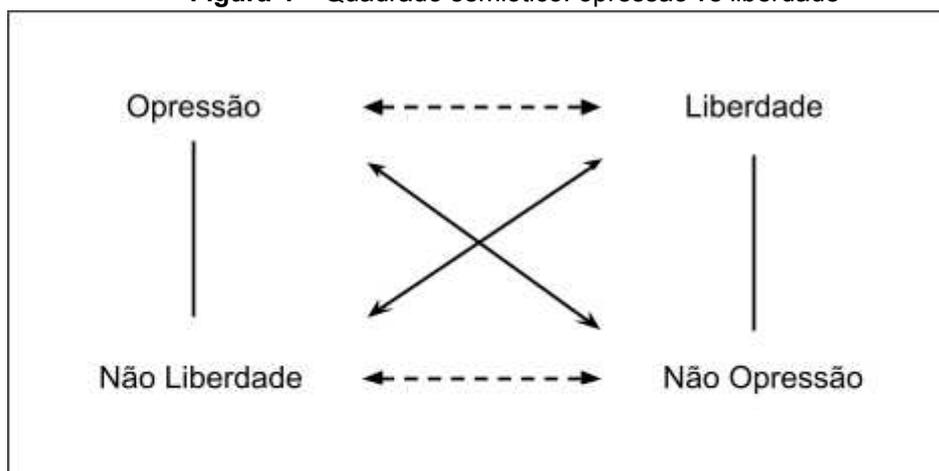
Fonte: Elaboração própria , a partir de Todos os surdos [...] (2017).

Esse nível fundamental também será apresentado na Figura 4, a seguir, semiótico, em que apresentaremos esses níveis opostos que também está conectado com a ideia central do texto, a opressão vs liberdade:

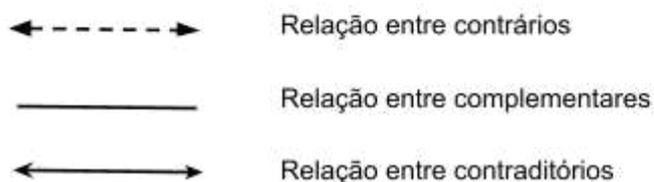
²⁰ O método oralista objetivava levar o surdo a falar e desenvolver competência linguística oral (Capovilla, 2000, p. 102).

²¹ Na história, o método oral era exclusivamente ou quase que exclusivamente empregado, em detrimento da comunicação visual-gestual.

Figura 4 – Quadrado semiótico: opressão vs liberdade



Ele será lido:



Fonte: Elaboração própria.

Outro trecho importante do vídeo é quando Léo Viturino oferece uma dica à audiência, para o caso do encontro com sujeitos surdos que leiam os lábios: “Vou dar uma dica: se você é ouvinte e encontrar com um surdo que faz leitura labial, por favor, fale devagar, use palavras fáceis e usadas no dia a dia, é mais fácil. E também não grite, óbvio, porque ele é surdo, ou seja, não vai ouvir nada” (Todos os surdos [...], 2017, 1 min 44 s). Nessa comunicação, o destinador transmite ao destinatário o conhecimento necessário para agir. Ele o leva a “saber-fazer”, *isto é*, a saber comportar-se diante do leitor de lábios.

O *youtuber* utiliza o seu ciberativismo para mobilizar a forma de comportamento dos seus seguidores. Essa é uma das características do segundo perfil de ativismo: a subcategoria que movimenta os interessados na comunidade a como se comportarem diante de um surdo caso, o que poderíamos, aqui, nomear de mobilização do *on-line* para fins *off-line*.

Por outro lado, ao explicar que exigir ou esperar leitura labial pode ser opressor, ele, também, manipula o destinatário por provocação²², uma vez que apresenta valores que crê que o destinatário nega e deseja evitar – nesse caso, obrigar o surdo a fazer essa leitura labial oprime o surdo. O destinador pode oferecer ao destinatário valores/objetos que ele quer evitar (manipulação por intimidação) ou que ele deseja (manipulação por tentação); pode ainda oferecer imagens negativas ou positivas do destinatário: as negativas poderiam gerar uma manipulação por provocação e as positivas por sedução.

Por outro lado, Léo Viturino tem, no nível narrativo, não o papel de destinador, mas o de próprio sujeito competente, isto é, daquele que possui as competências necessárias para divulgar as informações desejadas – o conhecimento (saber) da cultura surda, o querer ensinar sobre essa cultura surda e o poder ensinar nas comunidades cibernéticas. Conforme Pinheiro (2012, p. 50):

O pertencimento à comunidade surda envolve elementos fundamentais, como o uso da língua de sinais e o estado de ser surdo, no entanto, inserir-se nessa cultura abrange também a participação comum de seus membros, compartilhando as mesmas causas políticas e sociais.

Sendo assim, ao compartilhar suas lutas e curiosidades pelas causas políticas e sociais dos surdos, Léo Viturino sabia, queria, podia e fez seu discurso sobre o que é a leitura labial, a opressão que os surdos tendem a sofrer para ler lábios e sobre o fato de que nem todos os surdos sabem fazer a leitura labial, tal como nem todos os ouvintes sabem a língua de sinais. O tema trazido por Léo Viturino (Todos os surdos [...], 2017) é de grande relevância para a comunidade surda e para a comunidade ouvinte, uma vez que eleva o status das culturas e identidades surdas.

Quem está conhecendo a cultura surda tende a pré-conceituar e estereotipar quando encontra um surdo. Dessa forma, conhecer esse assunto que é a leitura labial e como ele circula entre os sujeitos surdos é uma ferramenta para desmistificar essa ideia e acabar por influenciar na redução dessa opressão de sociedades ouvintistas sobre os surdos, bem como a modificar a visão de muitos surdos no futuro.

²² A provocação é um dos quatro tipos de manipulação que a semiótica francesa prevê em seu modelo narrativo e pode ser entendida como "convencer" o sujeito a fazer algo ou a crer em algo (Barros, 2005).

Os vídeos que trazem essas informações sobre a cultura surda são uma forma de lutar contra o ouvintismo instaurado na comunidade ouvinte. Trata-se de um pedido de respeito, de não opressão e de liberdade para o surdo ser quem deseja ser. Aprofundaremos mais esse debate no capítulo “Relacionando as Análises”.

4.2 VÍDEO 2: ARTEFATO CULTURAL – BILINGUISMO SURDO

No segundo vídeo analisado, mais de um artefato cultural foi apresentado: o bilinguismo (artefato linguístico), e o meio familiar surdo, os quais se destacam como artefatos imateriais (o primeiro na maior parte do vídeo). Outros destaques importantes do texto, mas não necessariamente artefatos, são a identidade surda e o ensino de línguas, que podem se encaixar no tema do bilinguismo.

O canal de Gabriel Isaac, nomeado Isflocos, foi criado no dia 31 de maio de 2008 e, no ano de 2023, tinha mais de 40 mil inscritos. Quando gravou seu primeiro vídeo, o *youtuber* tinha apenas 12 anos e estava começando entender as barreiras sociais por ser surdo. Gabriel Isaac cria e compartilha vídeos na plataforma YouTube com conteúdos variados; entre eles estão projetos voltados a conhecer a comunidade surda, interações entre surdos *versus* ouvintes, sua vida pessoal como sujeito surdo, bem como viagens, conteúdos sobre a comunidade LGBTQIAP+, da qual também faz parte, entre outros. Os vídeos são narrados na Língua Brasileira de Sinais e legendados em língua portuguesa. Alguns vídeos também contêm áudio em língua portuguesa.

O vídeo que iremos analisar foi publicado no canal no dia 6 de novembro de 2020 e teve cerca de 43.591 visualizações. Ele tem como título: “Por que sou surdo?”. Primeiramente vamos ao texto:

Vídeo 02 – “POR QUE SOU SURDO?”.

Canal: Isflocos.

Autor: Gabriel Isaac.

[O vídeo começa com Gabriel se ajeitando para as câmeras e sinalizando que tem que estar bonitinho para a gravação. Em seguida, ele começa a sua narração]. Então, por que sou surdo?

Como você ficou surdo?

Foi doença?

Sua mãe e seu pai sabem o que aconteceu?

[Várias vozes fazem perguntas parecidas com essas].

Sempre fazem várias perguntas sobre isso, e algumas pessoas até têm medo de perguntar, mas percebi que nunca falei sobre isso aqui. Então agora é a hora de falar. Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro, mas quem são os outros dois? Além de mim, tem minha mãe e meu pai também. 'Ahn?' Como assim? Parece que é de família, né? Mas não. Meu pai ficou surdo porque minha avó teve rubéola na gravidez, que deixou ele surdo, e a minha mãe, com dois... três anos de idade, morava no interior que era muito, muito frio, aí teve uma infecção nos ouvidos que quando sarou perdeu a audição.

Os dois se conheceram convivendo na comunidade surda e depois de um tempo eu nasci.

Quando tinha seis meses, eu tive uma infecção grave nos rins, isso fazia doer muito, me levaram no médico e me trataram com muitos medicamentos e quando a infecção passou eu acabei ficando surdo. E só descobriram quando eu já tinha aproximadamente um ano e meio de idade.

Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar, porque naquela época era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar. A minha mãe só começou a adquirir Libras com quinze anos, foi nesse momento que ela começou a conhecer o mundo de verdade e a aprender o significado das coisas, conhecer as palavras através dos sinais, e antes disso ela cresceu sem conhecer nada dessas coisas. Quando ela aprendeu Libras, foi muito natural, foi a primeira língua. Ela dizia: 'Se meu filho for surdo, eu não quero que ele sofra as mesmas dificuldades que eu'.

Então ela usava estratégias para me ensinar e incentivar. Conforme o tempo foi passando e eu crescendo, minha primeira língua foi a Língua Brasileira de Sinais, ela já faz parte de mim desde sempre. Às vezes, quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe. 'Como assim,

menino?’ Eu ficava olhando pelo umbigo dela, ela conversando em Libras com as pessoas, por isso eu já nasci sinalizando.

[Nesse momento o vídeo tem um recorte com Isaac pequeno sinalizando ‘MAÇÃ’, ‘LIMÃO’, e também um recorte com a mãe dele sinalizando e agradecendo o aniversário de 5 anos]. A Libras virou minha língua materna, mas minha mãe continuou usando de estratégias para eu aprender Libras e português junto. Ela escrevia o nome nas coisas e nos móveis e me perguntava: ‘Qual o sinal disso?’, ‘E qual o nome disso?’. E eu respondia, e assim ela me incentivava a ser bilíngue nas duas línguas.

Existe o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, isso quer dizer que eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes e na sociedade em geral, que é bem grande. E com a língua de sinais, que é minha primeira língua, eu posso me comunicar com a comunidade surda, minha língua natural. Eu sou usuário de aparelho auditivo, sou oralizado e sinalizante. Se você quer conhecer mais sobre esse mundo sem sons e das línguas de sinais, quer conhecer mais e interagir com a comunidade surda, seja bem-vindo ao canal Isflocos, aqui a gente trabalha com vários temas da comunidade surda, a gente fala sobre história, as lutas, sobre Libras e várias outras coisas, espalhando mais respeito, mais amor e mais união.

Aqui vai uma dica para vocês, esse foi o primeiro vídeo que postei no canal. Eu tinha doze anos de idade, foi quando eu comecei a entender as barreiras na sociedade. Assistam para conhecer mais, tá bom? (Por que sou [...], 2020, 4 min 21 s.).

Iniciaremos essa análise observando como o texto está repleto de sequências narrativas, que se encaixam para tentar alcançar o objetivo do manipulador. O texto entrega duas grandes narrativas em momentos temporais diferentes, uma mais atual e outra no passado. Vamos destacar primeiramente os trechos dos momentos presentes:

*Sempre fazem várias perguntas sobre isso, e algumas pessoas até têm medo de perguntar, mas percebi que nunca falei sobre isso aqui. **Então agora é a hora de falar** [...]. (Por que sou [...], 2020, 0 min 18 s, grifo nosso)*

*Existe o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, isso quer dizer que eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes e na sociedade em geral, que é bem grande. E com a língua de sinais, que é minha primeira língua, eu posso me comunicar com a comunidade surda, minha língua natural. **Eu sou usuário de aparelho auditivo, sou oralizado e sinalizante.** Se você quer conhecer mais sobre esse mundo sem sons e*

das línguas de sinais, quer conhecer mais e interagir com a comunidade surda, seja bem-vindo ao canal Isflocos, aqui a gente trabalha com vários temas da comunidade surda, a gente fala sobre história, as lutas, sobre Libras e várias outras coisas, espalhando mais respeito, mais amor e mais união (Por que sou [...], 2020, 3 min 15 s, grifo nosso).

4.2.1 Introduzindo os temas

A segunda narrativa é no passado (pretérito) e narra fatos e acontecimentos da família do enunciador, como seus pais ficaram surdos, se conheceram e o educaram:

Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro, mas quem são os outros dois? Além de mim, tem minha mãe e meu pai também. ‘Ahn?’ Como assim? Parece que é de família, né? Mas não. Meu pai ficou surdo **porque minha avó teve rubéola na gravidez**, que deixou ele surdo, e a minha mãe, com dois... três anos de idade, morava no interior que era muito, muito frio, **aí teve uma infecção nos ouvidos que, quando sarou, perdeu a audição**. (Por que sou [...], 2020, 0 min 30 s, grifo nosso)

[...] **Antigamente**, minha mãe **vivia tentando** oralizar, porque **naquela época** era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar. A minha mãe só começou a adquirir Libras com quinze anos, **foi nesse momento** que ela começou a conhecer o mundo de verdade e a aprender o significado das coisas, conhecer as palavras através dos sinais, e **antes disso** ela cresceu sem conhecer nada dessas coisas. **Quando ela aprendeu** Libras, foi muito natural, foi a primeira língua. **Ela dizia**: ‘Se meu filho for surdo, eu não quero que ele sofra as mesmas dificuldades que eu’. Então ela **usava** estratégias para me ensinar e incentivar, conforme o **tempo foi passando e eu crescendo**, minha primeira língua foi a Língua Brasileira de Sinais, ela já faz parte de mim desde sempre. Às vezes, quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe. ‘Como assim, menino?’ **Eu ficava olhando** pelo umbigo dela, ela conversando em Libras com as pessoas, por isso eu já nasci sinalizando (Por que sou [...], 2020, 1 min 28 s, grifo nosso).

Como citado, o texto é carregado de esquemas narrativos. Vamos começar destacando um primeiro destinador-manipulador que é figurativizado pelas vozes iniciais do vídeo, ou seja, há um sujeito manipulador que levou o enunciador Gabriel a querer-fazer o vídeo em questão²³, vamos chamá-los de “influências do Gabriel”. Essas “vozes” representam muitas pessoas com curiosidade sobre o porquê da surdez do Gabriel, se ele nasceu surdo, como ele ficou surdo, o que podemos destacar nos trechos: “Como você ficou surdo?; foi doença?; sua mãe e seu pai sabem o que aconteceu?” (Por que sou [...], 2020, 0 min 7 s).

²³ Vale ressaltar que há diversas formas de ficar surdo, desde situações acidentais, genética, ou até mesmo por simplesmente nascer-se surdo.

Essas "vozes" representam um destinador que motiva Gabriel a realizar os vídeos em seu canal. Ou seja, esses questionamentos levaram-no a produzir o vídeo para o seu canal no YouTube, podemos perceber um tipo de influência da categoria do mobilizar e organizar, segundo grupo de ciberativistas denominado por Vegh (2003 *apud* Rigitano, 2003). Nesse momento específico ocorre o movimento do *off-line* para o *on-line*, já que as vozes vieram de pessoas em contato com Gabriel Isaac fora do mundo digital, e, assim, ele veio para a rede virtual trazer informações da comunidade surda que ele considera pertinentes.

De um certo ponto de vista, no chamado "nível narrativo" da semiótica discursiva, podemos considerar Gabriel um sujeito (o destinatário das "vozes"). Ele está em conjunção com sua história de vida e sua identidade surda, ou seja, ele sabe, pode e quer transmitir **competências** aos seus seguidores, sobre as curiosidades da cultura surda, informando a eles sobre os artefatos culturais que o cercam. Esses artefatos tematizam o texto no nível discursivo. No Quadro 4 estão dispostos os temas, os trechos e as figuras destacadas em negrito, antes de aprofundarmos cada parte.

Quadro 4 –Temas do vídeo três

Tema	Trechos / Figuras
Família surda	<p>“[...] não sou único surdo da família [...]”</p> <p>“Além de mim, tem minha mãe e meu pai também.”</p> <p>“Parece que é de família, né?”</p> <p>“Meu pai ficou surdo [...]”</p> <p>“Minha mãe [...] teve uma infecção nos ouvidos que, quando sarou, perdeu a audição.”</p>
Causas da surdez	<p>“Meu pai ficou surdo porque minha avó teve rubéola na gravidez, que deixou ele surdo.”</p> <p>“[...] minha mãe, com dois... três anos de idade, teve uma infecção nos ouvidos que, quando sarou, perdeu a audição.”</p> <p>“[...] tive uma infecção grave nos rins, me levaram no médico e me trataram com muitos medicamentos e quando a infecção passou eu acabei ficando surdo.”</p>

Oralismo	“Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar , porque naquela época era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar .”
Bilinguismo	<p>“Minha mãe continuou usando de estratégias para eu aprender Libras e português junto.”</p> <p>“Assim, ela me incentivava a ser bilíngue nas duas línguas.”</p> <p>“Eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes...”</p> <p>“[...] com a língua de sinais, eu posso me comunicar com a comunidade surda [...]”</p>
Identidade surda	<p>“Eu sou usuário de aparelho auditivo, sou oralizado e sinalizante.”</p> <p>“Eu tinha doze anos de idade, foi quando eu comecei a entender as barreiras na sociedade.”</p>

Fonte: Elaboração própria.

4.2.2 Família surda e causas da surdez

De outro ponto de vista, ainda no nível narrativo, Gabriel pode ser visto como um destinador que logo no início do texto quer levar seus seguidores a crer que, apesar de parecer, sua surdez não é hereditária. O destinador começa falando que não é o único surdo da família. “Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro, mas quem são os outros dois? Além de mim, tem minha mãe e meu pai também” (Por que sou [...], 2020, 0 min e 30 s).

É muito comum o nascimento de crianças surdas em famílias totalmente ouvintes, mas nesse caso seu pai e sua mãe também são surdos. A curiosidade destacada vem com a surpresa sobre a sua surdez não ser genética, apesar de parecer. O pai de Gabriel Isaac ficou surdo, pois sua mãe, a avó de Gabriel, ficou doente na gravidez; por sua vez, a mãe do *youtuber* ficou surda após os dois ou três anos de idade devido a uma infecção.

Ele nasceu ouvinte, no entanto, sofreu uma infecção quando era bebê que também o deixou surdo. Strobel (2008a) descreve o meio familiar do surdo como um artefato cultural; crianças surdas que nascem e crescem em lares com outros surdos passam pelo processo natural da transmissão de cultura surda, bem

como informações dos artefatos culturais surdos, elas fazem parte das conversas em língua de sinais durante as refeições e nas visitas de amigos surdos e/ou sinalizantes. Segundo o autor, “assim, as crianças surdas visualizam, recebem informações, categorizam, guardam e dão sentido a isto” (Strobel, 2008a, p. 53).

Esse sujeito está em conjunção com seu objeto-valor, que é conhecer a história de vida que ele irá compartilhar com seus destinatários – as “vozes” que o levaram a esclarecer sua condição e/ou seus seguidores – para haver uma transformação destes. Assim sendo, os destinadores que levam Gabriel a falar entenderam que Gabriel é surdo, seus pais são surdos, mas não era algo comum na família, apenas ocorreram trajetórias que os levaram à surdez.

Gabriel Isaac teve tanto a imersão familiar quanto a participação da comunidade surda e adquiriu hábitos familiares surdos com seus pais, como a língua de sinais, um dos artefatos listados por Strobel (2008a). Existem muitos relatos²⁴, documentários²⁵, filmes²⁶ e canais de YouTube²⁷ sobre famílias inteiras de surdos e, apesar dessa família possuir três surdos, a surdez não era uma condição relacionada à genética da família²⁸.

Não apenas isso, o sujeito também quer detalhar como foi sua aquisição de língua sendo surdo e onde está inserido seu pertencimento, ou seja, sua identidade. Pressupõe que quem lhe pergunte como ficou surdo tem curiosidades sobre o mundo surdo, logo o enunciador abre o convite para compartilhar mais sobre essa comunidade, manipulando seu público através da sedução (já falamos sobre os tipos de manipulação anteriormente), manifestando pontos positivos em conhecer mais acerca do mundo dos surdos, e também a manipulação de tentação, pois este segue afirmando que, ao continuar assistindo os vídeos, seus manipulados estarão mais próximos de conhecer e interagir com a comunidade surda, ou seja, lhes propõe recompensas, como colocado por ele:

Se você quer conhecer mais sobre esse mundo sem sons e das línguas de sinais, quer conhecer mais e interagir com a comunidade surda, seja

²⁴ Ver Strobel (2008a).

²⁵ Por exemplo, “Som e fúria” (Som [...], 1999), de Ricardo Shimosakai.

²⁶ Por exemplo, o filme “No ritmo do Coração” (No ritmo [...], 2021), de Sian Heder.

²⁷ Por exemplo, o canal do YouTube “O diário de Fiorella”, que existe desde 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/@ODiariodaFiorella>. Acesso em 27 maio 2024.

²⁸ Doenças não relacionadas diretamente com a genética levaram seus pais e o próprio narrador a tornarem-se surdos. A surdez pode ter origem hereditária ou origem ambiental, e “os fatores que podem causar a perda de audição ocorrem no período pré-natal, perinatal ou pós-natal” (Derdic, 2016, p. 23).

bem-vindo ao canal Isflocos, aqui a gente trabalha com vários temas da comunidade surda, a gente fala sobre história, as lutas, sobre Libras e várias outras coisas, espalhando mais respeito, mais amor e mais união (Por que sou [...], 2020, 3 min 37 s).

Ainda seguindo a manipulação por sedução, o sujeito também aparece dando outra opção de vídeo para seus seguidores, querendo que eles continuem consumindo o canal, levando seu público a conhecer mais sobre cultura surda, seus artefatos e ainda sobre as barreiras de ser surdo em uma comunidade ouvinte. Como discutido no capítulo "Cultura e identidade Surda", tem "surdos que nasceram numa família de surdos e surdos que nasceram numa família ouvinte, em qualquer momento eles todos serão afetados por discursos ouvintes".

Esse momento também leva a entender que, por nascer em família surda, ter adquirido a Libras como sua primeira língua e conviver em comunidades surdas, o sujeito ainda não tinha entrado em conjunção com a comunidade ouvinte de uma forma mais perceptível, ou seja, Gabriel não tinha sentido ainda sua diferença no meio ouvinte até seus doze anos, pois até então sempre se encontrou em conjunção na sua comunidade surda.

A partir dos doze anos, o enunciador entendeu suas diferenças e as barreiras, não de ser surdo, mas da sociedade não saber lidar com a surdez, conforme mencionado no trecho: "[...] esse foi o primeiro vídeo que postei no canal. Eu tinha doze anos de idade, foi quando eu comecei a entender as barreiras na sociedade. Assistam para conhecer mais, tá bom?" (Por que sou [...], 2020, 4 min12 s).

Gabriel, assim como outros surdos, torna-se ativista e ciberativista no momento em que entende suas diferenças e traz para a rede virtual informações e conhecimentos sobre ser surdo. Enquanto esses surdos cresceram em suas famílias e comunidades surdas, nunca se sentiram diferentes dos demais indivíduos não surdos, portanto, não era necessário falar sobre o que já se sabia até encontrar pessoas que não sabiam sobre eles.

4.2.3 O artefato linguístico - Línguas: primeira língua, bilinguismo, monolinguismo -

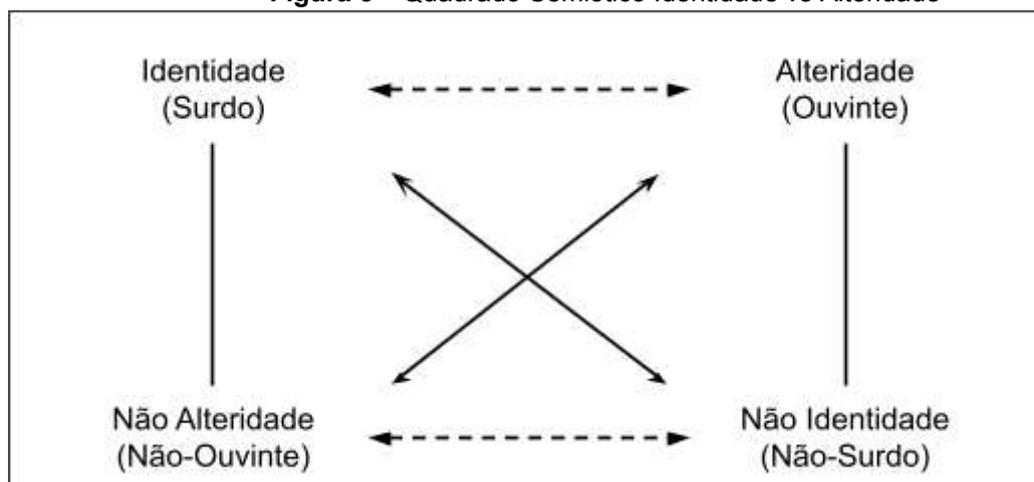
Voltamos agora a outro ponto do discurso que é a afirmação do enunciador sobre sua primeira língua e seu bilinguismo. Gabriel Isaac destaca a

língua de sinais como sua primeira língua, que faz parte de sua identidade desde sempre, afinal seus pais são surdos e se conheceram na comunidade surda, o que leva a entender que são frequentadores de grupos surdos. O enunciador ainda faz uma brincadeira dizendo que aprendeu a sinalizar dentro da barriga mãe.

Como já comentado no capítulo "Cultura e Identidade Surda", "a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda" (Strobel, 2008a, p. 44). Ela é considerada um artefato linguístico que traz uma das principais marcas do povo surdo, pois sua forma de se expressar e de comunicar é que leva o surdo a um conhecimento de mundo, bem como à construção de identidade do sujeito. Tendo esse sujeito dentro de si características das identidades fragmentadas, já que o próprio *youtuber* também se diz: sinalizante, oralizado (alfabetizado na língua portuguesa escrita) e usuário de aparelho auditivo, sendo marcas de identidade surda expressadas por Perlin (2016), como o tipo de identidade criado em "um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso" (Perlin, 2016, p. 63).

Uma oposição que permeia todo o texto – portanto estando no que a semiótica chama de seu nível fundamental – é a ideia de pertencer *versus* não pertencer a um grupo. Essa necessidade de confirmação de que "sou assim, nasci assim, meus pais são assim, eu uso essa primeira língua" são conjuntos de afirmações que servem para destacar uma identidade. Isso pode ser visualizado na Figura 5, a seguir.

Figura 5 – Quadrado Semiótico Identidade vs Alteridade



Ele será lido:



Relação entre contrários



Relação entre complementares



Relação entre complementares

Fonte: Elaboração própria.

Essa figura mostra-nos que o sujeito está em conjunção com sua identidade e cultura surdas, reconhece que há diferenças entre surdos e ouvintes e que há alteridade. O enunciador entra com uma conclusão sobre os mundos de surdos e ouvintes e de como estão claramente divididos entre as línguas oralizadas (faladas oralmente e/ou escritas) e as línguas visuais – no caso desse destinador, entre a língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. Essa necessidade de assegurar sua identidade, o "sou surdo", mas também o "sou oralizado" foi sendo justificada pelo seu ambiente de criação, já que o enunciador traz a história de sua mãe para explicar como se tornou bilíngue tendo pais surdos e convivendo na comunidade surda.

Orientamo-nos, assim, ao próximo sujeito destacado nesse texto, que é a mãe do Gabriel Isaac. Até os quinze anos de idade, a mãe do Gabriel estava em disjunção com a língua de sinais, uma situação que não parecia agradável, já que há o trecho: "Se meu filho for surdo, eu não quero que ele sofra as mesmas dificuldades que eu" (Por que sou [...], 2020, 2 min 8 s). Ou seja, há aqui uma disforia sobre a possibilidade de oralizar. Após os quinze anos de idade, ela entrou em conjunção

com a Libras, uma língua adquirida com naturalidade e que lhe serviu melhor do que a oralização, euforizando o objeto "língua de sinais".

Pode-se também pressupor que esse sujeito "mãe" foi um destinatário em algum momento anterior, já que respondia à manipulação de outro destinador: a sociedade ouvinte que não aceitava a língua de sinais. Esse momento pode ser observado no trecho: "Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar, porque naquela época era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar" (Por que sou [...], 2020, 1 min 32 s).

Vale destacar que o termo oralização já foi introduzido na análise 1, no entanto, no vídeo da primeira análise, Léo Viturino afirma que muitos surdos não gostam de fazer a leitura labial; nessa segunda análise, temos uma surda que sofreu para aprender a oralizar, ou seja, para falar oralmente a fim de se encaixar no padrão ouvintista²⁹, situações também vistas no decorrer da dissertação, com Labourit (1994), com Oliveira (2007 *apud* Strobel, 2008a) e Vilhalva (2011). Vamos desenvolver os dois pontos de vista neste momento.

Sendo surda e tendo sido obrigada a falar oralmente, não parece viável colocar seu filho para passar pelo que ela passou, no entanto, diferente do sentido de obrigação e sofrimento que o sujeito passou, este ensinou seu filho de forma diferente, utilizando primeiramente a língua de sinais, a qual é a língua natural do sujeito surdo.

A oralização torna-se opcional ao surdo não necessariamente por estar inserida dentro do dia a dia dos surdos, o que está, mas por pessoas surdas estarem escolhendo querer aprender a oralizar, mas não de uma forma imposta e, sim, por escolha própria do surdo, assim como aqueles indivíduos que escolhem aprender o italiano ou o francês, ou seja, como uma segunda língua, após ter fluência na língua de sinais, sendo o caso do Gabriel Isaac. Foi afirmado na análise 1 que, como nem todos os surdos sabem ou querem fazer leitura labial, nem todos sabem ou querem oralizar. Entretanto, isso deve ser a escolha da pessoa surda e esta deve ser respeitada.

Trazendo de volta o nível narrativo desse sujeito, a mãe do Gabriel **fez-saber** ao seu filho como conviver nesses "dois mundos", como utilizar as duas

²⁹ De acordo com Machado (2006), essa prática foi nomeada como um modelo clínico e assistencialista para tentar "normalizar" o surdo, prática também conhecida como "ouvintizar" o surdo, "ou seja, de fazê-los parecer como ouvintes" (Machado, 2006, p. 41).

línguas, **manipulando-o** a aprender ambas as línguas, e dando-lhe as **competências** para desenvolvê-las. Observe o trecho: “Ela escrevia o nome nas coisas e nos móveis e me perguntava: ‘Qual o sinal disso?’, ‘E qual o nome disso?’. E eu respondia, e assim ela me incentivava a ser bilíngue” (Por que sou [...], 2020, 3 min 4 s). Essa manipulação foi aceita pelo sujeito figurativizado por Gabriel Isaac, ocorrendo assim a **performance**, pois houve uma transformação nesse sujeito que se tornou bilíngue, alcançando sua recompensa (durante a **sanção**) de poder se comunicar no meio ouvinte e no meio surdo, como ele afirma no excerto a seguir:

Existe o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, isso quer dizer que eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes e na sociedade em geral, que é bem grande. E com a língua de sinais, que é minha primeira língua, eu posso me comunicar com a comunidade surda, minha língua natural (Por que sou [...], 2020, 3 min 16 s).

Tomando o gancho sobre esses dois mundos e duas línguas, destacamos aqui o tema do bilinguismo abordado durante o texto. O bilinguismo é a coexistência de dois sistemas linguísticos em um indivíduo ou em um grupo. O bilinguismo surdo é uma das conquistas da comunidade surda, uma vez que se tem a língua de sinais como a língua natural da pessoa surda. Capovilla (2000, p. 109) define o bilinguismo surdo como:

No bilinguismo, o objetivo é levar o surdo a desenvolver habilidades em sua língua primária de sinais e secundária escrita. Tais habilidades incluem compreender e sinalizar fluentemente em sua língua de sinais, e ler e escrever fluentemente o idioma do país ou cultura em que ele vive.

A língua de sinais e a língua oral escrita são modalidades de línguas diferentes. Existem hoje em dia escritas de línguas de sinais, no entanto, o bilinguismo conceituado pela lei, é que os alunos surdos adquiram a língua de sinais e depois a língua da comunidade majoritária ouvinte em sua modalidade escrita. Por exemplo, no Brasil, trata-se da Libras como primeira língua e do Português na modalidade escrita como segunda. Das pesquisas mais antigas às mais recentes, reforça-se a importância de a criança surda aprender de forma natural a língua de sinais e, após ter uma base linguística, aprender a segunda língua, que foi o método de aprendizado usado para ensinar o Gabriel. O bilinguismo é uma das vertentes mais fortes para a educação de surdos (Sá, 2011).

No Brasil, o surdo pode utilizar Libras e aprender a língua portuguesa através dela, conforme garantido pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Esse decreto qualifica escolas ou classes bilíngues para surdos da seguinte

forma: “São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (Brasil, 2005³⁰).

Apesar da lei ter sido declarada apenas em 2002, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, em seu documento oficial no ano de 1999, já considera, no seu primeiro item pelos direitos humanos, a proposta de reconhecer a língua de sinais como língua da educação de surdos, e também a segurança de aprender a língua portuguesa, bem como outras línguas através da língua de sinais (Feneis, 2018).

Então, alguns surdos empregam duas modalidades de línguas: a língua de sinais como sua língua natural³¹, transmitida e praticada por gerações de pessoas surdas, e também a língua oralizada (escrita) do país em que vive. O bilinguismo torna-se um artefato imaterial presente dentro da comunidade surda e, como já dito no capítulo "Cultura e identidade Surda", parte de outro artefato mais conhecido da comunidade surda, que é a língua de sinais (Strobel, 2008a). Além disso, parte também de um propósito de luta e militância pela comunidade surda pelo direito de tomar-se conhecimento de outras línguas através da língua de sinais e de pedagogias surdas (Dalcin, 2009).

Essa militância é divulgada nas redes sociais para exposição e conhecimento sobre o bilinguismo surdo e como os surdos são capazes de ler e escrever em outras línguas desde que tenham a aquisição de sua primeira língua naturalmente, isto é, a língua de sinais. Também faz parte da militância como o surdo reproduz esse bilinguismo nas redes, sinalizando em vídeos, legendando-os ou colocando um áudio interpretando sua fala para ampliar seus números de visualizações, conferindo acessibilidade a seguidores ouvintes não fluentes em Libras, tentando abarcar o máximo do público possível. Como mencionado por Pinheiro (2012, 37), “o aparecimento da legenda constitui uma estratégia de negociação de sentidos culturais, tornando o conteúdo acessível a ouvintes não fluentes em LIBRAS”.

³⁰ Fonte consultada não paginada.

³¹ Língua natural, aqui, deve ser entendida como uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que se transmite de geração em geração, e que muda tanto estrutural como funcionalmente com o passar do tempo (Skliar, 2016, p. 27).

Teremos também, em oposição ao bilinguismo, o monolinguismo, o qual é a condição da pessoa conhecedora de apenas um sistema linguístico. A mãe de Gabriel Isaac vivia tentando oralizar, ou seja, utilizar apenas o sistema linguístico oral, por opressão da sociedade. Nesse âmbito, temos três momentos no texto no nível discursivo que podemos destacar no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Três momentos do nível discursivo

Monolíngue	Bilinguismo tardio	Bilinguismo precoce
“A minha mãe só começou a adquirir Libras com quinze anos.”	“Quando ela aprendeu Libras foi muito natural, foi a primeira língua.”	“Libras virou minha língua materna, mas minha mãe continuou usando de estratégias para eu aprender Libras e português junto.”
“Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar.”	“[...] conhecer as palavras através dos sinais, e antes disso ela cresceu sem conhecer nada dessas coisas [...]”	“[...] ela me incentivava a ser bilíngue nas duas línguas.”
“Às vezes quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe; “Como assim menino?”. Eu ficava olhando pelo umbigo dela, ela conversando em Libras com as pessoas, por isso eu já nasci sinalizando.”		

Fonte: Elaboração própria, a partir de Por que sou [...] (2020).

A opressão para realização do oralismo ainda é resquício das decisões tomadas no Congresso de Milão, apresentado na primeira análise. O caso de bilinguismo tardio, chamado assim pois a aquisição da segunda língua ocorreu após a infância, evoca o conceito de identidade definido por Perlin (2016) como identidades em transição. Estas se dão quando surdos são mantidos reclusos dentro da experiência ouvinte até conhecerem a comunidade surda e, então, começam a reconstruir sua identidade a partir da convivência com outros surdos. Não que não houvesse uma identidade formada na mãe do Gabriel Isaac até seus quinze anos, mas essa identidade se transformou e se modificou ao adentrar na comunidade surda (Strobel, 2008a).

Esse contexto é diferente do de seu filho Gabriel Isaac, inserido no bilinguismo precoce, pois houve a aquisição de mais de uma língua desde o nascimento. Gabriel Isaac nasceu ouvinte, mas, por influência de seus pais surdos,

usuários da língua de sinais, considera-se surdo desde sempre. Podemos observar o trecho em que diz: “Às vezes, quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe [...]” (Por que sou [...], 2020, 2 min 25 s). A comunidade surda luta pelo reconhecimento de que o bilinguismo é o melhor caminho para o surdo, em que este adquire a língua de sinais para poder aprender a escrita das outras línguas orais, além de afirmar que assim a identidade do surdo e sua autoestima podem ser estabelecidas. De acordo com Machado. (2006, p. 52),

Na perspectiva bilíngue, a língua de sinais é considerada a primeira língua do surdo e a língua majoritária – na modalidade oral e/ou escrita – como segunda. Essa visão sobre a surdez e o surdo tem sido apoiada pela comunidade de surdos.

O bilinguismo real e inclusivo ainda não chegou ao seu ápice na educação de surdos. Ainda não se sabe exatamente o efeito disso, mas acredita-se que esse processo é um enorme ponto de partida para que os surdos se tornem protagonistas, debatendo em plano de igualdade o que seria melhor para todos (Sanches, 1990 *apud* Machado, 2006).

O que sabemos é que Gabriel vivenciou o aprendizado precoce de língua portuguesa, o que inclui a datilologia³² das coisas, com a aquisição da língua de sinais. Como se sabe, a existência de mais de uma língua é muito presente na identidade surda. Pessoas surdas, mesmo em contato com a comunidade surda, não conseguem se isolar totalmente da cultura ouvinte, da língua oralizada e/ou escrita, precisando assim se apropriar dos seus códigos e símbolos. Assim sendo, Gabriel se tornou capaz de transitar pelos dois mundos por ter acesso às duas línguas.

Nessa segunda análise, nós trouxemos outros artefatos culturais para se pensar e analisar. Destacaram-se pontos sobre a família surda, a língua de sinais, a língua oralizada escrita e todos os acessos e restrições que o domínio delas, ou a falta delas, pode acometer.

³² A datilologia, também conhecida como alfabeto manual ou soletração digital, é um recurso utilizado por falantes da língua de sinais, sendo um código de representação das letras alfabéticas. Utiliza-se desse recurso para soletração de nomes próprios de pessoas ou lugares, bem como siglas ou algum vocabulário do qual não se saiba ou tenha o sinal (Gesser, 2009).

4.3 VÍDEO 3: ARTEFATO CULTURAL – INTERAÇÕES COM SURDOS

Nesta terceira análise, temos um canal com um perfil um pouco diferente dos anteriores. O canal Visurdo³³ é dirigido por dois irmãos surdos, Tainá e Andrei Borges, que apresentam de forma mais teatral seus vídeos, havendo, por isso, algumas descrições em cenas.

O canal Visurdo foi criado no dia 13 de setembro de 2010, visando divulgar a cultura surda, a importância da Libras, bem como mostrar a capacidade dos surdos e diminuir os preconceitos e as barreiras existentes contra eles na sociedade³⁴. Até o momento da escrita da presente dissertação, o canal conta com 211 mil inscritos e 128 vídeos disponíveis.

O vídeo analisado intitula-se: “Como se comunicar com o surdo?”, foi publicado no dia 8 de abril de 2019 e conta com 146.846 visualizações. É sinalizado em Libras e também legendado na língua portuguesa³⁵. Primeiramente, vamos ao texto:

Vídeo 03 – “Como se comunicar com o surdo?”³⁶.

Canal: Visurdo.

Autores: Tainá Borges e Andrei Borges

[Tainá] Oi, tudo bem?

[Andrei] Tudo bem?

[Tainá] Eu sou Tainá.

[Andrei] Eu sou Andrei.

[Tainá] Hoje nosso vídeo é muito interessante. Muitos ouvintes querem saber como se comunicar com os surdos quando se encontram, muitos ouvintes ficam nervosos, então hoje vocês irão

³³Houve um contato anterior através do e-mail do mesmo para permissão da análise do vídeo, na data 12/04/2021.

³⁴ Esses objetivos estão na aba “Sobre” do canal, disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/channel/UCYHZ8ghF1p0ev8i6TWcmiYg>. Acesso em: 28 maio 2024.

³⁵Realizei uma tradução própria, que difere da legenda, pois havia muitos detalhes da língua sinalizada que não haviam sido mencionados na legenda.

³⁶O vídeo foi publicado no dia 8 de abril de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J1_a5aM1Vmw. Acesso em: 07 dez. 2023.

conhecer mais sobre esse assunto surdo, de como aprender a se relacionar com os surdos, ok?

[Andrei] Esse vídeo vai ajudar a melhorar o encontro de vocês com os surdos; eu acredito que sim!

[CENA 1]

[Andrei] Oi

*[Tainá, com fone de ouvido, vê Andrei sinalizando e oralizando]
[Tainá] Sou surda, eu não escuto nada, sou surda.*

[Andrei] Como? Se você estava ouvindo música com o fone? Você ouve sim.

[Tainá] Então, minha amiga Jéssica, que é surda também, me pediu: por favor, faz um vídeo explicando como é isso. Então, na verdade, eu sei que muitos ouvintes veem isso e perguntam: por que os surdos usam fones de ouvido se os surdos não escutam? Eu sei que é estranho, mas não são todos os surdos que não ouvem nada. Alguns surdos têm diferentes tipos de surdez, já expliquei essas diferenças em vídeos anteriores. Então, muitos surdos gostam de ouvir as músicas, sentir as vibrações. Podem não estar entendendo nada da letra, igual aos ouvintes que gostam de ouvir música internacional, mas não entendem nada da língua da música, mas vocês gostam da música, então é igual para nós surdos também. Por exemplo: meu irmão não escuta muito das músicas, mas gosta bastante das vibrações que as músicas produzem nas festas. E eu gosto de usar os fones de ouvido porque eu gosto de ouvir, eu escuto um pouco, entendem?

[CENA 2]

[Tainá, se fazendo de ouvinte, tocando o braço do Andrei, oralizando e apontando como se estivesse fazendo uma pergunta]

[Andrei] Ah, sou surdo.

[Tainá] Você faz leitura labial?

[Andrei] Não. Você tem celular? Pode digitar?

[Tainá] Quando você encontra um surdo e você não sabe que ele é surdo, ele vai dizer que é surdo e não ouve o que você falava. Você pode perguntar se ele sabe fazer a leitura labial, isto é importante. Se o surdo falar que sim, fale com calma; não precisa falar rápido e com

a voz alta, fale normal. E se o surdo não souber fazer a leitura labial, você pode pegar o celular e escrever.

[Andrei] Mas lembre-se, alguns surdos têm muita dificuldade com o português e não conseguem ler e entender tudo. Você pode ajudar fazendo gestos junto para que eles consigam entender a conversa.

[CENA 3]

[Tainá] Ei! Ei! [Tainá chega gritando e sacudindo Andrei].

[Tainá] Estava gritando para chamar você.

[Andrei] Eu sou surdo, não adianta gritar, bata no meu ombro para me chamar.

[Tainá] Então como faz para chamar o surdo? Precisa gritar? Falar alto? Não vai adiantar se for surdez profunda. Como se chama então? Chegue perto e, com jeito, bata no ombro, mas não chegue assustando. Imagine se fosse com você. Se chegassem perto e gritassem. Você pode levar um susto, não é? Também pode acenar para o surdo, porque quase todos os surdos dizem ter a visão 360° e os ouvintes enxergam apenas 190°.

[Andrei] Se os ouvintes não conseguirem chamar o surdo porque está muito longe, jogue uma pedrinha perto dele; mas cuidado para não acertar a cabeça. Se aparecer uma pedra no chão, o surdo olha e vira procurando.

[CENA 4]

[Andrei, como amigo ouvinte, apontando para Tainá como amiga surda] [Andrei] Eu amei conhecer o mundo dos surdos, amo ver surdos-mudos sinalizando. Acho lindo, quero aprender Libras.

[Tainá] SURDO-MUDO? Quem disse que surdo é mudo?

[Andrei] Porque vi eles conversando em silêncio; não tem voz, então são mudos.

[Tainá] Se eu sou surda, ele é surdo, preciso gritar? Não! Nós temos vozes.

[Eles começam a oralizar com suas vozes] [Tainá] Então, surdo tem voz, só não precisamos usar isso. Surdo pode gritar, rir, falar algumas palavras.

[CENA 5]

[Tainá] Eu achei a linguagem de sinais muito legal.

[Andrei] Linguagem? Por que é linguagem?

[Tainá] Porque é linguagem.

[Andrei] Eu também amo a linguagem do português na escrita.

[Tainá] Ah! É diferente! O português tem estrutura gramatical.

[Andrei] A Libras também tem estrutura gramatical. Você sabia disso?

[CENA 6]

[Andrei] Ei, no passado eu assisti ao filme “Até o último homem”, na Netflix

[Tainá mexendo no celular enquanto Andrei sinaliza]

[Andrei] Me olha, eu estou sinalizando, me olha nos olhos!

[Tainá] Se você conversa com um surdo é importante olhar nos olhos porque eles são visuoespaciais. Se vocês virarem o rosto, o surdo pode pensar que vocês não estão prestando atenção ou que a conversa terminou.

[CENA 7]

[Tainá] Eu sou surda.

[Intérprete] Eu sou intérprete.

[Andrei] Eu sou ouvinte.

[Andrei fazendo pergunta direto para a intérprete sobre Tainá]

[Intérprete] Desculpa, eu não sou a Tainá, pode perguntar direto para ela.

[Tainá] Finalizando o vídeo. É resumido, sim, mas é para vocês entenderem e perceberem como se comunicar corretamente com os surdos e também como lidar com surdo.

[Andrei] Eu espero que este vídeo ajude vocês a entenderem. Quando encontrarem um surdo, já estarão preparados, não precisam ter medo e ficar desesperados. Converse com calma que vai ficar claro. Tenho certeza que você vai amar aprender Libras e sobre esse mundo.

[Tainá] Eu sei que há muitos ouvintes com medo de se comunicar, não é um preconceito porque você sabe um pouco de Libras, ele é um surdo, é fluente. Você fala: Oi, tudo bem? Se ele sinalizar muito rápido, e você não entender, é só pedir desculpas “eu não sei, estou aprendendo Libras”. O surdo vai falar devagar com vocês. Não se preocupe, surdo não vai te morder. Se você gostou do vídeo, se inscreva no canal, também dê um like aqui, compartilhe com seus amigos ouvintes.

[Andrei] Não esqueça de seguir nosso Instagram Visurdo. Tem aulinhas de Libras de um minuto para vocês aprenderem.

[Tainá] É especial para vocês.

[Andrei] Se quiserem seguir nosso pessoal, estão aqui [imagem na tela com seus arrobas]. Nós quase sempre compartilhamos assuntos sobre surdos, nos acompanhe para conhecer mais sobre os surdos (Como se comunicar [...], 2019, tradução nossa).

Nesse vídeo, observam-se diversos temas nas encenações apresentadas. No entanto, o objetivo principal do enunciador é orientar o leitor sobre como um ouvinte pode se comunicar de maneira eficaz com uma pessoa surda. Primeiramente, o conteúdo do vídeo foi organizado em cenas, destacando como o discurso é subdividido e os principais artefatos imateriais identificados em cada uma delas. A seguir, no Quadro 6, há uma visão geral dessa organização, com trechos demonstrando-a.

Quadro 6 – Cenas com seus artefatos culturais e temas

Cena	Artefatos culturais e temas	Trecho
Cena 1	Tipos de sensação: resquício de audição, vibração	“Tainá, com fone de ouvido.” “Então, muitos surdos gostam de ouvir as músicas, sentir as vibrações.” “Meu irmão não escuta muito das músicas, mas gosta bastante das vibrações que as músicas produzem nas festas. E eu gosto de usar os fones de ouvido porque eu gosto de ouvir, eu escuto um pouco.”
Cena 2	Bilinguismo Oralização	“Você faz leitura labial?” “Você pode perguntar se ele sabe

	Leitura Labial	fazer a leitura labial.” “Alguns surdos têm muita dificuldade com o português e não conseguem ler e entender tudo.”
Cena 3	Solicitar a atenção de um surdo	“Chegue perto e com jeito, bata no ombro, mas não chegue assustando.” “Pode acenar para o surdo.” “Jogue uma pedrinha perto dele.”
Cena 4	Surdo ter voz	“Porque vi eles conversando em silêncio; não tem voz, então são mudos.” “Se eu sou surda, ele é surdo, preciso gritar? Não! Nós temos vozes.” “Surdo tem voz, só não precisamos usar isso. Surdo pode gritar, rir, falar algumas palavras.”
Cena 5	Estrutura da língua de sinais	“Linguagem? Por que é linguagem?” “Ah! É diferente! O português tem estrutura gramatical.” “A Libras também tem estrutura gramatical.”
Cena 6	Conversar olhando para o surdo	“Me olha, eu estou sinalizando, me olha nos olhos!” “Se você conversa com um surdo é importante olhar nos olhos porque eles são visuoespaciais.” “Se vocês virarem o rosto, o surdo pode pensar que vocês não estão prestando atenção ou que a conversa terminou.”
Cena 7	Em uma conversa, direcionar-se diretamente ao surdo	“[Intérprete] Desculpa, eu não sou a Tainá, pode perguntar direto para ela.”

Fonte: Elaboração própria.

Retomamos aqui a conceituação de artefato cultural, definido por Pelegrini e Funari (2008) como um conjunto de representações materiais ou imateriais de um povo, que são aprendidas conforme o espaço cultural em que o indivíduo está inserido. Esses artefatos podem incluir desde uma dança, uma língua,

um ritual, até um comportamento (Pelegriani; Funari, 2008). A partir dessa definição, trazemos para esta dissertação o conceito de artefatos culturais surdos, que são produções de significados ou expressões do mundo surdo (Miranda, 2001).

Anteriormente, no Quadro 6, listamos alguns dos artefatos apresentados pelo vídeo do canal Visurdo, destinados àqueles que desejam conhecer mais sobre a comunidade surda e/ou a língua de sinais. Devido à diversidade de esquemas narrativos presentes no texto, optamos por dividir as cenas para uma melhor análise do percurso gerativo do sentido de cada um dos esquemas.

Um destaque importante dessa análise é a sanção, que se manifesta de maneira mais nítida do que nas análises anteriores. A sanção é a última fase do esquema narrativo canônico (manipulação, competência, performance). Nela, ocorrem os castigos, os prêmios ou o julgamento dos sujeitos. Como Fiorin (2005, p. 32) observa, "nas narrativas realizadas, as fases da sequência canônica não aparecem sempre bem arranjadas; muitas fases ficam ocultas e devem ser recuperadas a partir das relações de pressuposição".

As cenas construídas no vídeo selecionado do canal Visurdo parecem ter sido programadas com base em encontros recorrentes que esses surdos têm ou tiveram com ouvintes. Em outras palavras, há uma sanção, um julgamento dos sujeitos surdos em relação aos ouvintes, e vice-versa.

Dito isso, começando com a cena 1, cujo tema/artefato são as sensações surdas, apresentamos primeiramente o seguinte trecho:

[CENA 1]

[Andrei] Oi!

[Tainá, com fone de ouvido, vê Andrei sinalizando e oralizando]

[Tainá] Sou surda, eu não escuto nada, sou surda.

[Andrei] Como? Se você estava ouvindo música com o fone? Você ouve sim.

[Tainá] Então, minha amiga Jéssica, que é surda também, me pediu: por favor, faz um vídeo explicando como é isso. Então, na verdade, eu sei que muitos ouvintes veem isso e perguntam: por que os surdos usam fones de ouvido se os surdos não escutam? Eu sei que é estranho, mas não são todos os surdos que não ouvem nada. Alguns surdos têm diferentes tipos de surdez, já expliquei essas

diferenças em vídeos anteriores. Então muitos surdos gostam de ouvir as músicas, sentir as vibrações. Podem não estar entendendo nada da letra, igual aos ouvintes que gostam de ouvir música internacional, mas não entendem nada da língua da música, mas vocês gostam da música, então é igual para nós surdos também. Por exemplo: meu irmão não escuta muito das músicas, mas gosta bastante das vibrações que as músicas produzem nas festas. E eu gosto de usar os fones de ouvido porque eu gosto de ouvir, eu escuto um pouco, entendem?

Na primeira cena, podemos observar que a enunciativa, Tainá, aborda o tema a pedido de outra pessoa, ambos com a identidade surda. Ela busca informar seus seguidores sobre a existência de sujeitos surdos com graus variados de surdez.

Diante disso, se nos concentramos no nível narrativo do percurso gerativo do sentido, temos um destinador que "doa" aos sujeitos (os espectadores) o conhecimento sobre esse tema, assim como ocorreu nos vídeos analisados anteriormente. Se olharmos para Tainá de outro ponto de vista, em vez de destinadora, ela é, ela própria, um sujeito competencializado de um poder, um saber e um querer fazer (talvez até mesmo de um dever), sendo este fazer a transferência de informações na internet.

Sob esse viés, tal sujeito está em busca do objeto de valor, colocar seus espectadores em conjunção com conhecimentos sobre a comunidade surda, mitigando, assim, o desconhecimento dos ouvintes com relação aos surdos. Observemos que essa estrutura narrativa é praticamente a mesma que a dos demais vídeos, e também das demais cenas neste próprio vídeo. A alteração está no tipo de conhecimento, isto é, qual artefato está sendo comunicado. Na cena 1 analisada, o que se comunica é o fato de que muitos indivíduos surdos apreciam ouvir músicas, com ou sem fones de ouvido, e isso não os torna ouvintes ou menos surdos. Isso porque há vários níveis de surdez³⁷, de modo que alguns conseguem perceber fragmentos do som, enquanto outros apenas apreciam a sensação ou a vibração proporcionada por ele.

³⁷ "Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (Brasil, 2005)".

Apesar de fazerem parte do meio surdo, os diferentes graus de surdez não são de interesse para a cultura surda; essa categorização é de maior utilidade na área clínica. O que importa para os surdos é a identidade do sujeito surdo, sua participação na cultura surda e a utilização da língua de sinais (Strobel, 2008a).

Tendo isso em vista, o sentido principal da cena 1 é que os surdos não querem ser questionados sobre ouvir ou não músicas. Diante da insatisfação, há no vídeo um pedido da amiga de Tainá, Jéssica, que também é surda: "me pediu, por favor, faz um vídeo explicando como é isso". Assim, a influenciadora é levada ao ciberativismo, transferindo sua atuação do *off-line* para o *on-line*, a *fim de*, com seu grande alcance de público, buscar esclarecer questões sobre a cultura surda.

Também no nível narrativo, o tipo de manipulação é a provocação, ou seja, o destinador apresenta imagens positivas ou negativas do destinatário acerca de sua competência. Nesse caso, a *youtuber* afirma que os ouvintes acham estranho ver surdos usando fones de ouvido, demonstrando falta de conhecimento em relação aos hábitos da comunidade surda. Em seguida, ela aborda a competência, explicando que existem graus variados de surdez. Além disso, faz uma comparação com ouvintes que gostam de músicas internacionais, mas não entendem as letras, informando que, da mesma forma, os surdos podem gostar de ouvir músicas ou sentir suas vibrações.

Outro momento de destaque é quando a pessoa ouvinte representada na cena não aceita que o surdo se autodenomine surdo, com o seguinte questionamento: "Como? Se você estava ouvindo música com o fone? Você ouve sim". Perlin e Quadros (2006) caracterizam diversos tipos de ouvintes, destacando os ouvintes indiferentes. Segundo as autoras, esse tipo de ouvinte "não consegue ouvir além de si e de seu mundo, de sua normalidade, não consegue ouvir a alteridade do outro surdo" (Perlin; Quadros, 2006, p. 180). Nesse sentido, compreendemos que a pessoa que questiona o surdo sobre ouvir música não aceita a surdez do outro devido ao uso de fones de ouvido, pois isso não se encaixa nas suas concepções preestabelecidas do que é uma pessoa surda, associando os fones exclusivamente a ouvintes.

Sá (2011) aborda a relação entre a música e as pessoas surdas, tanto no ato de cantar quanto no de tocar um instrumento. Embora nem todos os surdos tenham interesse pela música, tanto surdos quanto ouvintes precisam respeitar a decisão daqueles que desejam essa aproximação. "Cantar, tocar, conhecer e

entender a música é um direito que os surdos têm, caso assim o queiram" (Sá, 2011, p. 251). Também se aborda no texto a questão de sentir a vibração das músicas. Farias e Sá (2011), ao tratarem sobre as práticas teatrais nas escolas de surdos, comentam como são construídas as experiências musicais para os surdos, destacando o trabalho com vibrações musicais nos palcos. Os autores relatam que, para que a sensação seja plenamente sentida, o surdo deve estar relaxado e concentrado, como explicam no trecho:

Antes de começar qualquer trabalho, eu colocava todos os alunos deitados de barriga para baixo no palco, mas era necessário que eles estivessem relaxados. Eu também os trazia para perto da caixa de som para que eles pudessem perceber a música, sentir que tipo de música estava sendo tocada ali. [...] Os alunos dançavam no palco, sentiam a vibração da música, começavam a compreender os diferentes ritmos das músicas (Farias; Sá, 2011, p. 235-236).

Assim, a busca pela sanção positiva nesta cena do discurso visa informar que a pessoa surda pode ouvir música, se assim desejar, ou sentir suas vibrações, se isso lhe agrada. O objetivo da cena 11, é que os ouvintes aprendam a respeitar a escolha dos surdos, também um ato político da Tainá a favor de suas escolhas. Não sabemos o grau específico de surdez de Tainá, Andrei e sua amiga, mas sabemos que esses surdos podem querer ouvir músicas sem interferências ou questionamentos de ouvintes devido à sua surdez.

Ainda na cena 1, podemos destacar a oposição entre opressão e liberdade como um nível fundamental da cena. Afinal, a liberdade de ouvir música sem ser questionado gera um estado de euforia; diferente do questionamento dos ouvintes acerca do uso de fones de ouvido pelos surdos, que direciona para a opressão, resultando em disforia.

Em suma, na cena 1, podemos perceber como as concepções musicais vão além do som para as pessoas surdas. Muitos desejam apenas sentir as ondas sonoras, ter a sensação corporal, da mesma forma que aqueles que possuem algum grau de audição também podem se sentir livres para ouvir música.

Dando prosseguimento à análise, em relação à cena 2, destacamos os artefatos do bilinguismo e da leitura labial, reafirmando como esses elementos são recorrentes no dia a dia dos surdos, como também pôde ser visto no vídeo 1 analisado. Vamos à cena:

[CENA 2]

[Tainá se fazendo de ouvinte, tocando o braço do Andrei, oralizando e apontando como se estivesse fazendo uma pergunta]

Andrei] Ah, sou surdo.

[Tainá] Você faz leitura labial?

[Andrei] Não. Você tem celular? Pode digitar?

[Tainá] Quando você encontra um surdo e você não sabe que ele é surdo, ele vai dizer que é surdo e não ouve o que você falava. Você pode perguntar se ele sabe fazer a leitura labial, isto é importante. Se o surdo falar que sim, fale com calma; não precisa falar rápido e com a voz alta, fale normal. E se o surdo não souber fazer a leitura labial, você pode pegar o celular e escrever.

[Andrei] Mas lembre-se que alguns surdos têm muita dificuldade com o português e não conseguem ler e entender tudo. Você pode ajudar fazendo gestos junto para que eles consigam entender a conversa.

A cena 2 aborda os diferentes meios de comunicação com surdos, destacando elementos que levam a esse tema, tais como: leitura labial, digitar no celular, falar calmamente, escrever e gestos. O enunciador, figurativizado como Tainá e Andrei, já que eles estão explicando o tema, fornece informações e diversas opções de comunicação entre surdos e ouvintes, mas também enfatiza a importância de permitir que os surdos estejam confortáveis com as escolhas que fizeram para se comunicar.

Inicialmente, eles sugerem perguntar ao surdo se ele sabe fazer leitura labial, tema já discutido nas análises anteriores. No entanto, dessa vez destaca-se a importância de perguntar, pois, como mencionado por Léo Viturino, muitos surdos não desejam realizar a leitura labial devido às dificuldades e ao sofrimento que isso pode causar. Assim, se o surdo souber e desejar fazer essa leitura, é recomendado falar normalmente e com calma.

Tainá e Andrei prosseguem explicando que, caso o surdo não saiba ou não queira fazer a leitura labial, é possível se comunicar com ele através do celular, como demonstrado no capítulo 3 – "Comunicação na cibercultura: o YouTube e os *youtubers* surdos" –, em que é discutida a possibilidade de comunicação com pessoas surdas através da tecnologia. Conforme afirmado por Silva (2020, p. 18), "com as novas tecnologias, surgem outras possibilidades de uso da Libras e expandem-se os usos do português escrito".

Há ainda um terceiro momento na cena em que Tainá e Andrei buscam compreender que os surdos podem enfrentar dificuldades com a escrita em português durante o uso das tecnologias digitais. Quando se trata de leitura e escrita, é importante destacar que essas habilidades devem ser consideradas como parte de uma segunda língua para o surdo, assim como é uma segunda língua para um estrangeiro. Por isso, é crucial priorizar uma metodologia visual para o ensino e orientações relacionadas à alfabetização e ao letramento para surdos.

Nesse sentido, acerca do aprendizado do português para surdos brasileiros, Quadros (1997, p. 27) observa que:

A língua portuguesa não será a língua que aciona naturalmente o dispositivo devido à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a língua de sinais.

Diante disso, a cena 2 analisada enfatiza a possibilidade de comunicação com pessoas surdas, destacando que existem várias opções para interagir com elas, em vez de isolá-las ou ignorá-las. Isso sugere uma preocupação do enunciador, em não excluir o sujeito surdo de uma possível comunicação, conforme evidenciado por suas repetidas menções à leitura labial, à digitação no celular e aos gestos.

Desse modo, percebemos, em relação ao enunciador, um apelo para evitar o isolamento e a exclusão do surdo, incentivando a interação e a comunicação com ele, mesmo que esta possa ser restrita, como quando se utiliza uma língua diferente. O objetivo do enunciador, na cena do vídeo, é fornecer as competências necessárias para alcançar essa interação e, conseqüentemente, obter uma resposta positiva.

Apesar de não ser a categoria semântica central de todo o texto, podemos destacar uma oposição entre isolamento e socialização. Trechos da cena 2 que corroboram essa ideia de isolamento são: “ele vai dizer que é surdo e não ouve o que você falava”, “surdos têm muita dificuldade com o português e não conseguem ler e entender tudo”. Trechos da mesma cena que remetem à socialização são os seguintes: “encontra um surdo”, “você pode perguntar”, “fale com calma”, “você pode ajudar fazendo gestos junto para que eles consigam entender a conversa”. Assim, percebemos que o isolamento representa um estado disfórico, no qual o surdo é excluído do ambiente devido à falta de tentativas de comunicação, enquanto a socialização reflete a disposição do ouvinte para interagir com o surdo.

Partindo para a cena 3, com ela adentramos na questão de como chamar um surdo de forma presencial. Existem recursos utilizados em escolas para surdos, como campainhas com luzes vermelhas ou professores que acendem e apagam as luzes para chamar a atenção dos alunos. Em casa, também existem dispositivos como babás eletrônicas que vibram quando o bebê faz algum barulho. Diante de tantos aparatos, cabe nos perguntarmos: como o surdo prefere ser chamado? Vamos ao trecho da cena 3 do vídeo:

[CENA 3]

[Tainá] Ei! Ei! [Tainá chega gritando e sacudindo Andrei].

[Tainá] Estava gritando para chamar você.

[Andrei] Eu sou surdo, não adianta gritar, bata no meu ombro para me chamar.

[Tainá] Então como faz para chamar o surdo? Precisa gritar? Falar alto? Não vai adiantar se for surdez profunda. Como se chama então? Chegue perto e, com jeito, bata no ombro, mas não chegue assustando. Imagine se fosse com você. Se chegassem perto e gritassem. Você pode levar um susto, não é? Também pode acenar para o surdo, porque quase todos os surdos dizem ter a visão 360° e os ouvintes enxergam apenas 190°.

[Andrei] Se os ouvintes não conseguirem chamar o surdo porque está muito longe, jogue uma pedrinha perto dele; mas cuidado para não acertar a cabeça. Se aparecer uma pedra no chão, o surdo olha e vira procurando.

Na cena 3, o enunciador, figurativizado pelos dois irmãos, busca influenciar seu público-alvo a evitar constranger o surdo. Essa ideia pode ser observada nas seguintes sugestões: não assustar, não gritar e não sacudir. A tentativa de influência ocorre através da intimidação, quando o manipulador tenta obrigar o sujeito a fazer algo por meio de ameaças, como ao colocar o ouvinte a imaginar-se na situação de ter alguém se aproximando e gritando, o que poderia causar susto. Assim como os ouvintes não se sentiriam confortáveis ao serem sacudidos e assustados, os surdos também não ficam satisfeitos com esse método de chamar sua atenção.

Posteriormente, os ouvintes fornecem orientações aos seus sujeitos, dando dicas de como chamar a atenção do surdo: "chegue perto e, com delicadeza, toque no ombro", ou "pode acenar para o surdo". Caso o sujeito esteja longe ou não se sinta confortável com o toque, também é possível fazer um leve ruído no chão para que o surdo procure de onde veio o som, o que é exemplificado pelo vídeo como a ação de jogar uma pequena pedra perto dele.

Com isso, observamos uma oposição entre uma comunicação com brutalidade *versus* com delicadeza, mais precisamente ligada a como chamar a atenção. A brutalidade, caracterizada como disfórica, anteriormente destacada, por ser ligada a um certo ouvintismo que desconhece a realidade surda, pode ser associada à opressão. A delicadeza, por sua vez, liga-se ao respeito desejado para a comunidade surda, afastando-se do ouvintismo e repousando, em oposição à opressão, no polo da liberdade. Opressão *versus* Liberdade pode ser considerada, portanto, a oposição que organiza esta cena.

Passemos agora à análise da cena 4.

[CENA 4]

[Andrei, como amigo ouvinte, apontando para Tainá como amiga surda] [Andrei] Eu amei conhecer o mundo dos surdos, amo ver surdos-mudos sinalizando. Acho lindo, quero aprender Libras.

[Tainá] SURDO-MUDO? Quem disse que surdo é mudo?

[Andrei] Porque vi eles conversando em silêncio; não tem voz, então são mudos.

[Tainá] Se eu sou surda, ele é surdo, preciso gritar? Não! Nós temos vozes.

[Eles começam a oralizar com suas vozes] [Tainá] Então, surdo tem voz, só não precisa usar isso. Surdo pode gritar, rir, falar algumas palavras.

Diante da cena 4, destacamos um sujeito interessado em conhecer a comunidade surda, porém que ainda mantém a ideia preconcebida de que os surdos são mudos. Isso reflete uma sanção por parte do sujeito ouvinte, que assume erroneamente que todos os surdos são mudos devido à sua surdez. Essas

assunções por parte dos ouvintes também podem se dar pela falta de contato suficiente com a comunidade surda para compreender a diversidade que nela existe.

O termo "mudo" utilizado no texto carrega conotações opressoras derivadas da visão clínica, que considera os surdos como enfermos e incapazes (Dalcin, 2009). Rotular o surdo como "mudo" é desvalorizar esse grupo e menosprezar sua língua, visto que em uma perspectiva epistemológica, o termo "mudo" implica depreciação do intelecto das pessoas, conforme explica Dalcin (2009, p. 7):

Além da definição de deficiente auditivo, o discurso clínico também descreveu o surdo como "surdo-mudo" ou "mudo", desconsiderando que o surdo não apresenta nenhum problema no órgão da fala (só não fala por que não escuta) e que não é mudo já que fala em língua de sinais. Essa confusão pode ser entendida desde a origem da palavra surdo. Etimologicamente, a mesma vem do latim (*surdus*) e no grego (*kophós*) designativo de uma situação dupla: o homem que não escuta e o homem que não é entendido. Também indica o entorpecido, passando a significar, depois de Homero, o mudo, onde sua origem está no verbo (*kopháomai*), referente ao ato de ficar mudo, ser estúpido ou insensível.

Pensando em outro aspecto da cena 4, quanto ao nível narrativo do percurso gerativo do sentido, o destinador, figurativizado por Andrei (atuando como uma pessoa ouvinte), está em um percurso de sanção positiva ao julgar "o mundo dos surdos", como se pode observar, com expressões como "amei", "amo", "lindo", "quero aprender".

A ideia de que o surdo é capaz de falar oralmente, oralizar, foi uma ideia predominantemente defendida por muito tempo, que ganhou ainda mais destaque a partir do Congresso de Milão. Em 1880, os estudiosos e cientistas já reconheciam a ausência de anomalias significativas no aparelho fonador de surdos e, portanto, acreditavam que o melhor caminho para a integração desses indivíduos na sociedade era o aprendizado da fala. No entanto, o ensino da fala oral não é uma aquisição linguística natural para surdos e, apesar de o aprendizado da língua oralizada ser possível, nunca ocorre de maneira natural e espontânea (Quadros, 1997).

Como mencionado no primeiro capítulo – "Cultura e identidade Surda" –, embora o surdo possua o aparelho fonador, a capacidade de vocalizar e articular fonemas orais, sua escolha de usar ou não a fala faz parte de sua identidade. Tainá e Andrei afirmam que possuem voz, são capazes de falar, rir, gritar, ou seja, eles não

são mudos, mas optaram por utilizar a língua de sinais, tendo em vista que essa é sua língua natural, a qual faz parte de sua identidade surda.

Apresentamos, a seguir, a cena 5, a partir da qual podemos reforçar o papel linguístico da língua de sinais que vai além de uma forma de comunicação, como muitos ouvintes estão acostumados a pensar.

[CENA 5]

[Tainá] Eu achei a linguagem de sinais muito legal.

[Andrei] Linguagem? Por que é linguagem?

[Tainá] Porque é linguagem.

[Andrei] Eu também amo a linguagem do português na escrita.

[Tainá] Ah! É diferente! O português tem estrutura gramatical.

[Andrei] A Libras também tem estrutura gramatical. Você sabia disso?

Na cena 5, é possível identificar um indivíduo que, embora esteja se familiarizando com a língua de sinais, carrega concepções equivocadas ou ultrapassadas sobre sua natureza. Em relação aos seus espectadores, o ator Andrei pode ser visto como um destinador-manipulador que tenta influenciar seus ouvintes, por meio de provocações (com a apresentação de imagens positivas ou negativas do destinatário e de sua competência), referindo-se à língua portuguesa como a "linguagem", estratégia que parece ter impactado o destinatário-manipulado, pois esse rebate com a frase: *“Ah! É diferente! O português tem estrutura gramatical”*. Apesar de não termos analisado dos vídeos visualmente, faz-se necessário destacar o momento em que há um impacto no destinatário-manipulado, tendo em vista que Tainá (atuando, no vídeo, como ouvinte) reforça sua expressão por meio de uma edição, repetindo seu “queixo caindo” e dando zoom (ênfase) na sua expressão facial, argumentando que o português possui estrutura gramatical, ao contrário da língua de sinais, e levando os personagens a debater sobre a diferença entre as duas línguas.

O destinador Andrei oferece competência (o saber) a seus espectadores, ao afirmar que a Libras, de fato, possui uma estrutura gramatical, o que nos conduz

à ideia principal do vídeo que é informar sobre a natureza da língua de sinais. Gesser (2009) afirma que a língua de sinais é, de fato, uma língua, tendo em vista que possui características presentes em outras línguas naturais, como ser utilizada por povos, se modificar com o tempo e espaço, ter estruturas gramaticais, entre outros. Apesar de os seres vivos utilizarem certos tipos de comunicação – denominadas linguagens –, o que destaca a essência da língua de sinais é que ela é humana. A autora complementa:

A língua de sinais, como já vimos, tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, podemos encontrar nela outras características: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e arbitrariedade (Gesser, 2009, p. 27).

Assim, a insistência dos *youtubers* surdos em afirmar que a língua de sinais é, de fato, uma língua, com uma estrutura gramatical própria, é motivada pela necessidade de valorização cultural da comunidade que a utiliza, isto é, ter sua língua reconhecida é uma forma de conquistar visibilidade e poder político (Rosa, 2011). Isso permite exigir, por exemplo, a presença de tradutores e intérpretes em diferentes contextos, como escolas, hospitais, tribunais, congressos, além de acesso ao ensino e aos materiais didáticos na língua de sinais, bem como o estudo da própria cultura.

Seguindo essa perspectiva, relacionamos a nossa análise com o capítulo sobre "YouTube e YouTube Surdo", ao destacarmos a importância de expressar-se e ser ouvido dentro de seus próprios grupos o que não se aplica apenas para a comunidade surda, mas para qualquer pessoa interessada em compreender a cultura e a identidade surda, colocando suas línguas e ideias em evidência. Passemos, agora, à análise das cenas 6 e 7:

[CENA 6]

[Andrei] Ei, no passado, eu assisti ao filme 'Até o último homem' na Netflix.

[Tainá mexendo no celular enquanto Andrei sinaliza]

[Andrei] Me olha, eu estou sinalizando, me olha nos olhos!

[Tainá] Se você conversa com um surdo, é importante olhar nos olhos, porque eles são visuoespaciais. Se vocês virarem o rosto, o

surdo pode pensar que vocês não estão prestando atenção ou que a conversa terminou.

[CENA 7]

[Tainá] Eu sou surda.

[Intérprete] Eu sou intérprete.

[Andrei] Eu sou ouvinte.

[Andrei fazendo pergunta direto para a intérprete sobre Tainá].

[Intérprete] Desculpa, eu não sou a Tainá, pode perguntar direto para ela.

Nas duas cenas, a abordagem dos *youtubers* reforça a importância de estabelecer um contato visual direto ao conversar com um surdo. Expressões como "Me olha, eu estou sinalizando, me olha nos olhos!" e "conversa com um surdo é importante olhar nos olhos" figurativizam esse tema central. Nesse caso, o destinador manipula (da perspectiva da semiótica) por provocação, oferecendo ao destinatário uma imagem negativa dele (do destinatário) e ao enfatizar que ignorar o contato visual pode ser interpretado como falta de educação ou desinteresse, instruindo quais seriam os atos ideais para uma interação adequada: "é importante olhar nos olhos, porque eles são visuoespaciais" e "pode perguntar direto para ela".

Os pronomes de tratamento e de cumprimento são elementos comuns em nossas interações sociais e sua aplicação adequada, também, é essencial na comunicação com surdos. A abordagem frontal e o uso da voz, em sua tonalidade normal, são destacados como fundamentais por Andreis-Witkoski (2015), em que a percepção visual é crucial para que os surdos entendam e se relacionem com o mundo ao seu redor. Além disso, ainda que não mencionadas no vídeo, as expressões não-manuais³⁸, desempenham um papel significativo na comunicação com surdos, uma vez que eles as utilizam para compreender e transmitir não apenas emoções, mas, também, aspectos gramaticais da Libras, como ações afirmativas, interrogativas, negativas, entre outras. Portanto, a produção de sinais sem uso

³⁸ Expressões faciais, posturas corporais e outros gestos não-manuais são usados para expressar informações gramaticais. Genericamente, eles são chamados de sinais não-manuais (SNMs) (Wilcox; Wilcox, 2005, p.70).

adequado de expressões faciais e corporais pode dificultar a compreensão por parte do surdo.

Essas orientações visam o estabelecimento de uma comunicação eficaz e demonstram respeito pela cultura e pelas necessidades específicas da comunidade surda. Como afirma Andreis- Witkoski (2015, p. 16)

Os ouvintes podem captar as emoções contidas nas palavras, em função de sua sensorialidade auditiva, não somente pelo significado, mas também pelo tom com que são pronunciadas. Como a pessoa surda não consegue acessar as nuances do discurso contido na tonalidade da voz daquele que lhe fala oralmente, uma estratégia adequada pode ser o uso da expressividade facial e/ou corporal, que deve corresponder à mensagem transmitida.

Portanto, os ouvintes que estão aprendendo a língua de sinais ou tentando se comunicar com surdos, através da oralização, podem enfrentar dificuldades, como não ter sua mensagem compreendida ou, intencionalmente, desprezar o surdo ao não estabelecer um olhar no diálogo com o surdo enquanto falam. Como ouvintes, estamos condicionados a compreender as coisas por meio da audição. No entanto, ao ingressar na comunidade surda, respeitar sua cultura e seus costumes é crucial.

Para o cerne dessas cenas, destacamos a oposição entre respeito e desrespeito, em que o respeito é representado por uma experiência eufórica – na qual o surdo se sente valorizado ao ser olhado nos olhos e ao se perceber compreendido –, enquanto o desrespeito é disfórico, já que a atenção é desviada do surdo, como se ele não fosse importante. Passemos agora à conclusão do vídeo:

[Tainá] Finalizando o vídeo, é resumido, sim, mas é para vocês entenderem e perceberem como se comunicar corretamente com os surdos e também como lidar com surdo.

[Andrei] Eu espero que este vídeo ajude vocês a entenderem. Quando encontrarem um surdo, já estarão preparados, não precisam ter medo e ficar desesperados. Conversem com calma que vai ficar claro. Tenho certeza que você vai amar aprender Libras e sobre esse mundo.

[Tainá] Eu sei que há muitos ouvintes com medo de se comunicar, não é um preconceito porque você sabe um pouco de Libras, ele é um surdo, é fluente. Você fala: Oi, tudo bem? Se ele sinalizar muito rápido, e você não entender, é só pedir desculpas 'eu não sei, estou aprendendo Libras'. O surdo vai falar devagar com vocês. Não se

preocupe, surdo não vai te morder. Se você gostou do vídeo, se inscreva no canal, também dê um like aqui e compartilhe com seus amigos ouvintes.

[Andrei] Não esqueça de seguir nosso Instagram Visurdo. Tem aulinhas de Libras de um minuto para vocês aprenderem.

[Tainá] É especial para vocês.

Como dito no início, e agora no final, do texto, ao utilizar as encenações, o enunciatário deseja transformar o conhecimento de seus enunciatários, a fim de instruir e persuadir o público sobre como interagir, adequadamente, com uma pessoa surda. No nível narrativo, pode-se dizer que "Andrei e Tainá" são destinatários que colocam os seus espectadores (destinatários-sujeitos) em conjunção com o objeto que é o "conhecimento sobre a cultura surda", incluindo os temas destacados no Quadro 6. Isso inclui orientações sobre como demonstrar respeito e dirigir-se a um surdo, bem como a tranquilizá-los de que os surdos são indivíduos comuns e, portanto, não há motivos para temê-los. Essa mensagem é reforçada em várias passagens do texto, como: "Quando encontrarem um surdo, não precisam ter medo e ficar desesperados", "há muitos ouvintes com medo de se comunicar" e "o surdo não vai te morder".

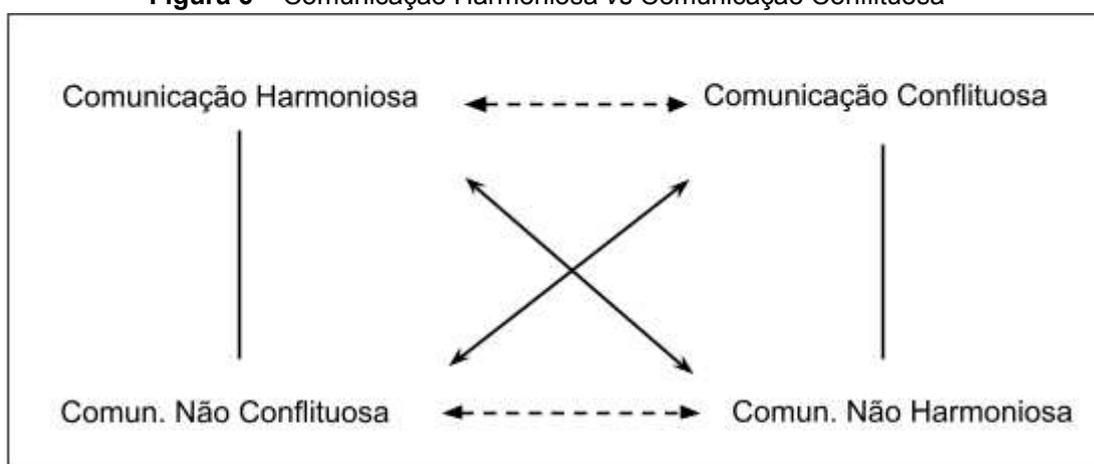
Além disso, há uma estratégia de manipulação, por meio da tentação (quando o manipulador propõe, ao manipulado, uma recompensa), em que os autores incentivam os leitores a quererem aprender a como se relacionar com surdos, apresentando vantagens dessa possível interação: "Tenho certeza que você vai amar aprender Libras e sobre esse mundo", "O surdo vai falar devagar com vocês", "Tem aulinhas de Libras de um minuto para vocês aprenderem" e "É especial para vocês".

Tainá e Andrei estão alinhados em promover a compreensão da identidade surda e a boa convivência entre surdos e ouvintes, assim como buscam engajar seus seguidores nesse entendimento, pelo menos no que diz respeito à forma adequada de interagir com um surdo. Ao longo do texto, são fornecidas habilidades para que os ouvintes aprendam a se comunicar, adequadamente, com os surdos, levando-os a uma possível validação positiva. Se o ouvinte aceita essa persuasão, o resultado poderá ser uma relação satisfatória entre surdos e ouvintes. Embora tenham sido destacadas algumas oposições ao longo do texto (brutalidade

vs delicadeza; opressão vs liberdade), em geral, observa-se que os influenciadores surdos orientam sobre como se comunicar (ou não se comunicar) adequadamente com pessoas surdas ou sobre como mitigar as diferenças entre as comunidades, visando uma relação de comunicação e compreensão sobre a experiência surda.

Com isso, percebe-se que o nível fundamental do percurso gerativo, representado pelo quadrado semiótico apresentado a seguir (Figura 6), se encontra na oposição entre a Comunicação Harmoniosa e a Comunicação Conflituosa:

Figura 6 – Comunicação Harmoniosa vs Comunicação Conflituosa



Ele será lido:



Relação entre contrários



Relação entre complementares



Relação entre contraditórios

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 7, a seguir, é possível observar algumas passagens do texto que justificam essa oposição:

Quadro 7 – Comunicação Harmoniosa vs. Comunicação Conflituosa

Euforia	Disforia
Comunicação Harmoniosa	Comunicação Conflituosa
“Se você conversa com um surdo, é importante olhar nos olhos porque eles são visual-espacial.”	“Muitos ouvintes querem saber como se comunicar com os surdos quando se encontram, muitos ouvintes ficam nervosos.”

<p>“Esse vídeo vai ajudar a melhorar o encontro de vocês com os surdos, eu acredito que sim!”</p>	<p>“Eu não sou a Tainá, pode perguntar direto para ela.” [num contexto em que o ouvinte estava olhando direto para a intérprete e não para a surda]</p>
<p>“Como se chama então? Chegue perto e, com jeito, bata no ombro.”</p>	<p>“Se vocês virarem o rosto, o surdo pode pensar que vocês não estão prestando atenção ou que a conversa terminou.”</p>
<p>“Não precisam ter medo e ficar desesperados. Converse com calma que vai ficar claro.”</p>	

Fonte: Elaboração própria, baseada em Como se comunicar [...], 2019.

É importante destacarmos a distinção entre positivo e negativo, ou seja, entre euforia e disforia. Positivo ou eufórico, conforme encontrado no texto, seria a aceitação da sugestão sobre como se comunicar, de forma adequada, com o surdo: tocando o ombro calmamente; mantendo contato visual e perguntado se ele sabe fazer a leitura labial e, caso não saiba/queira fazer, é possível utilizar o celular para perguntar. Essa comunicação harmoniosa é o que os influenciadores esperam que ocorra, representando uma valorização da comunicação sem conflitos. Outras formas de se estabelecer uma comunicação harmoniosa são: ter calma e atenção ao se comunicar com o surdo, como, por exemplo, "não chegue assustando", "fale com calma", "ouvintes ficam nervosos".

Na comunicação conflituosa, evidencia-se a falta de comunicação ou a falta de empatia pelos sujeitos surdos, como visto nos exemplos mencionados anteriormente: "você ouve sim", "nós não somos mudos, temos voz e temos língua" "pergunte diretamente ao surdo (a Tainá)" e "se você virar o rosto" "muitos ouvintes ficam nervosos".

Portanto, concluímos a análise do vídeo 03 do canal Visurdo, no qual os criadores buscam estabelecer uma harmonia entre a comunidade surda e os ouvintes, visando construir relações positivas. Essa busca se faz relevante especialmente no cenário atual, no qual muitas pessoas procuram, através das redes sociais, compreender a comunidade surda, sua língua de sinais e, consciente ou inconscientemente, seus artefatos culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou compreender como a cultura surda e os artefatos culturais surdos foram manifestados e reproduzidos em vídeos de *youtubers* surdos. Para tanto, realizamos uma pesquisa interdisciplinar, envolvendo os conceitos de cultura (surda) e identidade surda, ambientes ciberculturais e ciberativismo nas redes de comunicação da internet, bem como os tipos de ativismo encontrados na internet. Analisamos três vídeos de canais do YouTube de surdos, aplicando o arcabouço teórico-metodológico da semiótica greimasiana (Greimas; Courtés, 2020), da qual utilizamos as categorias do percurso gerativo do sentido, que procura saber como “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (Barros, 2005, p. 11).

Logo depois da Introdução, o segundo capítulo – intitulado “Cultura e identidade surda” – foi apresentado como a base inicial da pesquisa, explanando, primeiramente, sobre culturas, Estudos Culturais e Estudos Surdos. Nele, procuramos descrever os surdos a partir de uma visão antropológica, os compreendendo como sujeitos representantes de um grupo minoritário que possuem uma língua e cultura própria. Apresentamos, também, concepções sobre cultura surda, comunidade surda e as múltiplas identidades presentes na contemporaneidade. Os artefatos culturais – tanto materiais como imateriais – também foram apresentados.

O aprofundamento sobre esses conceitos possibilitou a compreensão sobre a manifestação cultural surda nas plataformas digitais, particularmente no YouTube. Os surdos, cada um com sua identidade singular e multifacetada, compartilham um discurso comum nas redes, sobre a cultura surda e a comunidade em que estão inseridos. Os *youtubers* também expõem seu ponto de vista dentro da comunidade ouvinte e constroem suas identidades em meio a diversos contextos. O entender de “quem sou eu” (identidade) e “quem é o outro” (alteridade) é moldado pela linguagem do social, ou seja, é na interação com a sociedade que nosso “eu” é construído e reconhecido.

Além disso, levando em conta a forma como a identidade surda tem sido construída e reformulada no tempo atual, é possível dizer que ela não mais é definida pela perda ou falta de audição, mas, sim, por suas próprias individualidades.

Essa autoconfiança na sua própria identidade tem aumentado, significativamente, os ativismos nas comunidades surdas da internet – um ciberativismo surdo – que possui o objetivo de alcançar um maior público, interessado em conhecer e explorar a cultura surda e o sujeito surdo.

Essa ideia de comunidades surdas digitais nos leva ao terceiro capítulo – nomeado "Comunicação na cibercultura: o YouTube e os *youtubers* surdos" –, em que observamos o modo como a internet e a tecnologia têm se desenvolvido e modificado as interações sociais, desde seu surgimento até o momento atual das redes sociais, formando, assim, uma cibercultura, ou seja, uma construção social no ambiente cibernético que colabora com a construção da sociedade fora e dentro das redes (Rudiger, 2013).

As redes permitem que os sujeitos, em diferentes momentos e lugares, acessem as mesmas informações, colaborando com um sentido de maior liberdade para que eles encontrem seu(s) grupo(s) e dividam suas ideias, como, por exemplo, movimentos sociais que têm utilizado essa tecnologia para disseminar seus princípios e convicções num ciberativismo.

O ciberativismo foi definido por Queiroz (2017) como grupos politicamente motivados dentro da *internet*. Esse ativismo está presente em grupos que defendem uma ou várias causas sociais que fortalecem seus valores culturais. De acordo com nossas análises, nossos vídeos se remetem às duas das três categorias do ciberativismo, citadas por Vegh (2003 *apud* Lima, 2012): a) conscientização e apoio; b) organização e mobilização; e c) ação e reação, sendo que a categoria b possui três subcategorias: 1) *on-line* com fins *off-line*, em que indivíduos são convidados para uma ação *off-line*; 2) *off-line* otimizando *on-line*, em que indivíduos são convidados para uma ação, comumente, executada em um ambiente *off-line*; e 3) exclusivamente *on-line*, em que uma ação só pode ser executada de forma *on-line* (Lima, 2012). Foram encontradas, em nossos vídeos, conexões com as categorias desse ativismo *on-line*, como apresentado a seguir.

O vídeo um – “Todos os surdos sabem ler lábios” – está inserido na categoria de ciberativismo, "conscientização e apoio na web", tendo em vista que o autor Leo conscientiza seus seguidores sobre o fato de que não são todos os surdos que sabem ler lábios: “Vocês acham que todos os Surdos sabem fazer leitura labial?”. Esse mesmo vídeo também está relacionado à categoria "organização e mobilização", na subcategoria "*on-line* com fins *off-line*", já que o vídeo também

mobiliza o público sobre como se direcionar ao surdo: “Se você é ouvinte e encontrar com um Surdo que faz leitura labial, por favor, fale devagar, use palavras fáceis”.

O segundo vídeo, por sua vez, começa se inserindo na categoria "organização e mobilização", na subcategoria "*off-line* otimizado *on-line*", já que o público pede para Gabriel falar *on-line* sobre a cultura surda, como, em “Sempre fazem várias perguntas sobre isso, e algumas pessoas até têm medo de perguntar, mas percebi que nunca falei sobre isso aqui”. Em seguida, como categoria "exclusivamente *on-line*", podemos citar o momento em que o autor convida seus telespectadores a assistirem mais seus vídeos, os levando a conhecer mais a cultura surda, como em “Aqui vai uma dica para vocês, esse foi o primeiro vídeo que postei no canal [...] Assistam para conhecer mais, tá bom?”. Esse vídeo também se relaciona com a categoria "apoio e conscientização", uma vez que fala da forma da aquisição linguística do surdo, de como ele e sua família ficaram surdos, etc. Um exemplo é o trecho: “Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro [...] minha avó teve rubéola na gravidez, que deixou ele surdo, e a minha mãe, teve uma infecção nos ouvidos que quando sarou perdeu a audição”.

As categorias "conscientização e apoio" e "organização e mobilização" também estão, fortemente, atreladas ao vídeo três, pois, durante todo o vídeo, os irmãos Tainá e Andrei conscientizam e mobilizam seu público (de forma *on-line* para *off-line*) sobre como deve ocorrer a comunicação com os surdos. Na subcategoria exclusivamente *on-line*, há um momento em que eles influenciam seus seguidores a consumir, cada vez mais, seus conteúdos, e a compartilhá-los: “Se você gostou do vídeo, se inscreva no canal, também dê um like aqui, compartilhe com seus amigos ouvintes. Não esqueça de seguir nosso Instagram Visurdo. Tem aulinhas de Libras de um minuto para vocês aprenderem”.

Como vimos, o capítulo quatro foi construído a partir de uma busca por compreender como o ciberativismo surdo se constrói nos vídeos surdos. O primeiro vídeo analisado foi do canal de Léo Viturino, intitulado “Todos os surdos sabem ler lábios?”, tem foco no tema da leitura labial e a própria fala do youtuber já é em si um ato político e pode ser visto como um artefato cultural da comunidade surda. Nesse vídeo, o enunciador organizou seu discurso informando o público sobre o que é a leitura labial e apresentando os três níveis de leitura labial feita por surdos: a) comunicação completa, em que o surdo consegue compreender bem a leitura labial

do ouvinte; b) a quase comunicação/problema de comunicação, em que o surdo compreende, parcialmente, a leitura labial (com certa dificuldade); e c) a não comunicação, quando não há nenhum conhecimento/interesse da parte do surdo em realizar a leitura dos lábios. Ainda neste capítulo, destacamos o preconceito que os ouvintes têm quando pressupõem que todos os surdos podem ler lábios. Essa ideia pode oprimir os surdos, já que eles são afetados, constantemente, pela cultura ouvinte. Desse modo, pode-se dizer que os ouvintes precisam ser reeducados, principalmente no que diz respeito às suas concepções e comportamentos, para se alcançar um espaço mais inclusivo e consciente sobre quem é o sujeito surdo. Em suma, essa noção equivocada de que todos os surdos sabem ler lábios é bem comum e frequente dentro das sociedades, e a manifestação das ideias disseminadas pelo autor sobre essa possibilidade ou não da leitura labial, torna-se um ato político, um artefato cultural da comunidade surda.

Na segunda análise, os seguintes artefatos culturais foram apontados: o bilinguismo; a surdez como não hereditária; o meio familiar surdo; os temas sobre o ensino de línguas; o posicionamento dos sujeitos surdos sobre o mundo de surdos e ouvintes. No vídeo do canal *Isflocos* nomeado: “Porque sou surdo?”, o narrador, Gabriel Isaac, conta um pouco de sua história dentro da comunidade, relatando que seus pais, surdos e participantes da comunidade surda, não tinham tido contato, geneticamente, com a surdez. Seu pai ficou surdo devido à uma doença que contraiu durante a gravidez de sua avó e sua mãe, assim como o próprio *youtuber*, ficaram surdos na infância, através de uma infecção.

Assim, sua construção identitária surda surgiu a partir da sua vivência dentro da comunidade surda, com pais surdos que deram a ele acesso à cultura surda. Gabriel, portanto, é um sujeito surdo que entende o mundo e deseja modificá-lo para torná-lo mais acessível e confortável, para o atendimento de todas as suas particularidades (Strobel, 2008a). Apesar de ter tido acesso à comunidade surda desde pequeno, ele também sofreu as mesmas dificuldades que sua mãe passou na adolescência, quando a língua de sinais ainda não era aceita, ou, pelo menos, não bem vista pela sociedade.

Além disso, ele discutiu sua própria experiência educacional, navegando entre os dois mundos – o dos surdos e o dos ouvintes – e tornando-se bilíngue. Conforme ele, sua mãe estava determinada a evitar que ele sofresse com a falta de preparo na língua portuguesa, uma vez que ela é crucial para a interação com a

comunidade ouvinte que, como ele ressalta no vídeo, "é bem grande". Além disso, Gabriel tem como sua língua materna / primeira língua a língua de sinais.

O terceiro vídeo analisado, obra do canal *Visurdo* e denominado: "Como se comunicar com surdo", foi criado em várias encenações. Esse vídeo é recheado de artefatos culturais, tais como: percepções surdas; como chamar atenção de um surdo; meios e métodos de comunicação; língua de sinais com gramática e direito de língua. Nele, os surdos apresentam sua interação com o mundo ouvinte e orientam formas de como os ouvintes podem se comunicar melhor com o surdo, sem a necessidade de ter receio ao entrar em contato com o mundo surdo.

Portanto, todos os vídeos analisados neste trabalho se relacionam de algum modo. Por exemplo, o vídeo de Léo Viturino, aparentemente sobre leitura labial, aborda temas como a proibição da língua de sinais e a pressão para oralizar, assim como a opressão de familiares ouvintes enfrentada pelos surdos, tema também abordado por Gabriel Isaac em seu canal *Isflocos*.

Nos canais Léo Viturino e *Visurdo*, é possível encontrar recomendações sobre interações entre surdos e ouvintes. Nelas, eles oferecem dicas sobre como se comunicar com surdos, destacando a importância de perguntar se o surdo é capaz de ler os lábios e caso ele seja/queira fazer essa leitura labial, utilizar palavras simples do cotidiano, além de enfatizar o fato de que gritar não adianta, especialmente em casos de surdez profunda. Os vídeos também abordam o bilinguismo, a escrita do português no celular e a capacidade dos surdos de terem voz, como demonstrado nos trechos "Nós temos vozes" e "você pode pegar o celular e escrever".

Todos os três vídeos convidam os espectadores a conhecerem a comunidade surda e incentivam a exploração desse mundo. No entanto, também evidenciam a constante oposição entre "identidade" e "alteridade", destacando a necessidade contínua de um posicionamento militante para a comunidade surda. Inicialmente centrada em associações para melhorar a qualidade de vida dos surdos, a militância surda tem sido vigorosa por décadas e agora se estende às redes sociais, tornando esses tipos de produções partes integrante dos diversos modos de ser surdo.

Todos os três vídeos têm objetivos informativos e se baseiam nessa ideia de um mundo compartilhado entre surdos e ouvintes. Os surdos (enunciadores) caracterizam os ouvintes como não conhecedores da cultura surda ou curiosos

sobre o mundo dos surdos, até mesmo com noções equivocadas sobre a cultura surda. Nos vídeos, todos eles deixam claro que seu objetivo não é representar qualquer desprezo ou superioridade de nenhuma das partes, mas, sim, estabelecer uma conscientização e comunicação sobre a cultura surda.

Os influenciadores dos vídeos analisados são surdos que se envolvem, ativamente, na comunidade surda e nas redes sociais como ciberativistas. Eles utilizam a língua de sinais e interagem, diariamente, com a sociedade ouvinte, na tentativa de se desvincular do ouvintismo, além de formarem suas próprias opiniões e abandonarem a ideia de inferioridade e incompletude ao se compararem com os ouvintes, introduzindo e apresentando sua cultura nas redes sociais.

Como observado por Skliar (1998), durante aproximadamente 100 anos, houve tentativas de correção e normalização dos surdos, acompanhadas de violência por parte de instituições ou da cultura social dominante que buscavam “controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais” (Skliar, 1998, p. 7), que definem as diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de indivíduos.

Os surdos que estão envolvidos com a comunidade surda tendem a se libertar dessas restrições, buscando uma identidade mais fluida. Para isso, é necessário reeducar os ouvintes e até mesmo outros surdos que não conheçam a cultura surda, com o objetivo de demonstrar que os surdos, também, são seres comuns, com costumes e artefatos culturais distintos, incluindo sua língua, visão de mundo, *hobbies* e interesses. Além disso, esses movimentos surdos buscam se engajar em questões políticas e sociais.

Como discutido no capítulo 3, “Comunicação na cibercultura: o YouTube e os *youtubers* surdos”, a internet tem facilitado essa interação com o mundo, permitindo que os surdos expressem sua cultura e opiniões nas redes sociais de forma livre e protegida, além de convidarem, constantemente, os ouvintes a conhecerem a língua de sinais e a comunidade surda, contribuindo para a educação dos ouvintes, uma vez que a mídia pode ser considerada um espaço de produção e compartilhamento de conhecimento (Pinheiro, 2012).

Quanto à minha experiência pessoal, os canais dos *youtubers* surdos me ajudaram a construir uma relação entre a comunidade surda e a língua de sinais. Muitos antes de entender o que era ciberativismo, fui influenciada por esses ciberativistas e acredito que, assim como eu, outros ouvintes, ou mesmo surdos, que

buscam conhecer e aprender mais sobre essa cultura, são muito bem-vindos a acessar os canais e, também, a conhecer a comunidade surda. Como mencionado por todos esses influenciadores: estamos em busca de paz, amor e harmonia entre as comunidades surdas e ouvintes, para, assim, construirmos novas gerações melhores e mais inclusivas.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, L. M. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73-97, jun./set. 2015.
- ALMEIDA, D. C. Semiótica Francesa: panorama e possibilidades na Linguística Aplicada. *In*: LIMA, E. (org). **Linguística Aplicada na Unicamp**: Travessias e perspectivas. Campinas: Ed. Unicamp, 2021. p. 170-191.
- ANDREIS-WITKOSKI, S. **Introdução à Libras**: língua, história e cultura. Curitiba: Ed. da UTFPR, 2015.
- BARROS, D. L. P. A comunicação humana. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística 1**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010b.
- BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística 2**: Princípios de análises. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Parma, 2005.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENVENUTO, A.; SENGUILLON, D. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento das mobilizações coletivas dos surdos. Tradução: Maria Luizete Sobral Carliez. **Revista Moara**, Belém, v. 45, jan./jun. 2016.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução: Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.
- BORGOÑO, M. A. **Aculturações**: o vazio da cultura ou o delírio da identidade. Tradução: Luciana Nogueira. Campinas: Ed. da Unicamp, 2017.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989. (Coleção História e Sociedade).
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 19.426, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, [2005]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 maio 2024.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [2002]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 23 maio 2024.

BRITO, J. L.; SÁ, N. R. L.; Estudantes surdos na escola regular: Questionando o paradigma da inclusão. *In*: SÁ, N. R. L. **Surdo**: qual escola? 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 195-225.

BURGESS, J. GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução: Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

BURKE, P. BOTTMANN, D. **Cultura popular na idade moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 385 p. ISBN: 8571640440.

BURKE, P. BOTTMANN, D. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, SP, v. 6, n.1, p. 99-116, 2000.

COMO SE COMUNICAR com o surdo? [S. l.: s. n.], 8 abr. 2019. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Visurdo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J1_a5aM1Vmw. Acesso em: 24 maio 2024.

DALCIN, G. **Psicologia da educação de Surdos**. Apostila usada na Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras: Libras, 2009.

DERDIC. **Apostila de Libras**: Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUCSP (Educação de Surdos e Clínica de Audição, Voz e Linguagem). São Paulo: Ed. IESP, 2016.

FARIAS, R. M.; SÁ, N. R. L. Na escola de surdos: o teatro como construtor identitário e cultural. *In*: SÁ, N. R. L. **Surdo**: Qual Escola? 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 225-242.

FELINTO, E. Videotrash: o YouTube e a cultura do “spoof” na internet. **Galáxia**, São Paulo, n. 16, p. 33-42, 2008.

FENEIS. **A educação que nós surdos queremos**. Portal Feneis [on-line], 2018. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/documento_a_educacao_que_nos_surdos Acesso em: 23 maio 2024

FENEIS. **O que é Feneis?** Portal Feneis [on-line], 2021. Disponível em: <https://feneis.org.br/o-que-e/>. Acesso em: 23 maio 2024.

FERRARIZI JÚNIOR, C.; MOLLICA, M.C (org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 163-174, 1995.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

GARCÊZ, R. L. Nada sobre nós, sem nós. **Revista Feneis**, Belo Horizonte, n. 44, p. 3-32, jul./ago. 2011. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_44_d4f7de921957bd. Acesso em: 24 maio 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, C. **The development of the Javanese economy**: a socio-cultural approach. Cambridge: Center for International Studies, Massachusetts Institute of Technology, 1956.

GESSER, Audrei. LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GITELMAN, L. **Always already new**: media, history and the data of culture. Cambridge: The MIT Press, 2006.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

GROSSBERG, L; NELSON, C.; TREICHLER, P. Estudos Culturais: Uma introdução. In: SILVA, T. T. da. (orgs.). **Alienígenas na sala de aula**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7-38.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANKS. W. F. **Língua como prática social das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Organizado por Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marco Antônio R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

HASHTAG. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>. Acesso em: 27 maio 2024.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos auma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KARNOPP, L; KLEIN, M; LUNARDI-LAZZARIN, M, L; **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.

KERCKHOVE, D. Ética de transparência na era do Big Data. *In*: LOPES, M. I. V.; KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 1-16.

KUMARAVADIVELU, B. Linguística Aplicada na era da globalização. *In*: LOPES, L. P. M. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129-147.

LABOURIT, E. **O vôo da Gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LANE, H. **When the mind hears**: a history of the deaf. New York: Vintage Books, 1989.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEGENDA para quem não ouve é lei. [S. l.: s. n.], 5 de ago. de 2016. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal Libras:Germano Dutra Jr. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_mZqXBAPAU. Acesso em: 24 maio 2024.

LIMA, G. B. Tipos de ativismo digital e ativismo preguiçoso no mapa cultural. *Revista Geminis* ano 3 - n. 1 | 2012, p. 71 - 96.

LOPES, M. C. **Surdez & educação**. São Paulo: Autêntica, 2007.

MACHADO, J. A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.

MACHADO, P. C. Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. *In*: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p.38-75.

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. *In*: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (org.) **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MILHOMENS, L. **Entendendo o ciberativismo sem terra na nova esfera pública interconectada**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MIRANDA, W. O. **Comunidade dos surdos**: olhares sobre os contatos culturais. 2001. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NASCIMENTO, L. C. R. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 255-265, jun. 2006.

NO RITMO do coração. Direção de Siân Heder. Produção de Emilia Jones. Massachusetts: Film Studios, 2021. 1 filme (111 min). Streaming.

OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Inside deaf culture**. 1. ed. Boston: Harvard University Press, 2006.

PELEGRINI, S. A.; FUNARI, P. P. A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (org.). **A Surdez**. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-74.

PERLIN, G.; QUADROS, R. M. Ouvinte: o outro do ser surdo. *In*: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p.166-185.

PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 14, p. 17-31, 2014.

PINHEIRO, D; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Produções culturais surdas no YouTube: estratégias de negociação e consumo de identidades. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 21, p. 121-153, 2013.

PINHEIRO, D. **Youtube como pedagogia cultural**: espaço de produção, circulação e consumo de cultura surda. 2012. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

POR QUE SOU surdo? [S. l.: s. n.], 6 nov. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Isflocos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD1P9HiWUa4>. Acesso em: 24 maio 2024.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; SUTTON-SPENCER, R. Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda. *In*: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 110-165.

QUEIROZ, E. F. C. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. **Panorama**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 2-5, jan./jun. 2017.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.) **Sociolingüística Interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

RIGITANO, M. E. C. **Redes e ciberativismo**: notas para uma análise do centro de mídia independente. Biblioteca on-line de Ciência da Comunicação, [s. l.], 2003. Disponível em: http://bocc.ufp.pt/_esp/autor.php?codautor=890. Acesso em: 24 maio 2024.

ROSA, E. F. Educação de surdos: entre a realidade e a utopia. *In*: SÁ, N. R. L. **Surdo**: qual escola? 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 141-154.

RUDIGER, F. As redes e a armação: da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico. *In*: LOPES, M. I. V.; KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 33-56.

RUDIGER, F. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SÁ, N. R. L. Aulas de música em classes de/com surdos? *In*: SÁ, N. R. L. **Surdo**: qual escola? 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 243-252.

SÁ, N. R. L. **Surdo**: qual escola? 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011.

SANTAELLA, L. A cultura digital na berlinda. *In*: LOPES, M. I. V.; KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 93-101.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. 1. ed. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, M. R. **Educação de surdos**: o discurso da inclusão educacional produzido por surdos e ouvintes. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

SCHALLEMBERGER, A. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHALLEMBERGER, A. Comunidades surdas nas redes sociais: pela resistência e perpetuação da diferença através de humor. *In*: PERLIN, G.; STUMPF, M. (org.). **Um olhar surdo sobre nós mesmo**: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012. p. 79-88.

SILVA, G. M. Padrões de uso da Libras e do português no bilinguismo dos surdos: uma análise sob a perspectiva do Princípio da Complementaridade. *In*:

RODRIGUES, C. H; QUADROS, R. M. de (org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020. p. 14-36.

SILVA, I. R.; FAVORITO, W. Surdos na escola: letramento e bilinguismo. Linguagem e letramento em foco ensino na diversidade. Campinas, 2008.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, V. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. *In*: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SKLIAR, C. **La educación de los sordos**: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendonça: EDIUNC, 1997.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.

SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. *In*: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 5-32.

SOM e fúria. Direção de James Franco. Produção de Caroline Aragon. New Sherman Oaks: Films International, 1999. 1 filme (102 min). Streaming.

SÓ VOU GOSTAR de quem gosta de mim. Compositor: Rossini Pinto. Intérprete: Roberto Carlos. *In*: ROBERTO Carlos em Ritmo de Aventura. Intérprete: Roberto Carlos. Rio de Janeiro: Columbia Records, 1967. 1 CD, faixa 12.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008a.

STROBEL, K. **História de educação dos surdos**: texto-base de curso de Licenciatura de Letras/Libras, UFSC, Florianópolis, 2008c.

STROBEL, K. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008b.

SURDOS fazem protesto em cinema para exigir filmes com legendas. **G1**, Recife, 18 set. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2016/09/surdos-fazem-protesto-em-cinema-para-exigir-filmes-com-legendas.html>. Acesso em: 29 maio 2024.

THOMA, A. S. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. *In*: LOPES, M. C. **Cultura Surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 154-283.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VALSINER, J. **A cultura e o desenvolvimento da ação infantil**. Chichester: Wiley, 1987.

VALSINER, J. **Cultura nas mentes e nas sociedades**. Nova Delhi: Sábio, 2007.

VALSINER, J. **Convite para Psicologia Cultural**. Londres: Sábio, 2014.

VILHALVA, S. A ameaçada escola de Surdos. In: SÁ, N. R. L. **Surdo**: qual escola? 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 63-74.

TODOS OS SURDOS sabem ler os lábios? [S. l.: s. n.], 7 mar. 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Libras: Léo Viturinno. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rCr1RHmY_jg&t=4s. Acesso em: 24 maio 2024.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZAPPE, C. T. **Escrita da língua de sinais em comunidades do Orkut**: marcador cultural na educação de surdos. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.